UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ODINEI FABIANO RAMOS

EXPERIÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO ESLAVA NO CENTRO-SUL DO PARANÁ (PRUDENTÓPOLIS 1895-1995)

FRANCA
2012

ODINEI FABIANO RAMOS

EXPERIÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO ESLAVA NO CENTRO-SUL DO PARANÁ (PRUDENTÓPOLIS 1895-1995)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista – Campus de Franca como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.
Área de Concentração: História e Cultura
Orientadora: Profª. Dra. Ida Lewkowicz

FRANCA
2012

ODINEI FABIANO RAMOS

EXPERIÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO ESLAVA NO CENTRO-SUL DO PARANÁ (PRUDENTÓPOLIS 1895-1995)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista – Campus de Franca como requisito à obtenção do título de Doutor em História. Sob orientação da Profª. Dra. Ida Lewkowicz

Aprovado em 20/06/2012

BANCA EXAMINADORA:

_____

PROFª.DRª. IDA LEWKOWICZ – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – ORIENTADORA

_____

PROF. DR. JAIR ANTUNES – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/PR

_____

PROF.DR. TÉRCIO PEREIRA DI GIANNI – PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCA

_____

PROF. DRª. MARISA SAENZ LEME – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA/FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

_____

PROF. DR.LÉLIO LUIZ DE OLIVEIRA LEME – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA/FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Dedico esse trabalho à minha esposa Andrieli, aos meus pais Odilon e Roseli aos meus irmãos e amigos, sem os quais não teria forças para encarar esse desafio.

AGRADECIMENTOS

Manifesto aqui meus agradecimentos àqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Certamente, não conseguirei enumerar todas as pessoas, por terem tido participação diferenciada, às vezes singular, porém significativas.

A minha orientadora Ida Lewkowicz pelas suas contribuições valiosas, assistência dedicada, sua compreensão e paciência e, principalmente, por ter-me dado liberdade de seguir meus objetivos e de ousar na produção desse trabalho.

Aos professores: Marisa Saenz Leme e Tércio Pereira di Gianni pelas críticas e direcionamentos que auxiliaram na construção dessa tese.

Aos professores e colegas da pós-graduação com os quais muito discuti e aprendi. Em especial a Profª. Drª. Margarida Maria de Carvalho, Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França e Prof. Dr. José Evaldo de Mello Doin.

Agradeço também aos amigos André "Kupesca" Zakalugem e Eliane Lupepsa pelas correrias em busca de fontes.

A todos que entrevistei, conversei, "incomodei", troquei idéias, pela atenção, contribuição e carinho recebido.

Aos professores e acadêmicos da UNESPAR – Paranaguá que tanto colaboraram para minha caminhada.

Meus sinceros agradecimentos

RAMOS, Odinei Fabiano. **EXPERIÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO ESLAVA NO CENTRO-SUL DO PARANÁ (PRUDENTÓPOLIS 1895-1995)** 219 f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2012.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar de que forma a noção de pertencimento tem sido reivindicada por descendentes de poloneses e ucranianos na cidade de Prudentópolis, Estado do Paraná e, em especial, o papel que os casamentos interétnicos têm desempenhado na construção/transformação da identidade sociocultural desses grupos étnicos. Percebe-se o município de Prudentópolis como local de sociabilidade, visto notar a presença massiva de imigrantes ucranianos e seus descendentes, bem como suas influentes correlações de interesses para com os descendentes de poloneses e descendentes da pequena população que já habitava a região no período anterior à imigração. Optou-se como recorte temporal para a presente pesquisa, pelos anos de 1895 a 1995, período em que a imigração foi intensa na região e quando as relações sociais desses grupos étnicos eram determinadas ora pelo Estado, ora pela Igreja. Para perceber a influência dessas instituições na construção identitária da população prudentopolitana e, consequentemente, dos seus indivíduos, será feita a análise do imaginário e das representações coletivas dos imigrantes na colonização do município supracitado.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; imaginário; sociabilidade

RAMOS, Odinei Fabiano. **EXPERIENCES OF THE SLAVIC COLONIZATION IN THE SOUTH-CENTER REGION OF PARANÁ (PRUDENTÓPOLIS 1895-1995).** Thesis (Doctorate in History) – Paulista State University "Júlio de Mesquita Filho", Franca 2012

ABSTRACT

The present research aims to analyze how the notion of belonging has been expressed by the descendants of Polish and Ukrainian people at the city of Prudentópolis, State of Paraná; particularly concerning the role that interethnic marriage has played in the construction / transformation of those ethnic groups sociocultural identity. Prudentópolis is perceived to be a place of sociability, since one can observe a massive presence of Ukrainian immigrants and their descendants, as well as their influential correlation of interests towards descendants of polish people as well as descendants of the small population inhabiting that region prior to the immigration process. This research comprises the 1895 – 1995 period, in which immigration in that region was intense, and when social relationships of those ethnic groups were determined either by the State or by the Church. Viewing to perceive the influence of those institutions in the construction of Prudentópolis population identity and, in consequence, of their individuals, an analysis of the immigrants´ imaginary and collective representations in the colonization of the abovementioned city will be accomplished.

KEYWORDS: Immigration; imaginary; sociability

RAMOS, Odinei Fabiano. **EXPERIENCIAS DE LA COLONIZACIÓN ESLAVA EN EL CENTRO SUR DEL ESTADO DE PARANÁ (PRUDENTÓPOLIS 1895-1995)** 219 h. Tesis (Doctorado em História) – Universidad Estatal Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2012.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es examinar de que manera la noción de pertencia ha sido reclamada por los descendientes de polacos y ucranianos en la ciudad de Prudentópolis, Estado de Paraná y, en particular, la importancia que los matrimonios entre etnias distintas tienen en la construcción y/o transformación de la identidad socio-cultural de estos grupos étnicos. Prudentópolis se enseña como un lugar de sociabilidad, en virtud de la presencia masiva de inmigrantes ucranianos y sus descendientes, asi como sus correlaciones de interés que influyeron los descendientes de polacos y descendientes de la pequeña población que vivia en la región en el periodo anterior a la inmigración. Para este estúdio se ha eligido como marco de tiempo el periodo entre los años 1895 a 1995, en que la inmigración fue intensa en la región y cuando las relaciones sociales de estes grupos étnicos fueron determinadas por el Estado o por la Iglesia. Para determinar la influencia de estas instituciones en la formación de la identidad de la población de Prudentópolis y,consecuentemente, de sus habitantes, se hará un estudio del imaginario y de las representaciones colectivas de los inmigantes en la colonización de esta ciudad.

Palabras clave: inmigración; imaginario; sociabilidad

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA Nº 01 – LOCALIZAÇÃO DA UCRÂNIA 23

FIGURA Nº 02 - MAPA DO IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO 32

FIGURA Nº03 – LISTA DE IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DO PARANÁ – 1895 58

FIGURA Nº 04- MAPA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO – 1850 62

FIGURA Nº 05- MAPA DA PROVÍNCIA DO PARANÁ 68

FIGURA Nº 06 - MAPA DO ESTADO DO PARANÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1908 70

FIGURA Nº 07 - PLANTA DA COLÔNIA DE PRUDENTÓPOLIS – INDICAÇÃO DAS LINHAS E LOTES DISTRIBUÍDOS AOS COLONOS 75

FIGURA Nº 08 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS 78

FIGURA Nº 09 DESCENDENTES EM DESFILE CÍVICO 114

FIGURA Nº 10 - HAÍLKA NA IGREJA NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO, LINHA ESPERANÇA, PRUDENTÓPOLIS 153

LISTA DE TABELAS

TABELA Nº 01 - TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS-PR 1895 - 1995 128

TABELA Nº 02 - TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS-PR 1900 - 1920 130

TABELA Nº 03 - TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS-PR 1921-1940 146

TABELA Nº 04 - TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS-PR 1941-1960 149

TABELA Nº 05 - TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS-PR 1961-1980 151

TABELA Nº 06 - TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS-PR 1981-1995 154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

Bibliografia fundamental sobre o tema 15

Estruturação da pesquisa..... 18

CAPÍTULO 1 – AS FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS E A COMPOSIÇÃO HISTÓRICA DE UM MUNDO EM (DES)COMPASSO..... 21

1.1 – UCRÂNIA E POLÔNIA - ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS 22

CAPÍTULO 2 – DIALÉTICA DA MIGRAÇÃO: QUEM MIGRA E PORQUE MIGRA 39

2.1 QUEM MIGRA E PORQUE MIGRA: COMO UCRANIANOS E POLONESES VÃO PARAR EM PRUDENTÓPOLIS? 41

2.1.1 Ucranianos em território brasileiro..... 48

2.1.2 Também chegam os poloneses 54

2.2 RESISTIR E/OU NEGOCIAR 58

CAPÍTULO 3 - CONSTRUINDO O LOCAL: A VILA, A COLÔNIA E O MUNICÍPIO 61

3.1 O LUGAR E O LOCAL: PRUDENTÓPOLIS 62

3.2 A TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR: A COLÔNIA E O MUNICÍPIO..... 73

3.3 OS QUE CHEGARAM E O QUE FORMARAM: RELAÇÕES DE ALTERIDADE NO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS..... 79

CAPÍTULO 4 – ENTRE A FRONTEIRA IDENTITÁRIA E A INTEGRAÇÃO ÉTNICA: UMA BARREIRA TÊNUE, PORÉM, PERCEPTÍVEL..... 84

4.1 O JOGO DA ETNICIDADE – TRANSPOSIÇÃO DE FRONTEIRAS E OS CONTATOS INTERÉTNICOS 90

4.1.1 Jogo das identidades e a constituição da etnicidade..... 95

4.2 A DINÂMICA DAS IDENTIDADES E O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO: UCRANIANOS E POLONESES SE TORNAM BRASILEIROS E TODOS SE TORNAM PRUDENTOPOLITANOS..... 100

4.2.1 As diferenças são diferenças ou apenas discursos? Os dois lados de uma mesma moeda 103

CAPÍTULO 5 – AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS COMO CONSTITUIDORAS DA INTEGRAÇÃO ÉTNICA..... 117

5.1 CASAMENTOS INTERÉTNICOS EM PRUDENTÓPOLIS: RITOS, CRENDICES E ESTRUTURAS FAMILIARES..... 125

5.1.1 Casamento polonês e ucraniano: formas e característica: 1900-1920 129

5.1.2 Divisão tradicional dos papeis conjugais e familiares – quem vai morar com quem? 141

5.1.3 – O Prácia e o idioma ucraniano: 1921-1940..... 146

5.1.4 Ghaghilky e Volotchilne: 1941-1960 149

5.1.5 Festas, Festejos e Reuniões familiares..... 153

CONCLUSÃO 163

BIBLIOGRAFIA: 171

APÊNDICES 180

ANEXOS 190

INTRODUÇÃO

Dissertar sobre grupos imigrantes e suas relações interétnicas parece uma tarefa árdua, pois desencadeia uma multiplicidade de fatores que mexem com ranços tradicionais ainda em grande medida arraigados no imaginário popular cotidiano do local. Situações são criadas nos lugares de recepção dos grupos étnicos que avivam antagonismos oriundos da região de procedência, assim como a situação inversa causa um impacto irreversível na estrutura cultural de grande permanência.

A área onde hoje se situa o município de Prudentópolis agrega em torno de si uma miscelânea de tradições das mais variadas, pois seu aporte cultural formado por poloneses, ucranianos, indígenas e caboclos de toda monta pode ser experienciado cotidianamente no *modus vivendi* do indivíduo prudentopolitano. Mas tal *identidade* prudentopolitana existente hoje não foi construída sem conflitos. Imaginar-se a alocação de grupos culturais tão díspares entre si em um mesmo espaço sem que este convívio tenha gerado embates, seria ingenuidade de nossa parte. Tal relação conflituosa não poderia deixar de ali aflorar, pois aparecem desde as diferenças quantitativas de indivíduos em cada grupo, quanto na forma de ajuda oficial e extraoficial que cada um obteve, bem como nas reservas monetárias e mesmo de material que cada grupo trouxe de além-mar ou obteve em sua chegada.

Desta forma, para traçarmos o perfil cultural-identitário da atual população da cidade de Prudentópolis, nosso trabalho será focado em dois pontos principais. Em um deles, analisaremos qual o peso que teve na determinação da forma de organização cultural local, a disparidade demográfica entre os grupos, ou seja, analisaremos o fato não pouco relevante de que a hegemonia quantitativa da população ucraniana (e seus descendentes) do município, tenha ao mesmo tempo imposto uma supremacia, em graus variáveis sobre as representações coletivas constituintes do imaginário popular na cidade. No segundo ponto, procuraremos mostrar que a ideia de uma identidade prudentopolitana, ou seja, a ideia de uma possível conciliação cultural entre os grupos em torno de uma cultura supostamente

comum, teria sido formada a partir de um processo de integração que pôde ser visualizado com do aumento significativo dos casamentos interétnicos.

Assim, o estudo de populações de origem e de cultura diferentes, bem como suas relações ao entrarem em contato no seio de uma mesma sociedade, ajuda a caracterizar o objeto desse trabalho.

A premissa parte da necessidade de compreender a sociedade prudentopolitana por meio do amálgama cultural formulado pela cumplicidade adquirida, mesmo que através do distanciamento para com o outro. Porém, o que importa aqui é compreender as fronteiras identitárias não como uma forma de rejeitar a identidade do outro, mas sim a de negociar os quadros representativos que irão definir a construção de uma nova identidade pautada na integração étnica.

Diante das questões formuladas, a problemática da pesquisa consiste em analisar o processo de sociabilidade diante a colonização ucraniana no município de Prudentópolis, no período de 1895-1995, bem como a permanência e/ou (des)continuidade de valores culturais e sua influência no processo de identificação étnica e cultural do município, o que por muitas vezes bateu de frente com representações coletivas tanto de poloneses como de caboclos. A análise desse material poderá indicar a integração étnica, em detrimento aos movimentos de expulsão constituídos a partir das consolidações de fronteiras identitárias.

Bibliografia fundamental sobre o tema

Ao buscar e analisar as produções que evidenciam a composição étnica do município de Prudentópolis chegou-se a um compêndio de pesquisas que buscam evidenciar ora o imigrante e suas fronteiras ora os do local. Inicio essa exposição com a obra de Gomes (1972), - *Prudentópolis: sua terra, sua gente* - que expõe de forma cronológica a estruturação política e social do município. Essa obra, toda pautada no livro de Camargo (1929) – *Homenagem do município de Prudentópolis* – e foi considerada como o principal livro acerca do referido município até a obra de Guil (2006) – *Prudentópolis: 100 anos* – que assim como os demais se trata de um livro comemorativo, porém com algumas

preocupações de cunho teórico metodológico, bem como apresenta significativo acervo documental.

Percorrendo então a historiografia sobre o município de Prudentópolis, percebe-se que os historiadores locais teceram, em diferentes passagens, sínteses históricas do município, sem salientar a contribuição cultural dos povos que compõem o quadro social da região e quando o fizeram foi de forma lacônica e metódica. Gomes (1972), como já citada, apenas faz uma síntese histórica do município de Prudentópolis, deixando de salientar a importância dos diferentes grupos que compunham a população prudentopolitana. Vale reafirmar que esse é um livro comemorativo e que não foi escrito por um historiador, o que poderia explicar a falta de argumentos teóricos. Não podemos deixar de aceitar a contribuição dessas produções, visto que é através delas que analisamos a estrutura ideal dos mantenedores do poder político-social. Através dos vultos históricos ali enaltecidos, percebemos os diferentes papéis de ucranianos – como os responsáveis pelo progresso econômico do município - e os do local, responsáveis pela sua organização política.

Fazendo referência aos elementos mitológicos nos contos populares ucranianos, KORCZAGIN (1998) – *Colonização prudentopolitana* – não preocupa-se em deixar claro os motivos que levavam esses ucranianos a crerem nessas alegorias. Em PASTUCH (1998) – *Ucranianos em Prudentópolis* - encontramos citações sobre ressurreição e eternidade nos contos ucranianos, mas sem elucidar se esses contos fazem parte do imaginário dos ucranianos instalados em Prudentópolis. Ao fim dessas leituras não sabemos as relações que criaram, mantiveram e difundiram essas crenças.

É importante reconhecer que esses contos auxiliaram na construção de aspectos da identidade ucraniana, pois traziam alegorias que eram identificadas como místicas pelos ucranianos e seus descendentes e serviram como elemento de diferenciação entre ucranianos e os demais grupos étnicos que não conheciam tais contos.

Os trabalhos monográficos e dissertativos também valorizaram as contribuições trazidas por diferentes grupos étnicos em diferentes épocas. Dentre esses trabalhos se encontra a pesquisa intitulada *Ucranianos, poloneses e "brasileiros": Fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis-PR*

que assumo de minha autoria e que espero transpor com essa pesquisa. Ela serviu como base para esse trabalho visto que a discussão não cessa e as respostas suscitam novos questionamentos.

Ao analisar as produções historiográficas no Estado do Paraná percebemos que existem contribuições significativas, de relevância teórica acerca da temática em questão. Considera-se como exemplo os estudos feitos pela pesquisadora da Universidade Federal do Paraná Maria Luiza Andreazza em seu livro *O Paraíso das Delícias: um estudo da imigração ucraniana -1895 - 1995*, bem como outros artigos que, mesmo tendo como recorte espacial outros municípios da região, contribuem como fonte para futuras pesquisas sobre o tema e para o estudo de ucranianos em Prudentópolis. Não podemos deixar de citar o estudo de Oksana Boruszenko em sua obra *Os ucranianos* e *A imigração ucraniana no Paraná*, que auxiliaram diversos historiadores a comporem suas referências bibliográficas.

Quando falamos sobre imigração ucraniana notamos que existem vários estudos que nos servem de referência e que serão utilizados no decorrer da presente pesquisa. São exemplos: Burko, 1963; Wouk, 1981: Hanicz, 1996; Kusma, 2002; Ivanchichen, 2002; Ramos, 2006; Guérios, 2007; Lupepsa, 2008.

Vale ressaltar que existe uma discussão muito acentuada sendo feita pelo Núcleo de Estudos Eslavos da UNICENTRO-PR, em parceria com o Mestrado de História que conduz suas temáticas em torno da eslavicidade e imigração. Essa discussão certamente contribuirá para a construção de uma base teórica mais sólida para o estudo da dinâmica das fronteiras étnicas e do processo de construção de novas identidades.

Com base neste material e com a incursão na bibliografia histórica, pode-se analisar as diversas relações existentes entre os caboclos e os imigrantes no período de 1895 e 1995 e, diante destas considerações, percebe-se que o estudo do imaginário e das representações coletivas do povo prudentopolitano é sem dúvida um objeto da história, pois muito contribuirá para os diversos estudos sobre a presença dos imigrantes ucranianos e suas correlações com os demais povos instalados no Brasil.

Isso leva a crer que a abordagem proposta pelo presente projeto, principalmente levando em consideração a qualidade e o ineditismo das fontes, poderá ser uma contribuição para a ampliação das pesquisas de cunho

histórico acerca do imaginário que povoou e povoa a mente do povo prudentopolitano no período proposto.

Estruturação da pesquisa

A recorrência de determinados temas e termos utilizados nesse trabalho pode ser confrontada com informações contidas em livros de história local, bem como através de relatos orais que caracterizam a constituição do cotidiano. Formaram, também, o alicerce de diversas análises, discussões e pesquisas anteriores, mas que buscavam um objetivo. Foi essa recorrência que permitiu amadurecer o objeto de estudo, a ponto de perceber não somente as diferentes identidades étnicas e suas fronteiras apenas como fórmulas para rejeitar o outro, mas como a negociação de uma nova identidade em construção: a prudentopolitana que surge como consequência de um processo de integração étnica.

Os apontamentos dos resultados da pesquisa foram divididos em cinco capítulos. No primeiro procuramos descrever o panorama do território eslavo (especificamente ucraniano e polonês) que possibilitou (ou obrigou) que milhares de famílias deixassem seus parentes e antepassados para trás e imigrassem para terras tão distantes, muitos para nunca mais retornar. Faremos aqui uma contextualização histórica dos dois países em questão, mostrando o contexto cultural de cada um, pois ambos foram formados à base de lutas internas, guerras e jugo e subjugo de seus vizinhos. É do resultado destas lutas internas e externas e da formação de uma economia de mercado que muitos camponeses se viram expropriados de suas terras, bens materiais e mesmo de seus costumes. Vendo, portanto, na migração para outra terra, a possibilidade de cura das mazelas que aqueles tempos difíceis lhes havia imposto. Poderemos compreender quais os condicionantes para a construção do imaginário do além-mar e, depois, entender que as fronteiras estabelecidas em solo prudentopolitano foram a difusão das anteriormente constituídas.

Porém as fronteiras não ficariam intactas. Elas se transformaram através do processo de migração que colocava frente a frente diferentes grupos que estabelecem suas diferenças. O processo imigratório seria a ponte entre a terra deixada para trás e o novo mundo que encontraram, esse criado e recriado de

diferentes formas e por diferentes indivíduos. Seriam três mundos por muitas vezes distintos: o prometido, o sonhado e o encontrado. Essa relação definiria o papel do imigrante na chegada ao local de hospedagem e se torna a discussão do segundo capítulo dessa pesquisa.

No terceiro capítulo procuraremos mostrar como se deram a chegada e os inícios da colonização no atual município de Prudentópolis. Mostraremos situações como: a difícil relação com os já estabelecidos (caboclos e indígenas); a dificuldade de comunicação; a necessidade de derrubada da mata para formação do roçado; a adaptação à culinária local e a difícil imposição e manutenção de seus antigos costumes. Sobretudo a angústia com a sensação de abandono e a saudade do local de origem. Também será objeto desse capítulo a formação da cidade e as lutas pela hegemonia política, religiosa e econômica – onde geralmente estes três elementos estiveram atrelados às mãos de apenas um ou poucos indivíduos ao mesmo tempo.

Essa primeira parte da pesquisa indica o recorte espaço-temporal e busca apontar, dentro de certa cronologia, as relações políticas e socioculturais de ucranianos e poloneses ainda em território europeu, e os arranjos territoriais definidos pelo Governo do Estado do Paraná para a recém criada (final do século XX) colônia de imigração ucraniana, no que futuramente seria denominado de Prudentópolis. Através desses capítulos serão compostos quadros de características físicas e históricas que determinaram as limitações impostas aos grupos étnicos que se estabeleceram no local. Muitas das respostas adaptativas verificadas nos primeiros tempos de alocação foram responsáveis pela formulação do lugar e do local, constituindo um novo paradigma identitário.

Na segunda parte, que se inicia com o quarto capítulo, trataremos da definição dos principais conceitos utilizados neste trabalho e que possibilitam teorizar acerca dos indivíduos e a coletividade prudentopolitana em suas práticas cotidianas. São eles: identidade – entendida como conciliação cultural entre os grupos em torno de práticas culturais comuns –, fronteira, imaginário e integração.

Na tentativa de ligar a teoria à prática serão definidos quais os quadros representativos que instituem a fronteira étnica e quais os que estabelecem a integração étnica. Através dos usos, costumes, representação e principalmente

pelo reconhecimento dos mesmos pela população prudentopolitana é possível constituir o imaginário popular e/ou coletivo e, dessa forma, representar a nova identidade local, definida pela integração entre os grupos.

No quinto e último capítulo procuraremos fazer uma aplicação das noções de identidade e fronteira simbólicas para compreendermos como teria se dado a construção da identidade prudentopolitana ao longo de mais de um século de convívio entre as etnias ali presentes. Para tal, torna-se necessário perceber o material e o apego simbólico da população prudentopolitana à diversidade de representações coletivas, antes vistas como primordiais ao seu grupo étnico determinado: o ucraniano, o polonês e o brasileiro se tornam prudentopolitanos através de um constante processo de integração. Essa será a reprodução prática e recorrente de imigrantes sobre a perspectiva da identidade, fronteira e integração.

Percebe-se que as fronteiras foram se movendo com o passar do tempo e se constituindo em outras novas, talvez mais tênues e mais flexíveis, e de maior tolerância.

Para esse fim nos utilizaremos dos registros paroquias relativos aos casamentos, sobretudo levando em consideração os casamentos interétnicos, os quais inicialmente eram proibidos e posteriormente difundiram-se entre os casais de jovens enamorados, alheios a tais ranços da tradição calcada na suposta “pureza racial” apregoada pelos mais antigos. Assim, estes casamentos teriam sido a “prova material” de que uma nova identidade mais “universal” se impôs, definiu a nova perspectiva cultural e determinou uma nova caracterização do imaginário coletivo prudentopolitano.

CAPÍTULO 1 – AS FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS E A COMPOSIÇÃO HISTÓRICA DE UM MUNDO EM (DES)COMPASSO

É difícil compreender as possíveis transformações de uma identidade que não conhecemos – a transformação da identidade prudentopolitana é analisada em relação a qual outra identidade? Qual é o parâmetro estabelecido? Essas, talvez, seriam inquietações de leitores que não conhecem a composição da identidade ucraniana e polonesa no que antecede a imigração. Para evitar tal situação, o propósito desse capítulo é realizar uma síntese histórica da Ucrânia e da Polônia e analisar, mesmo que de forma sucinta, a identidade nacional de cada um dos países vistos pelos agentes de colonização como iguais.

Trabalhar com o histórico desses países parece um pouco forçado e em vários momentos difícil, pois são construções de conhecimento feitas por imigrantes e descendentes e, por isso, carregadas de saudosismo que constantemente são revividos pelos discursos que enaltecem a antiga pátria a fim de buscar elementos que os diferenciem dos demais povos da região, produzindo e reforçando sua identidade.

Também é difícil escapar do tom metódico que acaba transparecendo em tais produções, principalmente pelo constante apego ao cronológico e aos vultos históricos. Uma história ritmada, fragmentada e nostálgica torna essa leitura morosa e sistemática. Alguns autores serão utilizados como referência para a estrutura do capítulo. Destacam-se: Burko, 1963; Wouk, 1981; Pimentel, 1998; Kusma, 2002; Ivanchichen, 2002; Schneider, 2002; Ramos, 2006; Guérios, 2007.

Compreender os aspectos geográficos e históricos desses países se torna necessário para entender quais foram os condicionantes da imigração de ucranianos e poloneses. Tal compreensão serve para analisar de que forma as fronteiras identitárias se constroem e se modificam no decorrer de séculos de jugo e subjugo, para depois entender o porquê das barreiras serem encontradas e construídas em território brasileiro.

1.1 – UCRÂNIA E POLÔNIA - ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS

É evidente que não seria possível detalhar a História da Ucrânia e Polônia desde seu princípio até porque fugiria do propósito desse capítulo que é o de esclarecer o leitor. Apenas situá-los no contexto que antecede a imigração parece o mais cabível nesse momento. Claro que algumas recorrências ao passado recente serão necessárias para trazer à tona a discussão sobre a identidade e as fronteiras criadas pelo confronto político e sociocultural desses países.

Torna-se uma tentativa extremamente arriscada visualizar o território ucraniano sem se perder e se prender nas transformações históricas decorrentes de séculos de variações econômico-sociais, principalmente por se tratar de um território cobiçado pelos países vizinhos por causa da fertilidade do solo.

A Ucrânia possui uma área de 603.700km², sendo assim o segundo maior país da Europa. O território está situado entre o Mar Negro e o de Asov, fazendo parte da região centro-oeste do continente europeu. Ao norte a Ucrânia faz fronteira com a Bielorrússia, a leste com a Rússia, ao sul com o Mar Negro, que tem do outro lado de sua margem a Turquia, e a oeste está seu maior número de vizinhos, sendo eles: a Romênia, a Moldávia, a Hungria e a Polônia, com os quais tiveram as principais relações belicosas, mas também de proximidades culturais. (KUSMA, 2002)

FIGURA Nº 01 - LOCALIZAÇÃO DA UCRÂNIA

FONTE: Acervo do Museu do Milênio.

Visualizar o espaço geográfico da Ucrânia permite compreender que as fronteiras estabelecidas historicamente sofreram significativas transformações, ainda mais quando se percebe que as fronteiras territoriais ucranianas foram constantemente alargadas e reduzidas em diferentes épocas, principalmente pela relação belicosa com seus vizinhos, dentre eles a Polônia.(FIGURA Nº 01)

De acordo com Ramos, (2006)

> Através dela, podemos chegar a diferentes formas de existência dos grupos que o habitam e habitaram a região da Ucrânia em diferentes momentos da história. Mas esse espaço não se reduz ao visível, pois sempre esteve em constante movimento de transformação, tanto territorial, quanto identitário. O espaço geográfico ucraniano foi, assim como outros através da história, organizado por um campo de forças, de fluxos, de relações de interesses que só são revelados a partir de uma cuidadosa análise histórica. (RAMOS, 2006: p.18)

Partindo do princípio de que as formas e as estruturas do espaço geográfico provêem das ações humanas, podemos perceber que o homem imprime seu modo de vida, suas singularidades culturais, criando ou transformando seu modo de se relacionar com os outros.

Durante séculos, a Ucrânia resistiu às investidas de diversos povos que tentavam subjugar sua população, o que certamente ajudou a criar e a transformar a identidade étnica e nacional do povo ucraniano.

> Ao longo de sua história, os ucranianos tenderam a ser absorvidos pela corrente majoritária do grupo eslavo, principalmente pelos poloneses, com os quais possuíam maior afinidade cultural, apesar da distinção das duas culturas, o que é facilmente constatado ao se retomar a cristianização no século X, quando o reino da Ucrânia solidificou sua cultura eslava, que nas suas peculiaridades era integrada por elementos bizantinos. (ZAROSKI, 2001: p. 9)

A criação de uma "nova" identidade não aconteceu em curto espaço de tempo, o que torna necessário que remontemos esse quebra-cabeça histórico para que possamos entender melhor esse fenômeno.

As transformações geográficas (fronteiriças e limítrofes) são determinadas pelas ações de diferentes grupos em suas constantes relações com os outros, o que inevitavelmente acaba por influenciar a construção/transformação da fronteira identitária. O território ucraniano, por exemplo, estava localizado no cruzamento das rotas leste-oeste, onde mantiveram contato com os povos nômades. Essa localização tinha como consequências: as invasões de povos considerados bárbaros; condições climáticas específicas, que resultavam num solo propício para o plantio e por isso cobiçado pelos grandes impérios da época. (BURKO, 1963)

> Nos séculos XIII e XIV, os ucranianos sofrem a invasão e ficam sob o domínio dos mongóis. Posteriormente, quem os domina são os poloneses e os lituanos. (...) No século XVII, a Ucrânia fica dividida entre a Rússia, a leste do rio Dnieper, e a Polônia, a oeste. No final do século XVIII, a Rússia amplia seus domínios, ao mesmo tempo em que a Áustria se apossa das terras a oeste do país. (ZAROSKI, 2001: p. 09)

Essas ocorrências, por vezes complexas, nos ajudam a entender ou pelo menos iniciar a compreender os fatores que levaram à criação de um imaginário coletivo voltado para a desconfiança em relação ao outro e de temores para com o diferente.

Essas constantes invasões, a princípio, se deviam ao fato das terras da Ucrânia, segundo Ivanchichen (2002), estarem situadas numa área de "tchornozen[1]", que em razão da agricultura movimentou a economia nacional ucraniana.

Iniciado com a disputa pela terra produtiva se tornou constante também, a luta pela hegemonia política da região. Discursos eram criados e recriados na medida em que os donos do poder local também se modificavam. Eram discursos ora nacionalistas, ora impostos pelos dominantes, porém que determinaram a construção/transformação[2] da identidade ucraniana e impuseram a caracterização do tipo ideal do ucraniano, polonês, austríaco.

Na construção dos mitos fundacionais, fundamentais para a construção de sua história, os ucranianos remontam sua origem em duas teorias genealógicas que acabam por dificultar ainda mais a compreensão de seu passado, pois não possuem fontes suficientes ou confiáveis para que possamos fazer uma análise concreta da sua formação.

A primeira afirma que a formação histórica do povo ucraniano começou acerca de três mil anos antes da era cristã, na chamada "Cultura de cerâmica pintada", que foi descoberta na Ucrânia no ano de 1880 (KUSMA, 2002: p. 03). A outra, mais difundida entre estudiosos da temática, é a levantada por Burko (1963), que diz que os primeiros habitantes da região, que mais tarde se tornaria a Ucrânia, eram os Citas[3], porém, inexistentes também são os dados

---

[1] "Tchornozen" é uma região de terras negras que é considerada a mais rica do continente europeu.

[2] Quando me refiro a uma formação/transformação da identidade é compreendendo que a identidade ao mesmo tempo em que está sendo transformada por discursos e temores, toma outros aspectos que fazem com que ela pareça estar se formando novamente, adquirindo aspectos diferentes dos habituais, confundindo o que é tradicional com o que é novo e que não faz parte de seus meios de identificação, é algo emprestado. Notamos que nenhuma identidade é construída por completo, mas ela é a transformação de outras identidades já envoltas por todo um processo globalizante e que precisam se adequar às necessidades desse mundo que muda cada vez mais rápido.

[3] Os Citas era um povo nômade que migrou da Ásia no século VIII a. C., eram salteadores que vieram a se tornar senhores de terras nas estepes europeias.

que confirmem que realmente foram os Citas que deram origem ao povo eslavo e em sua derivação o ucraniano.

> Os eslavos eram grupos de pessoas e famílias que acampavam perto de florestas e pântanos no território que hoje abrangeria a região onde se localiza a Polônia, a Rússia e a Ucrânia. Nessa região, os eslavos criaram pequenos estados efêmeros, que mais tarde formariam a Eslováquia, Eslovênia, Croácia, Hungria, Macedônia dentre outros. (RAMOS, 2006: p. 09)

Não nos deteremos numa história remota e com informações pouco confiáveis. Assim, com um avanço temporal significativo chegamos ao século VII, quando se inicia o processo de unificação de sete tribos eslavas. Essa unificação teve como objetivo, fortalecer o grupo que se via fragilizado perante outros grupos que invadiam os domínios das sete tribos, que já se mostravam difíceis de serem controlados e mantidos. Essa unificação criou um Estado forte e compacto chamado de Estado da Rus' de Kyiv que se estendeu desde os montes Carpatos até o Rio Volga.

> A Rus' de Kyiv foi de grande influência político-econômica na Europa, devido aos seus contatos com o império Bizantino, Polônia, Boêmia, Hungria, Bulgária e Escandinávia, tornando-se assim um mediador entre os grandes impérios da época. (IVANCHICHEN, 2002: p. 08)

Da dinastia dos Ruricovytch, de origem normanda, deriva a genealogia do poder ucraniano perante os demais grupos, visto que a ela se deve a formação do Estado de Kiev. Foi durante o reinado de Oleh Ruricovytch (874 – 914), que os limites do Estado de Kiev foram alargados, passando a se estender desde o rio Don, a leste, até os Carpatos, a oeste, aumentando assim seu território até as duas margens do rio Dnipró. Os limites do território ucraniano não paravam de crescer, pois os sucessores de Oleh continuavam alargando as fronteiras, fazendo com que a Ucrânia se tornasse um dos mais vastos impérios. (KUSMA, 2006)

Nesse contexto o ucraniano se identifica como participante da alta aristocracia européia, visto que a Ucrânia desempenhou um papel fundamental na conjuntura dos grandes impérios da época. Com a visibilidade mundial os

ucranianos se distanciaram de seus vizinhos, aumentando sua aproximação com o Império Bizantino e resultando em constantes contatos e acordos com esse poderoso império.

Com os diversos acordos comerciais e políticos veio também a aproximação religiosa. Quando a Rainha Olga[4], viúva do príncipe Igor, abandonou por vez o paganismo, adotou o cristianismo como religião, influenciando a população ucraniana para que também o fizesse, pois deste modo poderia estreitar as relações com o Império Bizantino.

A transição do paganismo para o cristianismo foi então consequência da relação de interesse entre dois grandes impérios, o que resultou numa transformação identitária que depois de assumida gradativamente pela população foi transferida junto com as famílias no momento da imigração. A cristandade, então, já era constitutiva do imaginário coletivo que pode ser percebido e analisado em diversas partes do mundo onde houve a imigração ucraniana, inclusive no Brasil não sendo uma exceção o caso de Prudentópolis e região onde se pode notar a devoção ao catolicismo.

Porém, o catolicismo só se torna religião oficial do Estado ucraniano no final do século X quando o príncipe Volodymir[5], o Grande (Santo Valdomiro) converte-se ao cristianismo. Foi consequência de seu casamento com Anna, irmã do imperador bizantino. (PIMENTEL, 1998)

Ainda segundo Pimentel (1998: p.11), o "sucessor de Volodymir foi Iaroslav, o sábio. Foi ele que reedificou Kiev, construindo igrejas, tornando a capital uma grande metrópole"[6]. De acordo com o autor (1998), o maior feito realizado por Iaroslav foi a codificação das leis existentes na Ucrânia – *Ruska*

[4] Foi a primeira mulher que ocupou o principado e a primeira princesa que, no ano de 955 d.C., batizou-se na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, e na fé Ortodoxa.

[5] O grão-príncipe Volodymyr era neto da princesa Olga. Foi Volodymir que batizou a Ucrânia, pois durante boa parte da Idade Média, a Ucrânia era chamada de Ruthenia e era constituída por diversos principados. Em consequência, os ucranianos eram chamados de ruthenos, que é uma forma latinizada de "russo". Essa designação "persegue" os ucranianos até os dias de hoje, que não gostam de serem chamados dessa maneira. O termo "rutheno" funciona como um mecanismo de combate à fronteira étnica, visto que ele tende a homogeneizar os povos eslavos, fazendo com que os ucranianos, poloneses e russos pareçam um único povo. (RAMOS, 2006)

[6] De acordo com Kusma, 2002, Iaroslav construiu muitas igrejas, entre elas a Catedral de santa Sofia. Sua construção durou quinze anos. Em sua época teria reinado o bem-estar com o zelo que tinha na defesa da terra natal.

Pravda[7] – que foi de suma importância para que a Ucrânia interagisse com diversos países e impérios, inclusive o Bizantino.

> Com a morte de Iaroslav (1019-1054), o Estado de Kiev começa a decair, pois as constantes invasões de povos asiáticos desencadearam uma guerra para a conquista do trono, tornando insustentável a manutenção da ordem dentro do Estado. Enfraquecida a capital Kiev foi tomada e destruída pelas hordas Mongóis, o que significou a queda da Rus'de Kiev, e também da hegemonia ucraniana na região, obrigando assim que a vida política e cultural da Ucrânia fosse transferida para faixa mais ocidental de seus domínios, mais precisamente para a região que compreende a Galícia e a Volynia. (KUSMA, 2002: p. 05)

As fronteiras territoriais ucranianas voltaram a ser modificadas com as constantes mudanças políticas que ocorriam sob o domínio dinástico. Foi criado, por exemplo, o principado da Galícia-Volynia que buscou defender a cultura herdada de Kiev e se tornou o principal ponto de resistência contra as invasões asiáticas. Foi fundada a cidade de Liev (cidade dos leões), a qual serviu de capital do império durante seu domínio.

Sob constantes invasões tártaras que continuavam devastando e paralisando o desenvolvimento cultural e político da Europa ocidental, a Ucrânia buscava reconquistar sua independência, já que teve suas terras invadidas e divididas pelos grandes impérios.

Com a união de Lublin (1569) além de anexar a Galícia[8], a Polônia adquiriu o direito sobre todas as terras que antes pertenciam à Ucrânia. A Lituânia ocupou a Volynia, e os demais territórios ficaram sobre o subjugo estrangeiro. O território ucraniano acabou por ser submetido a um acelerado processo de polonização que mais tarde geraria uma relação hostil entre as duas etnias. (KUSMA, 2002)

Porém, de acordo com Pimentel

[7] Primeiro Código de leis escrito no mundo eslavo.

[8] A Galícia era um principado autônomo, cuja capital era Khalitch. Teve um elevado desenvolvimento durante o período de Iaroslav (1152-1187), contudo, as dissidências entre a nobreza local tiveram como consequência à anexação da Galícia pelo principado da Volynia.

> Não estando nem a Lituânia nem a Polônia em condições de proteger o povo ucraniano dos tártaros mongóis, que invadiam repetidamente a Ucrânia, levantou-se de novo o povo ucraniano em autodefesa. Mas ainda, os senhores poloneses haviam introduzido entre os camponeses da Ucrânia uma escravidão, até então desconhecida. Foi nesta fase que os olhos confiantes do povo ucraniano ergueram-se para a organização dos camponeses, pescadores e caçadores armados, chamados Kosaky (cossacos). (PIMENTEL, 1998: p. 14)

Desejando liberdade e independência os cossacos[9] se deslocaram para as estepes do baixo Dnipró, na qual se organizaram e construíram uma fortaleza chamada de Zaporoz'ka Sitch[10]. (KUSMA, 2002)

> Desejando uma vida livre e independente foram para as estepes do baixo Dnipró, no qual se organizaram e, no ano de 1.552, por trás das Cataratas do rio Dnipró construíram uma fortaleza, a famosa Zaporoz'ka Sitch. Os corajosos cossacos prepararam-se para guerrear contra qualquer inimigo, polonês, moscovita, tártaro ou turco. (KUSMA, 2002: p. 06)

Os anos de opressão do império polonês e os consequentes levantes contra estes, fez com que os cossacos fossem vistos com desprezo pelos países vizinhos que os viam como perturbadores e arruaceiros.

> O levante dos Kosakê se deu também contra a opressão polonesa, nessa época o chefe desses guerreiros era Otimán Severên Nalevaiko, que com um contingente formado por paupérrima gente, ele destruía as posses da nobreza polonesa e atacava as cidades sob domínio tártaro. (KUSMA, 2002: p. 07)

Os levantes não partiam apenas dos indivíduos sendo que o próprio Estado cossaco organizava incursões militares em defesa do povo ucraniano e

---

[9] Segundo Ivanchichen (2002) os cossacos são guerreiros livres que se mostraram cansados da servidão imposta pelos latifundiários. São camponeses, pescadores e caçadores que habitavam a região e que formaram grupos denominados "Kozaky" para lutar contra o subjugo.

[10] As Zaporoz'ka Sitch eram na verdade muralhas onde se cavavam valos e construíam-se bases para os canhões. Ao lado dessas muralhas eram construídos casebres denominados Kúrene que serviam de refúgio para os cossacos, que eram obrigados a ter seu próprio cavalo e suas próprias armas.

em meados do século XVII, os ucranianos derrotam os poloneses e conseguem estabelecer sua independência.

Mas a emancipação não foi tão tranquila como pode parecer. Os constantes conflitos entre latifundiários poloneses e camponeses ucranianos, fez com que os nobres chegassem ao ponto de exigir indenização pelos prejuízos causados pela emancipação, o que levou os camponeses à extrema pobreza. (ANDREAZZA, 1999: p. 21)

> O estado cossaco tinha dificuldades para manter sua soberania, pois os poloneses e os turcos hostilizavam suas fronteiras. Além disso, os cossacos também eram constantemente reprimidos pelo Czar Moscovita, bem como pelos tártaros que ambicionavam o território do Estado cossaco. (KUSMA, 2002: p. 09)

Porém, a independência ucraniana teve curta duração. O Czar Russo que até então ajudava a salvaguardar o território ucraniano entra em acordo com os poloneses, resultando assim numa nova partilha das terras antes independentes. Mesmo sob a tutela do Czar Russo, no início do século XVIII, o Estado ucraniano (agora novamente polonês) não resistiu às pressões externas e foi liquidado pelos Moscovitas que aprontaram uma chacina contra os ucranianos. O desmoronamento do Estado ucraniano se deu durante o reinado de Catarina (1729-1796) que expandiu o império russo e colocou os ucranianos, dominados antes pela Polônia, sob o domínio russo-austríaco. Boa parte das terras férteis foram destinadas aos grandes aristocratas russos, o que fez com que muitas famílias ucranianas ficassem sem terra para prover seu sustento. (PIMENTEL, apud RAMOS, 2006)

> Todos os habitantes, entre eles idosos, jovens, mulheres e crianças foram penalizados com cruéis castigos: os seios das mulheres eram extirpados, as crianças jogadas nas fogueiras, homens espetados sobre pontiagudos palanques, amarrados às rodas e pregados nas cruzes. (TSVIETKOV, 1994: p. 63)

Sob constantes formas de torturas e obrigações o campesinato era a única opção de trabalho dos ucranianos que permaneceram presos à terra, na alternância do cumprimento de direitos de obrigações servis. As obrigações

eram devidas aos nobres que detinham o domínio territorial, ao estado e à Igreja.

Outro agravante para a transformação da identidade ucraniana foi a invasão russa no final do século XVIII, visto que o novo regime cercou e oprimiu as manifestações culturais, especialmente as religiosas e linguísticas da população ucraniana, que durante muitos anos mantinham seus costumes e manifestações culturais a salvo da aculturação a qual estavam sendo submetidos. (RAMOS, 2006)

Os poetas foram proibidos de pronunciar e publicar seus livros, pois, geralmente seus poemas eram contra a soberania russa e à adoção de um novo estilo de vida onde a liberdade lhes havia sido surrupiada. O poeta Tarás Chevtchenko é um exemplo, pois usava palavras que estimulavam a resistência à invasão russa, ficando conhecido mundialmente e recebendo homenagens em todo canto do mundo[11]. (KUSMA, 2002)

Em seus versos ele clamava:

- "Levantai, rompei os grilhões..." (TSVIETKOV, 1994: p. 63)

Pagou alto preço pela sua rebeldia contra o império, passando, por isso, a maior parte da sua vida em prisões.

Um bombardeio de poemas que exaltavam o sentimento nacionalista ocorreu com o término do Estado cossaco. Pode-se citar o próprio Tarás, Iván Franko e Léssia Ucraínka. Essas produções estimularam o povo ucraniano a lutar pela manutenção de sua cultura e sua identidade, fazendo com que elas renascessem com força e incitando o povo ucraniano para uma consciência nacionalista que visasse à libertação do domínio russo.

Segundo PIMENTEL (1998), ocorreram na Ucrânia (século XIX) movimentos de libertação e nacionalismo. Esses movimentos foram responsáveis por diversas rebeliões em todo o território que estava sob o domínio russo. No início do século XX, depois de diversos levantes de rebeldes ucranianos, foi que a Rússia viu-se enfraquecida, tornando possível que depois

[11] Tarás Chevtchenko tem uma praça com o seu nome na cidade de Prudentópolis. Ela fica logo acima do Museu do Milênio (museu do imigrante). Na praça contem uma estátua de bronze com a imagem de Tarás.

de longos anos os ucranianos reconquistassem o direito de publicar suas manifestações na sua língua materna.

Antes mesmo de readquirir seus direitos de manifestações culturais, muitos ucranianos já haviam migrado para diversas partes do mundo. A dificuldade em precisar os momentos de ocupação e principalmente em precisar a identidade desses migrantes é que diversos ucranianos chegam ao Brasil, por exemplo, como: russos, austríacos e poloneses, visto que seu território estava dividido entre esses países.(FIGURA Nº 02)

FIGURA Nº 02 - MAPA DO IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO

FONTE: DANTAS, 2011

Devido a essas constantes rebeliões que se estenderam até o início da Primeira Grande Guerra (1914), a Ucrânia foi proclamada como Estado autônomo e em 1918 as populações ucranianas do Império Austro-Húngaro como a Galícia, Bucovina, dentre outras, conseguem autonomia e formam a

República Autônoma Ocidental, que em 22 de janeiro de 1919 se une à República Popular da Ucrânia. (PIMENTEL, 1998)

Porém, durante a Primeira Grande Guerra o povo ucraniano perdeu novamente os direitos adquiridos com a anexação do território ucraniano ao domínio soviético. Aqueles que lutavam contra a tirania comunista foram levados às prisões.

> Com seus campos abandonados e aldeias destruídas, com suas "terras negras" repisadas, suas estradas arruinadas, agigantando-se o espectro da fome no horizonte e ameaçando trazer consigo o tifo, a cólera, a pestilência e a miséria de todo gênero, a Ucrânia, a memoranda velha "Rus", debaixo de baionetas russas e vermelhas, foi incorporada à União Soviética, sob denominação de "República Socialista Soviética Ucraniana". (PIMENTEL, 1998: p. 18)

Com o fim da Primeira Grande Guerra e com a queda do Império Austro-Húngaro, as terras foram divididas entre a Polônia, Tcheco-Eslováquia e a Romênia, ficando o povo ucraniano mais uma vez sob o domínio estrangeiro. A independência da Ucrânia Central acabou anulada pelo tratado de Riga, de 1921 e em 1924 a República Ucraniana é anexada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ficando envolta pela "cortina de ferro", sob a qual os países socialistas foram submetidos. (RAMOS, 2006)

A política de coletivização estabelecida pelo governo soviético desapropriou milhares de camponeses que tiveram que buscar novas terras, muitas delas em países desconhecidos. Morreram mais de sete milhões de ucranianos, sendo eles revoltosos ou simples camponeses que não queriam deixar suas terras.

> Nos anos de 1923 a 1933, em conseqüência da morte e pela fome, na Ucrânia morreram sete milhões de inocentes seres humanos, mas esta fome fora passada nos porões dos campos de concentração bolchevistas: além de morrer de fome foram torturados milhões de ucranianos. Quem ousasse fazer mínima oposição a este poder esta sujeito a imediata execução. (TSVIETKOV, 1994: p. 79)

Sob opressão soviética, em 1938 a Ucrânia foi invadida pela Alemanha que em 1939 anexou ao seu território a Ucrânia Carpática. Assim, com algumas exceções, os ucranianos passaram para a tutela soviética já que a Romênia cedeu a Moscou boa parte do território que estava em seu poder.

As lutas nacionalistas pela manutenção da identidade ucraniana não cessavam. Almejando rever seu país livre, os ucranianos criam a OMU (Organização dos Militares Ucranianos) que foi formada por jovens guerrilheiros. Essas revoltas e rebeliões ocorrem em terras ocupadas pela Polônia, Romênia, Tcheco-Eslováquia e na própria República Soviética. Esse movimento foi reprimido com o início da Segunda Grande Guerra, pois a Hungria associada à Alemanha invadiu a Ucrânia e a Polônia, anexando a Galícia à República Socialista Soviética da Ucrânia; a Romênia devolveu a Bessarábia e Bukovyna que também passam a fazer parte da República Soviética. Em 1941 a URSS é invadida pela Alemanha, sendo a República ucraniana a primeira a ser ocupada e devastada. (TSVIETKOV, 1994)

Na tentativa de iniciar uma retomada de poder na Ucrânia, em 1941 a Organização dos Nacionalistas Ucranianos proclamou a independência em Lviv. Esse movimento leva seus líderes à prisão e sem direito ao julgamento eles são enviados aos campos de concentração de onde poucos saíram vivos. Os movimentos de resistência continuam, mas os inimigos parecem se multiplicar e dessa vez o povo ucraniano luta contra dois invasores; a Rússia comunista e a Alemanha nazista.

> À medida que mais informações eram disponíveis para o resto do mundo acerca da verdadeira situação de uma União Soviética, cada vez mais acessível, por outro lado podiam ser feitas constatações práticas, entre as quais a de que era profundo o descrédito do partido e da classe governante e que o fracasso econômico pairava como uma nuvem sobre a libertação do processo político. Os cidadãos soviéticos começaram a falar na possibilidade de haver uma guerra civil. O afrouxamento do grilhão de ferro do passado revelava a força do sentimento nacionalista e regional, excitado pelo colapso econômico e pela oportunidade. Depois de setenta anos de esforços para formar cidadãos soviéticos, a URSS subitamente se expunha (...) o fim oficial da União Soviética foi em dezembro de 1991. A partir de então se restaurou um novo mundo, baseado em novas relações econômicas e

> geopolíticas, que não mais trazia a anterior marca da divisão leste-oeste e nem mais o velho confronto entre o bloco capitalista e o socialista. Apresentando novas características, destacadamente e completa hegemonia da ordem capitalista vitoriosa, e compondo o que alguns preferem chamar de nova ordem internacional. (MICHALICHEN, 2001: p. 42)

A Segunda Grande Guerra acabou, mas o cerco da URSS continuou. Esse cerco é ainda mais forte, visto que com a perda da guerra era necessário manter as fronteiras e a densidade demográfica. Era necessário reconstruir o velho continente, tarefa que pesou principalmente sobre as nações subjugadas que se viram cercadas pela “cortina de ferro”.

As levas migratórias de ucranianos para o Brasil diminuiram drasticamente com a política soviética, bem como a vontade do Governo brasileiro em receber imigrantes das regiões pertencentes ao território comunista.

* * *

A história da Polônia e da Ucrânia se confunde, pois além de fronteiriços, os povos são de uma mesma raiz genealógica e mesmo que considerados diferentes foi evidente o constante contato entre eles.

Como estado unitário a história da Polônia se iniciou no século X da era cristã, mais precisamente sob o reinado de Mieszko I, soberano da estirpe do Piast, que desde seu reinado oficializou o cristianismo como religião do Estado polonês. Seu território sofrera com as diversas invasões dos povos bárbaros e como consequência teve suas fronteiras modificadas por um período que somou quase um milênio de história.

O cristianismo adotado pela Polônia foi umas das principais características que auxiliaram na construção de uma identidade étnica diferente da de seus vizinhos, como a dos ucranianos, por exemplo. A Polônia adotou o ritual ocidental do cristianismo sendo que os principais países do leste europeu adotaram o ritual disseminado pelo império bizantino. (RAMOS, 2006)

O principal elemento que assemelha os países do leste europeu é a forma de trabalho. No século XVIII a Europa estava submissa a um modo de

trabalho voltado quase que exclusivamente a terra, o que fez com que esse período fosse marcado por conflitos e guerras que tinham como objetivo a conquista de domínios territoriais.

Vencedora de diversos conflitos a Polônia acaba se tornando grande potência da época, agregando assim vários territórios, inclusive a região da Galícia antes pertencente à Ucrânia.

As relações de hostilidade entre ucranianos e poloneses surgiria como resultado da opressão que se iniciou com a intensificação da tensão social entre esses dois grupos. Em meados do século XIX essa situação se intensificou ainda mais, pois a nobreza latifundiária de maioria polonesa continuava detendo o poder instituído como proprietários de terras. Ao camponês polonês e ucraniano restava viver na opressão, na violência e na ignorância, sem perspectiva para si nem para seus filhos.

Não conseguindo manter os territórios conquistados, a Polônia do século XIX acabou entrando numa depressão econômica tendo então seu território dividido entre três grandes potências ocupantes: Áustria, Prússia e Rússia.

> o governo austríaco, desde os finais da década de 1860 passou efetivamente a incentivar a educação obrigatória em todas as regiões do Império, bem como favorecer uma relativa liberdade de imprensa. Contudo, nas condições da Galícia, sobre a hegemonia da nobreza polonesa, essa iniciativa não foi integralmente implementada. A situação refletiu-se no quadro desolador para a região: em 1880 somente 17,3% dos homens e 10,3% das mulheres conseguiam ler e escrever. Isto destoava do total do Império onde as porcentagens eram 61,9 e 55,13%, respectivamente, de homens e mulheres alfabetizados. (ANDREAZZA, 1999: p. 24)

Pressionados pelo poder decisório das potências ocupantes, cujo objetivo era permanecerem dominantes economicamente, socialmente e politicamente sobre o território polonês, os poloneses sofreram com perseguições extremas. No território ocupado pela Prússia, unificada à Alemanha, os poloneses foram obrigados a utilizar a língua alemã tanto nas escolas normais e secundárias, quanto na administração e magistratura. Como consequência os cargos públicos foram ocupados exclusivamente por alemães

que como primeiro decreto, substituíram os nomes poloneses existentes na toponímia de cidades ruas e praças. (RAMOS, 2006)

Quanto à religiosidade,

> o processo de germanização atingiu a Igreja. Foram proibidos os sermões em polonês, bem como o ensino do catecismo nesta língua, o que resultou na prisão e exílio de diversos bispos. As congregações religiosas foram proibidas, os conventos fechados e centenas de padres aprisionados. (WACHOWICZ, 1981: p. 25)

Era consideravelmente nítida a divisão de classes sociais na Polônia. Concentrando em suas mãos consideráveis extensões de terras tem os Kmiec, que mesmo assim não eram considerados latifundiários, mas que se sobressaíam as demais categorias aldeãs graças a sua melhor condição de vida. Enquanto isso, a maior parte da população polonesa era constituída por pequenos proprietários, os chalupniki que possuíam cerca de 2 a 3 hectares de terra, o que não era suficiente para manter toda a família. Com isso os poloneses se viam obrigados a empregarem-se como trabalhadores braçais nas grandes propriedades. Na base da pirâmide social aldeã encontravam-se os trabalhadores rurais que nada possuíam a não ser a força de trabalho.

Segundo WACHOWICZ (1981) quando essas classes eram reunidas, na igreja, por exemplo, elas mantinham certa distância entre si sendo que quanto mais elevado o nível social mais próximo ao altar tinha direito de ficar.

Ordenados a obedecer ao poder decisório das potências ocupantes, que na realidade queriam exterminar com o que foi o território da Polônia e com os poloneses, os grandes proprietários, geralmente russos, perseguiram os pequenos proprietários poloneses até o momento que decidissem vender suas terras.

No final do século XIX tanto ucranianos quanto poloneses se viram subjugados por nações ocupantes. Ucrânia e Polônia antes reconhecidas como partícipes do grupo de potências europeias agora estavam à mercê das decisões políticas e das influências sociais e culturais dos “invasores”.

Para muitas famílias e indivíduos a saída foi a imigração. A busca de novas possibilidades e expectativas de vida estimulou o deslocamento de grandes contingentes populacionais em direção à América.

Porém, o fenômeno migratório de ucranianos e poloneses ao Brasil não aconteceu apenas em decorrência da constante troca de poderes locais. Fatores econômicos, territoriais (ocupação, colonização), culturais concorreram para atrair imigrantes (ligados a terra) ao país hospedeiro.

CAPÍTULO 2 – DIALÉTICA DA MIGRAÇÃO: QUEM MIGRA E PORQUE MIGRA

Discutir o processo de integração[12] se apresenta como uma árdua tarefa, pois sua definição é sugerida a partir de outros conceitos que ora o completam, ora o tornam complexo. Com base no pressuposto de que para integrar é necessário que algo esteja separado, distinto, a formulação do conceito de integração é compreendida a partir da dinâmica empreendida pelas diferentes coletividades. É através das situações cotidianas de contato, de apego, que existe a possibilidade de transcender o passado ou se necessário lhe ser fiel, criando mecanismos de manutenção do tradicional.

Parte-se do pressuposto de que as ações cotidianas pré-estabelecidas pelos atores sociais determinam a reprodução de condutas no âmbito de curta duração, fazendo com que personagens históricas sejam tentados a manter seus bens imateriais. Mas se percebe, num quadro conjuntural, que através do liame das gerações elas se tornam fatores agregadores no momento em que são reconhecidos pela comunidade em geral, consequência da negociação da identidade local.

Por essa negociação (LESSER, 2001) constituída a partir do conceito de fronteira (BARTH, 1976), os grupos imigrantes são constantemente acusados de comprometimento e cumplicidade com a ideologia racista no momento em que determinam seus padrões ideais, trazidos do além-mar em detrimento daqueles que não compartilham de uma mesma essência cultural (TODOROV, 1993).

A imigração em massa para o Brasil seria então a dialética entre o fato e a estrutura, visto que resultaria irrefutavelmente na transformação de uma comunidade estabelecida, bem como pelos grupos que se estabeleciam no novo país. Essa transformação não pode ser delegada apenas ao grupo receptor que vê sua terra invadida por grupos distintos e com ações sociais que destoam de suas ações cotidianas. A recíproca torna-se verdadeira no

[12] O conceito de integração, aqui destacado, surge do discurso de Lesser (2001) que vê esse processo como uma negociação da identidade nacional e a criação de novas identidades. A partir disso, a ideia é perceber o local social ocupado por diferentes grupos e as estratégias desses na construção de um novo espaço.

momento que os grupos étnicos vindos com as correntes migratórias não encontram no Brasil uma representação política que olhasse por eles, fazendo com que fossem diversas as dificuldades encontradas no novo país, sendo a adaptação difícil e morosa.

Essa situação se deve ao fato de que *ninguém migra por acaso*, como afirma Andreazza. A imigração de indivíduos e famílias se deve a fatores externos e subjetivos que atraem ou expulsam as comunidades de seus países de origem em busca de uma ilusão migratória. (ANDREAZZA, 1999)

Dentre os fatores de expulsão (parece ser esse o termo mais apropriado) estava a relação existente entre a falta de terras que possibilitassem a manutenção do campesinato e a significativa densidade demográfica constituída pelos padrões familiares da época, estabelecidos pelo próprio sistema.

No Brasil, como em todo o novo mundo, existia uma inversão dessa situação. A densidade demográfica era insignificante em algumas regiões e a quantidade de terras devolutas era surpreendentemente grande, principalmente se comparada a padrões europeus. Conforme Klein (2000, p. 15), *"na Europa, a terra era cara e a mão-de-obra, barata. Na América, a terra era abundante e estava disponível. Entretanto, a mão-de-obra era escassa; portanto cara."*

A própria imigração se torna negócio e traz vantagens a governos e a particulares que especulam esses movimentos.

> A imigração é um investimento compensador: de um lado, o imigrante significa capital de trabalho; de outro, é portador de bens culturais que enriquecem a sociedade de adoção. Além disso, a sua mão-de-obra significou a implantação do regime de trabalho livre, propiciou transformações na estrutura agrária brasileira e democratizou o uso da terra, possibilitando o surgimento de uma classe média rural. (BORUSZENKO, 1981: p. 06)

Com isso, diversos grupos étnicos foram atraídos para o novo mundo através da propaganda imigratória brasileira.

2.1 QUEM MIGRA E PORQUE MIGRA: COMO UCRANIANOS E POLONESES VÃO PARAR EM PRUDENTÓPOLIS?

A história da América, através do discurso eurocêntrico e etnocêntrico, se caracteriza enquanto civilização, através das constantes correntes migratórias que trazem ao novo mundo o tipo ideal.

Partindo dessa premissa, será a partir do século XIX que uma imigração diversificada parte em direção as terras do novo mundo. A maioria dos países americanos já havia adquirido sua independência nacional e tinham o interesse de manter sua hegemonia política, possível pela manutenção de suas fronteiras geográficas que ainda estavam em disputa.

O governo imperial português, como exemplo, se viu obrigado a intensificar a colonização das regiões fronteiriças onde a densidade demográfica era insignificante, fator que impossibilitava a real manutenção do vasto território imperial.

Expõe Balhana (1989) que a ocupação do território das nações recém independentes se torna a prioridade dos governos constituídos que viam nessa ocupação, além da garantia da soberania nacional, a valorização econômica decorrente da exploração das terras, até então vistas como vazios demográficos. O apelo à imigração se deve, dentre os fatos acima relacionados, ao urgente aumento demográfico e a transformação dos hábitos de trabalho, possível apenas com a imigração. Essa afirmação ajuda a entender o jargão: “Na América, governar é povoar”. (TRUDA, 1930: p. 21)

A imigração seria então uma estratégia operacional instituída por projetos nacionais e regionais. Através de dispositivos legais buscavam povoar pontos estratégicos do território brasileiro com o intuito de guarnecer as fronteiras do império e, posteriormente, da república.

O discurso dos agentes de imigração associado aos fatores de expulsão[13] de populações no continente europeu, ajudaram a construir o Brasil com a imagem de um verdadeiro paraíso entranhado nas terras do novo mundo.

---

[13] O primeiro capítulo desse trabalho buscou analisar os fatores políticos e sociais que contribuíram para construir os imaginários coletivos de ucranianos e poloneses em relação aos outros. Porém, é possível perceber alguns fatos e situações que influenciaram famílias e grupos a deixarem suas terras.

A preocupação com os vazios demográficos do fim do século XIX não fora uma novidade nas terras brasileiras, sendo uma estratégia utilizada pelo regente Dom João VI quando permitiu a concessão de terras a estrangeiros interessados em deixar a sua terra de origem em direção à colônia portuguesa.

Um conjunto de medidas colocadas em prática para dar sustentação a esse projeto culminou no decreto de 25 de novembro de 1808 que veio a estabelecer as novas diretrizes para a posse de terra no Brasil.

Esse conjunto de medidas determinou diversas outras que mantiveram uma tênue relação entre a escassez de mão-de-obra e a abundância de terras, fator que determinou e direcionou a política e a propaganda imigratória brasileira.

Ficou evidente essa situação com a formulação da Lei de Terras de 1850 que visou, segundo Kliemann (1986), facilitar o acesso à terra (a única forma de adquirir terras devolutas era através da concessão de sesmarias, sendo que a partir de 1850 foi extinta a possibilidade de cessão gratuita de terras públicas. Ela se torna um bem mercantil sendo adquirida apenas através da compra junto ao Estado) (GUTIERREZ, 2001); reorganizar a produção, através de novos cultivos; satisfazer os anseios dos intelectuais antiescravagistas e; purificar o sangue e a cultura brasileira através da imigração. A promulgação dessa lei ajudou a suscitar a imigração para o Brasil, sendo considerada como um dos fatores de atração de grupos que anteriormente se viam pressionados socialmente pelo significativo aumento demográfico da Europa[14].

Além das supracitadas outra era a preocupação quanto a população brasileira: fenotípica. Isso se deve ao significativo aumento de negros no período escravagista.

> no início do século XIX a população brasileira é constituída de um milhão de indígenas, (...) um milhão novecentos e oitenta e sete mil negros, em sua maioria absoluta escravos, seiscentos e vinte oito mil mestiços.

[14] Um exemplo é encontrado no trecho contido no trabalho de Truda (1930: p. 08) referente à situação dos Açores e Madeira, que deixa claro o excedente populacional europeu. “Nos Açores e na Madeira, a população, sobreexcedente chegára a um estado de verdadeira penúria.” Ainda segundo Truda, a imigração de casais para o Brasil, demonstrava “o interesse que havia em alliviar os Açores, como a Madeira, da sobeja população.”

> Os brancos somavam oitocentos e quarenta e cinco mil. (DREHER, 1995: p. 71)

A hipótese sustentada por Dreher, evidente que não a única, é que uma das causas maior na imigração geralmente não é objeto de estudos migratórios: o *branqueamento* da raça (DREHER, 1995: p. 71) ou *caiamento* da população (WACHOWICZ, 1988: p. 142)

O temor era de que o número de negros suscitasse uma série de revoltas (como já estava acontecendo) e que esse quadro criasse a transformação da identidade nacional ainda em construção em uma identidade baseada e fundamentada na africana. Seguindo essa afirmação a política imigratória busca atrair imigrantes de preferência europeus com o intuito de branquear a população brasileira.

A política imigratória, que como dito anteriormente tomou proporções significativas a partir da lei de terras de 1850, encontrou alguns fatores que facilitaram sua disseminação. Exemplo disso, foi a emancipação política do Paraná que necessitava preencher os vazios demográficos como justificativa à sua separação da Província de São Paulo. A ocupação deveria ser rápida e efetiva, sendo a criação de colônias de imigrantes europeus a saída que garantiria esse resultado. A criação das colônias de imigrantes se torna política de governos como informados nos relatórios de presidentes de província a partir de 1853[15].

Estimulados pela política imigratória é que os primeiros imigrantes livres deixam a Europa tendo como destino as terras americanas[16]. Tinham em mente que a permanência no desconhecido país era provisória e que logo voltariam para o país que deixaram para trás. A generalização não é aceita no caso de ucranianos e poloneses que fugiam das dificuldades políticas e econômicas de seus países, não apresentando, assim, expectativa de reverter o processo migratório.

---

[15] Os relatórios dos Presidentes de Província se encontram no acervo do Arquivo Público do Estado do Paraná.

[16] De acordo com Jean Roche a migração para o Brasil foi dirigida. “Nada era mais próximo para um europeu do que a migração para a América do Norte. A distância geográfica, os custos da viagem não tornavam atrativa a viagem para a América do Sul”. Roche (apud DREHER, 1995: p. 70).

Na transição do século XIX ao XX a situação brasileira exigia de forma mais contundente a imigração. O crescimento econômico, consequência do aumento das plantações de café no norte do Estado do Paraná, a construção de estradas, de linhas telegráficas, criação de gado, o aumento do comércio de madeira na região Centro-Sul e o fim da escravatura são exemplos de situações que fazem da imigração um ótimo negócio para o governo brasileiro, para as companhias marítimas e para os grandes latifundiários que utilizariam da mão-de-obra, por vezes, especializada. Também as companhias madeireiras tinham suas representações na Europa e estas usavam de todos os recursos e artifícios a fim de incentivar a imigração.

> No Paraná, a primeira tentativa de contrato com uma companhia particular de migração foi o acordo firmado em maio de 1896 com Manoel Miranda Rosa. Esse acordo fornece um retrato do que seria o processo ideal de colonização na concepção do secretário que mais tempo esteve à frente do serviço, o Dr. Cândido de Abreu. O contrato firmado por Cândido de Abreu com Manoel Rosa previa a localização de 130.000 imigrantes. Para tanto, concedia a área de um milhão de hectares no noroeste do Estado, justamente a região menos conhecida e explorada de seu território. Pela segunda cláusula do contrato, Manoel Rosa se comprometia a medir o perímetro da área até o final do ano seguinte, e iniciar a construção de estradas e a demarcação de lotes[17] até noventa dias após a medição do perímetro; a cada cinco anos, deveriam estar organizadas e operantes oito novas colônias com cinco mil habitantes cada. (GUÉRIOS, 2007: p. 106) [18] (nota inserida pelo autor)

Com essa perspectiva os imigrantes ucranianos chegaram à colônia de Prudentópolis a partir do ano de 1895. Essa diferença cronológica (entre os

[17] De acordo com Pimentel (1998) era exigido dos imigrantes que de forma imediata os lotes fossem desbastados, cercados e providos de uma terra provisória, de instrumentos agrícolas necessários e sementes. Tudo com o subsídio individual que recebiam pelos trabalhos de utilidade comum.

[18] Referindo-se aos Relatórios dos Presidentes de Província do ano de 1897, Guérios (2007) afirma que esses números demonstram que Cândido de Abreu subestimava a tarefa de colonização do Paraná nos fins do século XIX. Esclarece que em outro contrato, como o mesmo Manuel Mendonça, os números diminuem significativamente sendo que ficaria sob responsabilidade do mesmo, a tarefa de localizar 2.500 famílias de colonos em 53.254 hectares de área.

primeiros imigrantes no Brasil) se deve ao fato da propaganda imigratória[19] ter demorado a surtir o efeito desejado na Ucrânia, pois o medo do desconhecido e a falta de recursos impossibilitaram a travessia do atlântico em busca de novas perspectivas. A princípio, apenas algumas famílias e pequenos grupos de indivíduos correram o risco de enfrentar essa aventura, a qual disseminaram entre seus familiares a fim de incentivá-los a fazer o mesmo.

Essa situação foi facilitada a partir da certeza que o governo brasileiro garantiria passagens para o traslado.

Anteriormente já assinava Klobukowski (1898: p. 20)

> Toda a organização de transporte para o navio consistia numa operação: A companhia Metropolitana do Rio de Janeiro recebia do Governo Brasileiro uma soma em dinheiro, por exemplo: 120 francos por adulto; 60 por criança entre 10 a 5 anos e 30 por criança de 5 a 2 anos. A companhia tinha possibilidades de trazer os imigrantes por preços bem inferiores. Por essa razão empatava seu capital para trazê-los. Essas importâncias eram devolvidas em 20 dias no máximo, após o desembarque.

Além do transporte, o Governo Federal também ajudaria através dos Estados e da contratação de companhias de imigração, a encontrar lugar para os imigrantes se estabelecerem e à terra para trabalharem. Essa certeza fez com que grupos maiores, quanto ao número de indivíduos, arriscassem deixar seu país e se dirigir a um país desconhecido.

> O Governo Federal, com sede no Rio de Janeiro, ajuda simplesmente os Estados e particulares para a fundação de povoados, mediante créditos e outras facilidades. Por exemplo, financia a alguns Estados o transporte de imigrantes da Europa e lhe empresta dinheiro para o estabelecimento de colônias, isto para a “descoberta”, reconhecimento do solo, demarcação das chácaras, dotação das mesmas com a comunicação (estradas) casas e inventários, bem como para a manutenção dos

[19] De acordo com Boruszenko (1981) “o governo brasileiro assinou contrato com várias companhias de navegação transoceânica. Estes recebiam do governo o capital empatado na viagem com o lucro correspondente, no prazo de vinte dias após o desembarque dos imigrantes (...). Agentes espalhavam pela Europa artigos, livretos e comunicados sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Nos países eslavos, tais agentes encontraram campo dos mais propícios para sua atuação, e a propaganda decaía em lamentáveis excessos, que exploravam a credulidade do camponês”. (BORUSZENKO, 1981: p. 08)

> imigrantes, até que consigam sua propriedade. (KLOBUKOWSKI, 1898: p. 49)[20]

Mesmo assim a decisão de migrar não era fácil. Ucranianos e poloneses que se destinaram ao interior do Paraná estavam determinados a permanecer no país, deixando para traz o sentimento de subjugo sempre recorrente em terras europeias.

> Esses deslocamentos eram motivados pela construção de uma nova realidade. Ninguém migra longa distância sem que exista um impulso, muito subjetivo, da esfera da esperança, chamado por alguns de ilusão migratória. Certamente, a mobilidade social consistia num ingrediente ativo desta ilusão, à medida que "o fazer a América" no século XIX implicava participar de um movimento no qual o fluxo destinava-se para a periferia do mundo industrializado / civilizado. É provável que os participantes daquela aventura imigratória tivessem a firme crença na força de mecanismos compensatórios capazes de lhe garantir melhores posições sociais. (ANDREAZZA, 1999: p. 15) (grifo do autor)

Tal era o desconhecimento do local onde foram alocados que muitos acreditavam estarem em locais a milhares de distância, pois as companhias de imigração nem sempre conheciam o real destino desses imigrantes. O destino poderia ser definido e/ou modificado no meio da viagem, sendo que poderia ser o local definitivo ou temporário.

> a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento do provisoriedade. (SAYAD, 1998: p. 45)

[20] Estanislau Klobukowski nasceu na Polônia em 1852. Durante sua vida política dedicou-se aos problemas migratórios, preocupado principalmente pela sorte do povo obreiro que migrava em massa para o além-mar. Em 1891 estava na organização da delegação que visitou o Brasil e a Argentina. Anos depois morou no Brasil, onde durante um bom tempo foi redator do jornal "Polak w Brazylii".

Os imigrantes foram atraídos pela propaganda imigratória que propagou a imagem de um mundo utópico onde o mel escorria pelas folhas das árvores, onde os frutos cresciam sem a necessidade de plantar e pela certeza de que encontrariam a almejada paz em terras que poderiam se tornar sua propriedade. De acordo com Boruszenko[21] (1981: p. 57) *"aqui seria fundado um reino feliz, onde todos seriam iguais, onde nos rios não correriam água, mas sim leite e hidromel".*

Buscava-se

> encher de população ativa o vasto território da Província, onde tudo floresce à força da natureza; onde o colono europeu depara com um clima análogo ao de seu país natal. (RELATÓRIO, 1860: p. 62)

Porém, é ingênua a ideia de determinar a vinda de imigrante apenas por fatores de atração, visto que diversos foram os que fizeram com que os povos, nesse caso ucranianos e poloneses, deixassem suas terras. Constantes invasões de território, as consequentes mudanças de poder, a falta de terras cultiváveis, graças ao aumento de grandes latifúndios que oprimiam os camponeses e subjugo social ocasionado pela diferença econômica, formaram os fatores que também influenciaram a imigração em massa[22].

Um fator de expulsão do povo ucraniano pode ser percebido nas palavras de um pároco ucraniano que diz:

> A prepotência dos ricos sobre os pobres foi a causa porque o povo ia aos poucos abandonando a terra do seu berço com o intuito de além do vasto oceano melhorar a sua deplorável condição. – Primeiramente eram a América do Norte e o Canadá os países aonde o povo affluia afim de lá grangear-se um sofrido sustento. – Só mais tarde foi considerado o Brasil, como o paraíso das delícias, ao qual principiou em 1894 emmigrar o nosso povo ucraniano da Galícia oriental.[23]

---

[21] Segundo a autora, diversos eram os agentes que prometiam terras ilimitadas e férteis; florestas e casas; gado, cavalos e dinheiro para as despesas iniciais. Gergoletto (agente de imigração) chegou ao ponto de prometer que seria fundado no Brasil o "reino rutheno", livre da exploração da nobreza. (BORUSZENKO, 1981: p. 08)

[22] CAPÌTULO I.

[23] LIVRO Tombo do Curato de Antônio Olyntho. 1911-1980. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, p. 2. (apud ANDREAZZA, 1999: p. 16)

KUSMA (2002: p. 12) também faz referência aos motivos que levaram os ucranianos a deixar a Ucrânia em direção, principalmente, do continente americano.

> A imigração ucraniana pode ser dividida em três etapas. Na primeira etapa foram vários os motivos que levaram o povo ucraniano a imigrar. Dentre esses motivos está o político, pois os governos de ocupação ditavam suas regras proibindo a prática de sua língua, seus costumes, seu rito. Outro fator foi socioeconômico, pois a Ucrânia tinha uma baixa industrialização, além do mais era superpopulosa. Então a solução encontrada pelos ucranianos foi a se expatriarem.

As dificuldades no país de origem foram agravadas pela má distribuição de terras, o significativo aumento demográfico, a insegurança em relação à liberdade e prática de sua religião. Juntamente com os fatores de atração estes formam os motivos que desencadearam a imigração em massa para todos os continentes.

2.1.1 Ucranianos em território brasileiro

A imigração ucraniana e polonesa em direção ao Brasil tem seu início ainda no final do século XIX com levas de milhares de indivíduos e famílias em direção ao novo mundo. Estes imigrantes traziam em suas malas o pouco que lhe restara do antigo país e em suas almas a grande esperança e o sonho de dias melhores em terras férteis que lhes esperavam para produzirem os frutos de um futuro melhor.

Assim acabavam por fixarem-se em locais de baixa densidade demográfica e de grande quantidade de terras devolutas. Dentro desse contexto que imigrantes ucranianos se dispersaram, sendo que uma numerosa e considerável parte encontrou no Estado do Paraná a oportunidade de constituir um novo lar.

Esses fatores aliados aos esforços das autoridades paranaenses acabaram por fomentar a imigração ao Estado. Os esforços se justificavam por algumas situações:

> a) O Paraná era uma Província que recebera a sua emancipação política há pouco tempo e via na ocupação territorial uma forma de garantir seu espaço político;
> b) Havia precariedade em métodos e insuficiência em quantidade da lavoura de subsistência;
> c) Existia a necessidade de ativar meios de transporte e comunicação, como também de efetuar obras públicas urbanas;
> d) Era preciso resolver o impasse constituído pela ameaça de extinção do sistema escravista.
> (ANDREAZZA, 1999: p. 44) [24]

Após o desmembramento do Paraná junto à Província de São Paulo, o Governo da nova Província na figura de Zacarias de Góes e Vasconcelos institui uma política imigratória em complemento a de lei de terras de 1850, que estabelecia as diretrizes do Governo Imperial acerca das formas de acesso à terra e a concessão a lotes coloniais.

> Zacarias de Góes e Vasconcelos, Presidente da Província do Paraná.
>
> Faço saber a todos os habitantes que a assembléia Legislativa provincial decretou e eu sancionei a seguinte lei:
>
> Art. 1º - Fica o governo autorizado a promover a imigração de estrangeiros para esta província, empregando neste sentido os meios que julgar mais convenientes, e preferindo sempre atrair os colonos e demais estrangeiros que se acharem em qualquer das províncias do Brasil.[25]

Essas leis permaneceriam quase inalteradas mesmo após a mudança do regime monárquico para o republicano. Estaria inserida a primeira experiência com um pequeno grupo de oito famílias da Galícia Oriental

[24] Vemos que essa justificativa vai de encontro com os princípios básicos da lei de terras de 1850.

[25] PARANÁ. **Lei nº 29, de 21 de março de 1855.** Estabelece critérios para a entrada de imigrantes no Paraná. Guarapuava: Arquivo da Câmara municipal, 2010.

estabelecidas numa região próxima ao município de Palmeira, a qual foi denominada Santa Bárbara. Em pequeno número esse grupo não abalou a estrutura local. Essa situação tomou outras proporções a partir do ano de 1895, quando um número significativo de famílias e indivíduos veio em levas de imigrantes eslavos. Somavam cerca de 20.000 indivíduos que desembarcaram nos portos de Paranaguá, Santos e Rio de Janeiro. (KUSMA, 2002)

No ano seguinte famílias e indivíduos foram dirigidos a sua alocação definitiva. O destino era Prudentópolis, então colônia de Imigração, e seus arredores como: Marechal Mallet, Dorizon, Água Amarela (atual Antônio Olyntho) e Jangada (União da Vitória). Em território paranaense partiam de Paranaguá a Curitiba e depois para sua residência definitiva.

> A viagem entre Paranaguá e Curitiba é uma das mais lindas do mundo. É uma obra prima de construção. Foi abandonado o traçado que deveria levar os trilhos pela via Graciosa – estrada de rodagem – que por muito tempo era o único meio de comunicação do interior do Paraná, com o porto. (KLOBUSKOWSKI, 1898: p. 41)

Impossível precisar o número de imigrantes ucranianos que se destinaram ao Brasil, pois muitos entraram no Brasil com seu documento indicando a nacionalidade austríaca, russa, e polonesa.

> O desenvolvimento histórico da imigração ucraniana no Brasil muitas vezes foi (e continua sendo...) dramático para o imigrante, condição a que não fica imune o pesquisador dessa imigração: um dos graves problemas é a falta de dados estatísticos comparativos que levem às cifras exatas relativas a essa corrente imigratória, já que são muito escassos os documentos nos arquivos portuários ou similares. Essa escassez é agravada por contingências históricas, como por exemplo, as divisões geográficas da Europa, quando populações de diferentes formações étnico-culturais passam por domínios políticos diversos, resultando isso em que muitos imigrantes entravam no país com passaporte do governo ao qual estavam submetidos. (BORUSZENKO, 1981: p. 06)

Isso se deve ao fato da região da Galícia estar localizada numa região onde as invasões eram constantes e as mudanças políticas, consequência

disso. Por essa razão os ucranianos da Galícia Oriental eram identificados como austríacos por esse território pertencer ao império Austro-Húngaro de 1795 a 1918 e como poloneses pela semelhança fenotípica de ambas as etnias.

> Há uma referência maior aos poloneses e, muitos imigrantes ucranianos foram relacionados como poloneses, assim como poloneses foram registrados como alemães e, uma enorme quantidade de registros foram feitos em troca de nacionalidade quando da chegada ao Brasil. Essa dúvida quanto a nacionalidade ocorre devido ao fato de muitas famílias ucranianas terem vindo junto com povos de outras nações, principalmente os poloneses. (ZAROSKI, 2001: p. 10)

Somente através de documentos é difícil perceber as reais nacionalidades dos imigrantes eslavos. Zaroski (2001) ao analisar os dados de um imigrante polonês afirma que existe erro de nacionalidade, visto que na realidade o Sr. Paulo Kasnocka era ucraniano.

> O senhor Paulo Kasnocka natural da Polônia, Europa, originário dos heróicos “Ukranianos” do Mar Negro, reside neste Estado desde o ano de 1896. Teve os seus primeiros annos passados na florescente Villa de Prudentópolis, onde criou-se e deu os seus primeiros passos na carreira profissional, tornando-se marceneiro emérito. Ali fundou, uma grande fábrica de móveis, que teve a sua épocha, em superabundância de artigos de primeira qualidade e feitios de modelos artísticos. No anno de 1913 acompanhado de alguns outros colegas, estabeleceu-se em Guarapuava onde fundou a “Marcenaria Ukraina” de sua propriedade. (Relatório, 1927 apud ZAROSKI, 2001: p. 10)

Esse equívoco quanto à nacionalidade ucraniana e polonesa foi responsável pela confusa distribuição de terras nas colônias de imigração o que se caracterizou, num primeiro momento, num erro estratégico. Com base nas semelhanças os agentes de colonização buscavam aproximar grupos parecidos e harmoniosos, sem compreender as relações históricas entre esses dois grupos que em diversos momentos formaram grupos antagônicos, pois a Ucrânia esteve durante séculos sobre o subjugo polonês.

Apesar da imprecisão ao calcular o número de ucranianos que chegaram ao Brasil, sabe-se (através de estatísticas do Serviço Nacional de Imigração exposta em relatórios de Romário Martins) que no Estado do Paraná o número de imigrantes ucranianos chegou até o início do século XX ao número de 24.000 indivíduos. (WOUK, 1981)

A imigração ucraniana para o Brasil reduziu seu ritmo ainda no início do século XX, vindo a tomar grandes proporções a partir da segunda década do mesmo século. Vieram para trabalhar na construção da Estrada de Ferro – São Paulo – Rio Grande do Sul[26], requisitados novamente à campanha brasileira de imigração.

> Nessa primeira etapa da instalação, muitos imigrantes em busca de uma renda extra para adquirirem mais terras ou mesmo para pagar as dívidas com o governo, partiam para outras atividades em suas colônias e também em outras colônias, principalmente para as frentes de trabalho na abertura de estradas, construção de pontes e bueiros. (ZAROSKI, 2001: p.15)

Esses imigrantes viviam em constante conflito com a própria Lei de Terras de 1850. Muitos deles chegavam ao Brasil com a crença de que receberiam as terras gratuitamente, ficando responsáveis apenas pela manutenção do território. Essa situação já não era mais encontrada quando da vinda dos ucranianos que acabavam tendo que pagar pelos lotes "doados". Assim, no ano de 1907 o Sr.Karp Antoniuk, comprou um dos lotes no recém criado município de Prudentópolis.

> O Sr. Karp Antoniuk chegou ao Brasil já casado e um dos seus filhos, tinha onze anos de idade. Karp foi um dos imigrantes instalados na Linha Inspetor Carvalho, tendo o

[26] É concedido á companhia que o engenheiro João Teixeira Soares organizar, privilegio por 90 annos para a construcção uso e gozo de uma estrada de ferro que, partindo das margens do Itararé, na província de S. Paulo, vá terminar em Santa Maria da Bocca do Monte, na província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, em entroncamento com a linha de Porto Alegre a Uruguayana, com dois ramaes: o primeiro, separando-se da linha principal em Imbituva e passando por Guarapuava, descerá o Piquiry até á sua confluência no rio Paraná, fornecendo dous sub-ramaes, um destinado a ligar as secções navegáveis deste ultimo rio, outro destacando-se em Guarapuava e seguindo o Iguassú até á sua foz; o segundo ramal, divergindo da linha principal nas immediações da cidade da Cruz alta, acompanhará o Ijuhy Grande, e irá terminar nas margens do Uruguay. (RELATÓRIO, 1895: p. 36)

> seu lote, o de nº 24 com 156.750 m², com o título provisório de 21 de março de 1907 e nº 92 com título definitivo de 29 de novembro de 1907, demarcado no final daquela localidade às margens do rio dos patos. O preço do referido lote custou a quantia de 1$034 (mil e trinta e quatro reis) o metro quadrado, com prazo de vinte meses para pagar. (ZAROSKI, 2001: p. 19)

Estabelecida a dívida que seria responsável por manter os imigrantes presos a terra, e era o mecanismo que assegurava que os mesmos não abandonassem as propriedades na ocorrência das primeiras intempéries.

Porém, os ucranianos que vieram a se estabelecer no Paraná se mostravam dispostos o permanecer e a fazer com que as terras a eles determinadas prosperassem. Dedicaram-se principalmente à lavoura, visto que já conheciam a lida do campo por estarem ligados ao sistema de campesinato ao qual eram submetidos na Ucrânia.

Assim, as primeiras famílias foram encaminhadas à terras não desbravadas, fazendo com que eles tivessem que realizar as tarefas pioneiras como: a derrubada das matas, construção de estradas e de casas e o arado para a produção agrícola.

> as autoridades locais tinham uma expectativa bastante precisa acerca do papel que esperavam que os imigrantes desempenhassem em troca dos subsídios que receberam para sua vinda: eles seriam os primeiros ocupantes das áreas de florestas virgens do interior, e estavam inseridos no projeto de construção de obras públicas do Estado. (GUÉRIOS, 2007: p. 107)

É importante reforçar que ao chegarem no Brasil, em função das afinidades existentes (vistas apenas pelo governo paranaense[27]), os ucranianos alojaram-se próximo aos poloneses, o que diversas vezes causava confusão e constantes brigas motivadas por todo um contexto histórico envolvendo as duas etnias ainda no velho continente.

[27] Uma das instruções do Exmo Presidência de Província Dr. Augusto de Carvalho foi que “Nos estudos para a fundação de Colonias ou aldeamentos de selvagens, procurará obter informações sobre as famílias, tribus, usos e costumes e bem assim sobre a estensão geográfica em que dominão as diversas línguas ou dialectos, verificando si existe lingua geral nessa região, de modo a habilitar o governo a boa organização do corpo ou escola de interpretes”. (RELATÓRIO, 1882: p. 59)

Segundo Kusma (2002) um dos motivos que levou o povo ucraniano a hostilizar os poloneses era a opressão sofrida durante o subjugo.

> Os ucranianos sofriam grande opressão e exploração, além disso, os poloneses tratavam os ucranianos com muito desprezo e os apelidavam de “lixo” e de “sangue canino”, também os ucranianos se tornaram escravos do senhorio polonês, o desprezo dos poloneses pelo credo ortodoxo, que era considerado como uma das mais graves ofensas e consideravam os ucranianos como sendo “inimigos da pátria”, merecedores de pena de morte. (KUSMA, 2002: p. 07)

O resultado foi que ambas mantiveram as diferenças mais marcantes quanto à língua, o culto religioso e à convivência em sociedade, sendo que as hostilidades voltariam a reascender em terras brasileiras.

2.1.2 Também chegam os poloneses

Os processos migratórios do final do século XIX seguem uma linha próxima quanto a seus direcionamentos socioculturais. O que modifica, na maioria das vezes, é a nacionalidade dos grupos étnicos que saem em busca de novas oportunidades.

Assim como ucranianos, famílias de poloneses deixaram sua terra natal em busca de uma vida melhor. Fugiram das difíceis condições de vida de população rural, causadas pelo reflexo das rebeliões armadas que abalaram a Polônia em fins do século XVIII e do subjugo das três potências ocupantes – Prússia, Rússia e Áustria – que assim como na Ucrânia mantinham os campesinos no analfabetismo, na miséria e assolados pela fome.

> Os rutenos que vieram ao Brasil no final do século XIX eram então uma população quase totalmente composta de camponeses analfabetos, alijada da educação e sem participação na vida administrativa local; com sua vida completamente ligada à atividade na terra e com pouco acesso à educação, esses camponeses não tinham contato com idéias que extrapolassem suas vivências cotidianas na aldeia. (GUÉRIOS, 2007: p. 34)

Segundo Kokuzka (2001) em número superior ao de ucranianos, pelo menos no território paranaense, a imigração polonesa deslocou cerca de 60.000 indivíduos até o fim do século XIX. Essa superioridade numérica se deve ao fato de que os poloneses contavam com um representante que mediava à vinda deles para o Brasil. Esse era o padre Zielinski que solicitou em 1869, juntamente a D. Pedro II, uma concessão de terras para a colonização de poloneses em terras paranaenses, o que foi atendido no mês seguinte ao pedido.

Até a primeira década do século XX o número de imigrantes poloneses somava 100 mil indivíduos sendo a maioria deles de predominância camponesa. Vale lembrar que esse era o perfil de imigrantes que o Governo Brasileiro exigia para essa região.

Chegados ao Brasil, sempre existiam os que não sabiam para onde se dirigir e acabavam por escolher as regiões que ostentavam os nomes de seus santos preferidos: São Paulo, Santa Catarina ou Espírito Santo[28].

> Sabe-se que a imigração estrangeira (sem referências aos portugueses), foi dirigida principalmente para as regiões sudeste e sul: os italianos, a maioria para São Paulo, santa Catarina e Rio Grande do Sul; os alemães para o Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina; os poloneses e ucranianos em sua maior parte para Santa Catarina e Paraná. (ZAROSKI, 2001: p. 09)

No Estado do Paraná estabeleceram-se em diversas regiões, destacando-se as regiões de Curitiba, Ponta Grossa e Irati. Nas imediações da capital do Estado paranaense formaram o chamado cinturão verde, responsável por abastecer a cidade de produtos agrícolas.

Conforme o perfil, dentre os poloneses que aportaram em terras brasileiras, a maioria absoluta era de camponeses e lavradores, ocorrendo uma pequena parcela de operários e artífices e um número ainda mais reduzido de comerciantes e especialistas.

[28] Eram atraídos por agentes aliciadores das companhias de navegação que, ainda em terras européias, prometiam o impossível, e embolsavam o dinheiro pago pelo Brasil por seu aliciamento e transporte.

> (...) esperava-se que os novos colonos que viessem ao Paraná fossem lavradores, e que permanecessem envolvidos com o trabalho agrícola. Esta é uma diferença relevante em relação às ondas de imigração polonesa que chegavam aos Estados Unidos na mesma época (...) Ali, o novo enquadre da vida dos imigrantes era eminentemente urbano, o que implicou na transformação do camponês em proletário; no Paraná, tratava-se, ao contrário, de manter os imigrantes como camponeses, mesmo quando eles eram estabelecidos nos arredores dos núcleos urbanos. (GUÉRIOS, 2007: p. 98)

O conhecimento sobre o trato com a terra foi relevante para o desenvolvimento da agricultura na região e contribuiu para o aumento da produção. Os poloneses estabelecidos demonstravam conhecimento técnico que abrangia desde o desmatamento até o e preparo do terreno para o cultivo de diversas culturas como a de trigo, centeio, milho, frutas, verduras e legumes.

Nem mesmo a independência da Polônia em 1918 concorreu para a diminuição do fluxo migratório para o Brasil que num período de 20 anos (1918-1939) trouxe aproximadamente 40 mil imigrantes, formando assim uma parcela significativa da população paranaense.

O estabelecimento dos imigrantes poloneses no município de Prudentópolis se deu no início do século XX, onde e quando já havia se estabelecido uma colônia ucraniana. Como a distribuição das terras já havia sido determinada, os poloneses foram deslocados para as terras mais distantes da sede do município, tornando-se assim difícil o acesso às escolas, igrejas e estabelecimentos comerciais.

Era da infraestrutura comercial e do transporte rodoviários que dependia a organização do sistema de economia agrícola na colônia. Em razão da distância quanto à sede do município, situação diferente da encontrada pelos ucranianos, esse sistema comercial e rodoviário não satisfazia os anseios dos poloneses recém chegados da Europa[29]. (WINHARSKI, 2004: p. 13)

A partir da necessidade de troca dos produtos agrícolas por outros bens, os imigrantes poloneses tiveram que entrar em contato com a sociedade residente no município, fugindo do isolamento e aprendendo outras línguas e

[29] Situação ainda encontrada por descendentes de poloneses que sentem dificuldade em fazer um intercâmbio comercial de qualidade. Exemplo do distrito de Jaciaba, distante a 60 km e a mais de 3 horas (de carro) da sede e que em dias de chuva a estrada é intransitável.

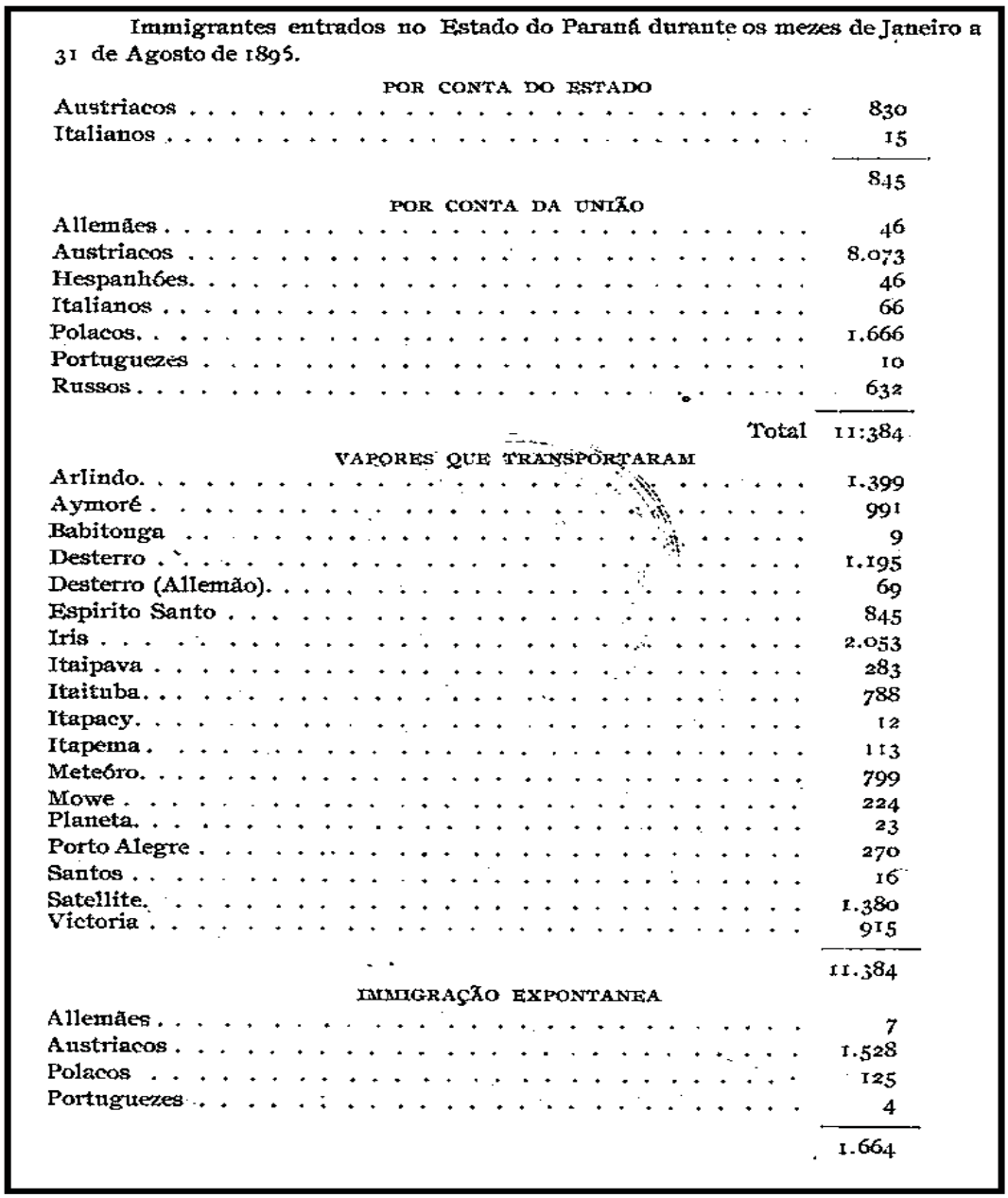
costumes. No caso de Prudentópolis esses imigrantes tiveram de aprender o português e principalmente o ucraniano, pois enquanto maioria, esses detinham grande parte do poder econômico da região. Mostraram-se mais receptivos aos valores locais e por isso se adaptaram facilmente visto que não concorriam, pelo menos não de maneira acintosa, com os do local.

* * *

No Paraná entraram 34.000 imigrantes entre 1890 e 1895 (FIGURA Nº 03), sendo que somente nesse último ano cerca de 13.000 imigrantes adentraram o território paranaense, totalizando mais de 1/3 do total.

> Tenho a honra de submetter ao valioso critério o relatório dos serviços de Colonização do Estado, até 31 de Agosto sob a immediata fiscalisação desta Inspectoria. O numero total de immigrantes entrados no Estado foi de 13.048; tendo esta repartição tomado conhecimento de 845 por conta do Estado e tendo sciencia de 12.203 por conta da União, conforme o mappa do movimento de immigrantes entrados pela barra de Paranaguá, apresentado pelo Agente Official de immigração Sr. Marcos Cezar de Barros, estando incluídos neste numero 1.664 considerados expontaneos.

FIGURA Nº03 – LISTA DE IMIGRANTES ENTRADOS NO ESTADO DO PARANÁ – 1895



Immigrantes entrados no Estado do Paraná durante os mezes de Janeiro a 31 de Agosto de 1895.

POR CONTA DO ESTADO

Austriacos	830
Italianos	15
	845

POR CONTA DA UNIÃO

Allemães	46
Austriacos	8.073
Hespanhóes	46
Italianos	66
Polacos	1.666
Portuguezes	10
Russos	632
Total	11:384

VAPORES QUE TRANSPORTARAM

Arlindo	1.399
Aymoré	991
Babitonga	9
Desterro	1.195
Desterro (Allemão)	69
Espirito Santo	845
Iris	2.053
Itaipava	283
Itaituba	788
Itapacy	12
Itapema	113
Meteóro	799
Mowe	224
Planeta	23
Porto Alegre	270
Santos	16
Satellite	1.380
Victoria	915
	11.384

IMMIGRAÇÃO EXPONTANEA

Allemães	7
Austriacos	1.528
Polacos	125
Portuguezes	4
	1.664

FONTE: (RELATÓRIO, 1895: p. 03)

2.2 RESISTIR E/OU NEGOCIAR

Chegados ao município de Prudentópolis os ucranianos somaram maioria e de modo geral economicamente mais prósperos. Com tal poderio numérico e econômico puderam determinar os direcionamentos políticos e

estruturais do local. Suas igrejas, por exemplo, construídas em estilo cristão-ortodoxo estavam localizadas nas melhores áreas da cidade.

Em função de invasões, subjugo, violências, guerras, e outros motivos que marcaram a história da Ucrânia e da Polônia durante séculos, seus filhos migrantes ao deixarem seus respectivos países levavam consigo além das alegrias de bons momentos ali vivenciados também toda carga de ódio, rixas e rancores em relação aos habitantes dos países vizinhos.

Desta forma é que em Prudentópolis cada grupo étnico que habitava o local procurava deixar o mais claro possível o quanto de devoção e amor possuía por seu país de origem ou de seus antepassados, no caso dos já nascidos no Brasil. Procuravam demonstrar seu rancor para com os da etnia rival. Assim, construir, por exemplo, uma igreja em estilo ortodoxo ou romano no ponto mais alto da cidade ou com a maior imponência possível visava demonstrar o poder de tal etnia em formar uma unidade identificadora dos membros de tal comunidade.

Do mesmo modo, ao organizar-se uma festa em homenagem a um padroeiro X ou Y com dança, roupas típicas e uma culinária que lembrasse os supostos bons tempos da terra natal, tinha um objetivo semelhante, ou seja, a afirmação do poder desta etnia e a caracterização de uma identidade da comunidade em questão.

No caso do município de Prudentópolis, o imigrante ucraniano conseguiu e/ou procurou manter – e até certo ponto conseguiu – sua cultura e seus costumes aos moldes do modelo eslavo original. Ele procurou também exercer a hegemonia sobre as representações coletivas constitutivas do imaginário que se formara na cidade no convívio interétnico, especialmente em função do pequeno número de habitantes que morava no município até sua chegada, pois formavam na ocasião um contingente étnico que beirava, na década de 1980, os 75% dentre imigrantes e descendentes.

Apesar da miscigenação e assimilação que sofreram, os ucranianos insistiram em manter as tradições trazidas da Europa, dando a impressão, muitas vezes, de que seus descendentes nascidos no Brasil não consideram a sua nacionalidade brasileira (KUSMA, 2002: p. 27), conforme alguns estudiosos.

No cenário prudentopolitano em que as relações interétnicas se constroem e onde as lutas simbólicas são estabelecidas, nota-se o reflexo da construção dos “do local”, sejam eles quem forem ou quantos forem – enquanto grupos étnicos.

CAPÍTULO 3 - CONSTRUINDO O LOCAL: A VILA, A COLÔNIA E O MUNICÍPIO

O novo sucede o velho, o arcaico, assim como o conceito de integração necessita do de fronteira como requisito para sua formulação. Pensar em integrar a população residente nos primórdios do município e os que chegam com as correntes migratórias é fazer uma visita a história do local, que se transformou com a gradativa relação de poder instituída por diferentes atores sociais: todos com sua história, seu imaginário, suas relações de poder, suas representações que agora entram em choque em Prudentópolis.

Essa apresentação do meio torna-se necessária para compreender quem são esses atores e de que forma eles interagiram com os demais, entender quais são as relações de poder, como elas se formam, e perceber como são mantidas e apropriadas pelos demais habitantes.

Para tal, segue uma também sucinta apresentação da formação do município de Prudentópolis, o qual servirá como recorte do micro espaço temporal. A partir da (re)construção do local é possível visualizar as primeiras relações socioculturais que viriam a compor o cenário prudentopolitano, e, qual o cenário encontrado pelos imigrantes que fizeram com que recriassem suas redes sociais primárias e secundárias.

A grande preocupação é a de fugir de uma exposição idílica sobre o inegável desenvolvimento do local a partir da última década do século XIX, quando da chegada dos imigrantes. Essa discrição em geral manteve duas ópticas antagônicas sobre um mesmo fato e que fez com que a historiografia local mantivesse discursos tendenciosos.

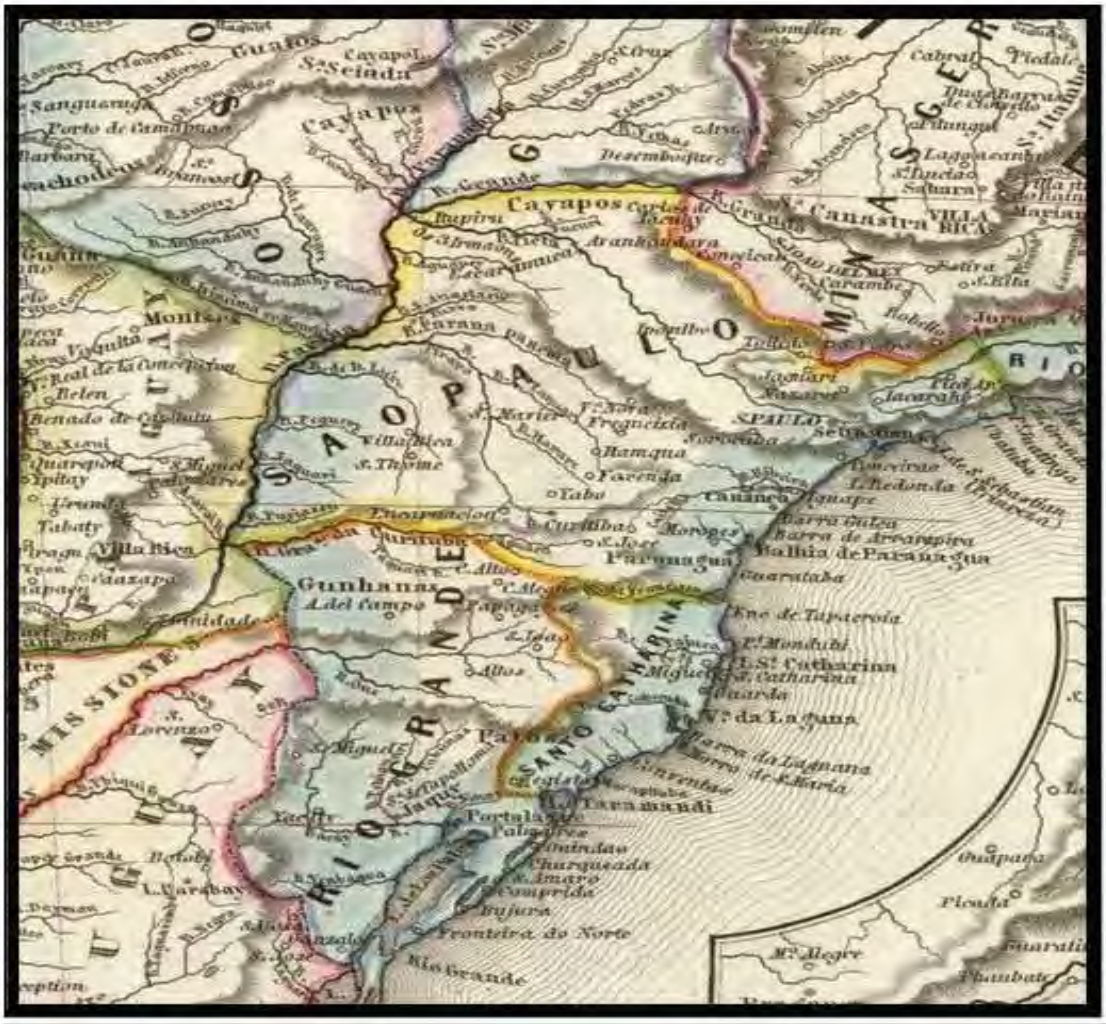
De um lado estão memorialistas locais que insistiam em construir a história através de um discurso metódico que constantemente, através de certa linearidade, enaltecia os vultos históricos que compunham o cenário político da localidade. Em contraponto, existem as cartas, jornais e relatos dos grupos imigrantes que tendiam em majorar suas realizações, sempre mantendo o discurso de superação aos sofrimentos impostos pela vida. Nesse discurso os imigrantes carregaram uma *imensa* bagagem cultural; *sofreram* com a travessia do atlântico; resistiram às epidemias que os *assolaram*.

Não cabe aqui tomar partido ou desenvolver um terceiro discurso, mas sim demonstrar como os alicerces do imaginário prudentopolitano foram sendo constituídos.

3.1 O LUGAR E O LOCAL: PRUDENTÓPOLIS

Pertencendo à Província de São Paulo (FIGURA Nº 04), no início do século XIX, o Paraná se caracterizava por uma grande extensão de terra que atraía a atenção do governo provincial, principalmente pela região aurífera no litoral e pela criação de gado na região central que abastecia a população das Minas.

FIGURA Nº 04 - MAPA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO - 1850



FONTE: (Bibliographischen Instituts in Hildburghausen, 1860. (In: VEIGA, Pedro, 2011)

Localizada no centro-sul da região que futuramente seria o Estado do Paraná, se encontrava a freguesia de Guarapuava, posteriormente elevada a vila e a município (1818; 1949). Guarapuava detinha a maior extensão de terras do Paraná ocupando mais da metade de seu território. Tinha entre seus limites o Rio dos Patos, na divisa com o atual município de Imbituva, até as fronteiras também naturais com os rios Iguaçu e Paraná. (CAMARGO, 1929)

Dentro das fronteiras geográficas de Guarapuava (entre o Rio dos Patos e a Serra da Esperança) existiam poucos moradores, geralmente descendentes de bandeirantes paulistas que ali se fixaram e criaram suas raízes. Era um lugar pacato e até considerado inóspito. O local quase não figurava nos avisos e folhetins da época. (CAMARGO, 1929)

Com a abertura da linha telegráfica no ano de 1882 a situação do lugar começou a se transformar, pois as terras começariam a ser valorizadas. Essa valorização prometia ser concretizada com a construção da estrada de rodagem que traziam, através da necessidade de mão-de-obra externa, indivíduos que se ofereciam para auxiliar na construção da estrada, conforme se pode observar no encaminhamento do Presidente de Província Dr. Augusto de Carvalho:

> Ao distincto Engenheiro o Sr. Leopoldo Weiss, chefe do districto telegraphico de Curytiba ao interior da província devo as seguintes e animadoras informações que vos transmitto sobre este grande e notável melhoramento:
>
> "Os trabalhos de prolongamento da linha telegraphica d'esta capital ao interior da Província começarão no mez de Junho do corrente anno, tendo-se explorado até esta data 250 kilometros sendo 120 kilometros de traçado para a linha de Curytiba á Palmeira e o ramal para á Lapa, e 130 kilometros de Santa Cruz á Guarapuava. Este ultimo traçado, foi estudado de maneira a poder acompanhal-o (sic) uma estrada de rodagem em condições favoráveis, necessitando menos desenvolvimento do que qualquer outro projecto apresentado até hoje para o mesmo fim. Passa por Cupim, transpõe a serra da Ribeira n'uma depressão baixa, atravessa a vargem do Rio dos Patos, em cujas mattas vive uma população numerosa, galga a serra da Esperança ao lado esquerdo do Rio S. João única vereda que serve para subir essa serra difficil". (RELATÓRIO, 1882: p. 74)

Em geral esses indivíduos que vieram trabalhar na construção da estrada de rodagem eram aparentados da população residente, o que é necessário salientar, visto que esse momentâneo aumento populacional na região não abalaria a estrutura étnica da localidade que mantinha seus padrões culturais.

A localidade a qual refere-se o Presidente de Província denominava-se São João[30], pois nas proximidades corre um rio com o mesmo nome, em homenagem ao padroeiro da localidade São João Batista.

Dentre os habitantes do vilarejo um nome se destacava: Firmo Mendes de Queiroz, proprietário de terras, que viu a possibilidade do progresso eminente e abriu uma casa comercial em lugar estratégico: a beira da linha telegráfica. Esse lugar acaba se tornando o centro de operações e ponto de encontro dos trabalhadores e dos moradores da região e assim, Firmo se tornou o principal fornecedor de alimentos, sementes e ferramentas.

> O Senhor Firmo de Queiroz, morador de Guarapuava, adquiriu uma parte do registro de terras de S. João do Rio Claro e estabeleceu-se com sua família à beira de um riacho sem nome, hoje rio Caxim, e ali deu início a um pequeno povoado. O Senhor Firmo de Queiroz era um bandeirante de São Paulo. Após deixar sua cidade natal, veio com seus pais para Guarapuava mais ou menos no ano de 1875-6. No remoto sítio S. João do Rio Claro, longe da cidade, a morada de Firmo de Queiroz, qual oásis no meio a terras desertas do extenso município de Guarapuava, servia de abrigo a viandantes que se dirigiam a Guarapuava ou Curitiba. (POCZENCK, 1998: p. 17)

Essa não foi uma ação exclusivamente de visão de negócios e arrojo comercial, mas também uma necessidade pessoal, visto que sua estrutura familiar formada pela esposa e filhos pequenos não daria conta de cultivar a vasta extensão de terras, herdadas de seus pais. Além disso, o local servia de passagem para diversos viajantes, se tornando também arriscado manter uma casa comercial sem nenhum vizinho que o socorresse em situações perigosas.

[30] Em alguns relatos “São João do Rio Claro”

> Muitas vezes tomavam pousada no sítio de F. de Queiroz fugitivos da justiça, criminosos, gente desconhecida e suspeita. Um acontecimento que revela o clima de periculosidade daquelas regiões levou o bandeirante a procurar fundar uma vila naquela localidade. Certa vez o Sr. Firmo de Queiroz fora vítima de um ataque por um desses viajantes desconhecidos e suspeitos, após luta acirrada com o bandido saiu ileso da cilada. Sentindo como era insegura e perigosa a vida para ele e sua família naquela região, resolveu oferecer para a colonização o terreno que possuía. (POCZENCK, 1998: p. 17)

Como afirmado, a casa comercial de Firmo Mendes de Queiroz torna-se local de passagem e de parada para os sertanistas e a população local, fato que chamou a atenção do Padre Stumbo[31] que viu na localidade a oportunidade de construir uma capela em consagração a São João Batista. O padre incentivou Firmo Mendes de Queiroz a realizar tal construção com a certeza que essa atrairia mais pessoas para o lugar, dessa forma desenvolvendo o comércio local. (CAMARGO, 1929)

Atendendo ao pedido do padre, mas também visualizando a oportunidade de grandes rendimentos, Firmo reuniu os moradores da região para um mutirão que seria responsável por roçar o terreno cedido por Firmo Mendes de Queiroz localizado na imediação de sua casa comercial. A população também se interessou em ter uma capela nas redondezas para que não precisassem se deslocar até outras regiões.

As melhorias prometidas pelo governo do Estado começaram a aparecer somente no final do ano de 1884. A frente dessas melhorias figurava o nome do Barão de Capanema[32], o qual comandava a construção da linha telegráfica e fiscalizava a estrada de rodagem que estava sendo aberta.

Como único lugar de hospedagem na região, o Barão de Capanema se alojou na casa de Firmo Mendes, com o qual troca ideias que trariam o desenvolvimento da localidade. Uma delas seria a doação, por parte de Firmo Mendes, das terras próximas ao seu estabelecimento, para que ali fosse formado um povoado.

---

[31] Pároco de Guarapuava.

[32] Guilherme Schuch, Barão de Capanema foi naturalista, engenheiro e responsável pela instalação da primeira linha telegráfica do Brasil.

> Passou por Prudentópolis, “Guilherme Shuch” o Barão de Capanema. Que veio estabelecer as linhas de telégrafo de Guarapuava. O mesmo hospedou-se na casa de Firmo Mendes de Queiroz, tornando-se assim, amigos. Aproveitando a intimidade com o Barão, solicita sua interferência junto do Presidente Prudente de Moraes[33], e de sua Exa. O Senhor Presidente do Estado do Paraná, Dr. Vicente Machado, para enviar colonos para o local. Pois tinha muitas terras e pouca mão de obra. Devido ao respaldo começou a chamar-se de São João de Capanema. (Senac, 2001 apud SCHNEIDER, 2002: p. 50)

O terreno foi separado e as pessoas começaram a ocupar as terras e a construir suas casas. Numa forma de caracterizar o novo local Firmo Mendes decidiu por homenagear o ilustre convidado dando o nome do pequeno vilarejo de São João do Capanema[34].

Mesmo com toda a promessa de prosperidade a região pouco se desenvolvia, o que não era interessante para o Governo do Estado que ali via grandes oportunidades de valorização de terras. A proposta era atrair diversos investimentos e incentivar a propaganda imigratória no exterior, a qual acabaria por atrair melhorias infraestruturais financiadas pelo Governo Federal.

Assim como feito na década de 50, no ano de 1894 o governo do Estado transferiu a responsabilidade financeira sobre a localidade de São João de Capanema para o Governo Federal[35], exigindo um montante para que fosse possível a distribuição de lotes a fim de colonizar a região ainda considerada um vazio demográfico.

> Felizmente os Poderes do Estado, comprehendendo toda a importância da colonisação nas circunstâncias actuais do paiz, e vendo malogradas as diversas tentativas, que se tem feito em vários pontos do Império no intento de promover a emigração, habilitarão o governo imperial com

---

[33] Prudente de Moraes foi Presidente do Brasil nos anos de 1894 a 1898, e Vicente Machado só assumiria a Presidência do Estado no ano seguinte, sendo então, pelo menos a cronologia, errônea.

[34] Percebe-se que a intenção de Firmo Mendes era a de aproximar as pessoas de seu estabelecimento, que desse modo seria o principal lugar para a aquisição de mercadorias. Fica claro que o nome da vila seria mudado por uma relação de interesses, visto que, a pretensão era tirar vantagem da imagem do Barão que poderia intervir juntamente com o governo do Estado para a vinda de imigrantes para a localidade.

[35] Seja porém este ou aquelle o meio, porque se tenha de resolver o problema da colonisação, é fora de dúvida que os recursos da Província não bastarião para attingir a esse fim. (RELATÒRIO,1858: p. 21)

> amplos meios para cuidar desse ramo do serviço, a que o mesmo governo acaba de dar valioso impulso, celebrando com a Associação Central de Colonização um contracto, pelo qual se abriga a importar avultado numero de colonos. Contemos pois com a paternal solicitude do governo imperial, e a Ella reunindo os recursos de que podemos dispor, vermos aproximar a epocha que tanto desejamos. (RELATÓRIO, 1858: p. 21)

O aumento populacional tão almejado se deu por meio de uma colônia de imigrantes criada na vila, que então se tornou sede da colônia. Com isso a pequena vila tomou expressivo impulso, se tornando assim, em 1896 uma vila com povoação próspera, ruas bem traçadas e com novas casas sendo construídas.

Porém, as famílias imigrantes (ucranianos e poloneses) não ficaram residindo na vila, visto que vieram para trabalhar a terra. Por essa razão foram direcionadas para linhas abertas ao norte e ao oeste da sede. As famílias vieram para o Brasil atraídas pela propaganda imigratória que seduziu os imigrantes pela dicotomia terra X mão-de-obra[36]. Essa região de colonização oferecia aquilo que os imigrantes não encontravam mais na Europa industrializada, a manutenção da relação terra e trabalho instituída pelo sistema de campesinato.

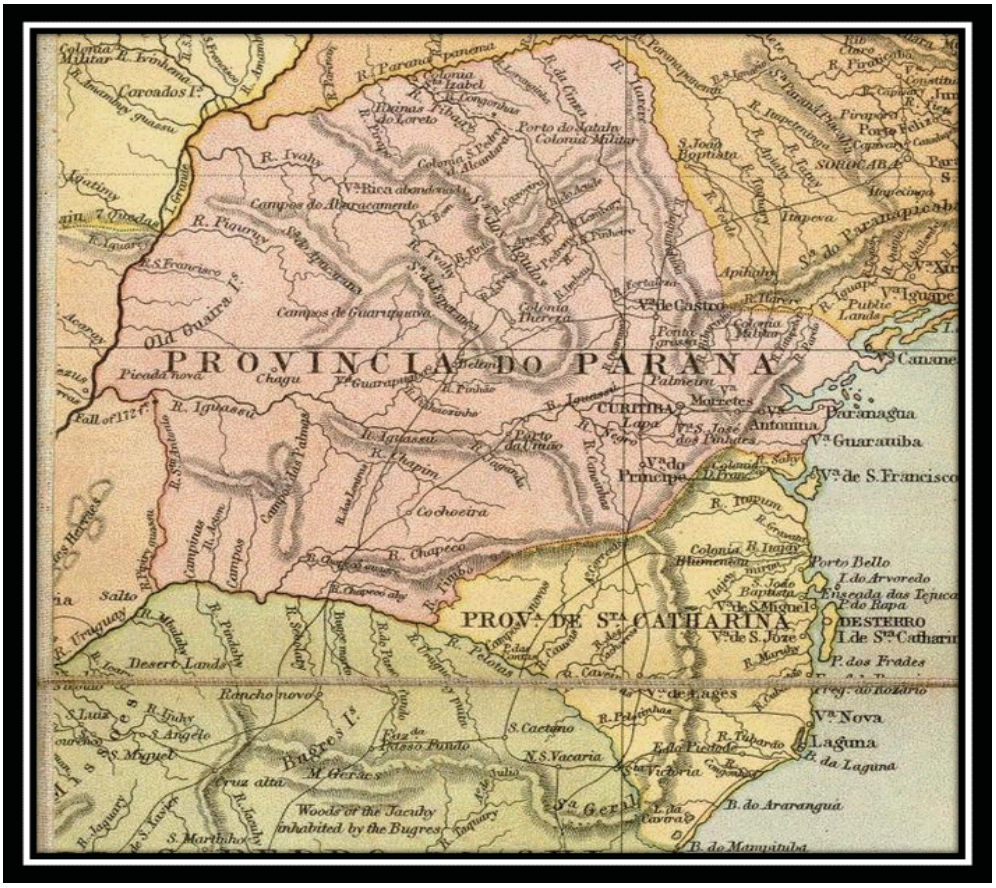
> De maneira geral, mesmo após 1848, os nobres continuaram a exigir pagamento em trabalho ou em dinheiro para que o camponês utilizasse as terras que haviam sido comunitárias. Na realidade, os camponeses continuaram a usar ilegalmente as terras rústicas e os pastos. Em função do impasse, a administração provincial passou a instalar comissões de direitos servis para examinar as demandas dos camponeses, as quais tendiam a favorecer os senhores das terras. (ANDREAZZA, 1999: p. 20)

As colônias de imigração surgem como uma resposta ao próprio processo de desmembramento da 5ª Comarca da Província de São Paulo como unidade autônoma (FIGURA Nº 05). O desmembramento visava enfraquecer politicamente o grupo que impunha oposição ao governo, nesse

[36] CAPÍTULO 2

caso a Província Paulista, que perdeu sua comarca mais meridional, a Comarca de Curitiba. (MARTINS, 1995: p. 335).

FIGURA Nº 05 - MAPA DA PROVÍNCIA DO PARANÁ



FONTE: (Bibliographischen Instituts in Hildburghausen, 1860. In: VEIGA, Pedro, 2011)

Porém, após o desmembramento (19 de dezembro de 1853) o Governo da Província necessitava responder às iniciativas do Governo Central que via a necessidade da ocupação do território que fazia fronteira territorial com o Paraguai e a Argentina (GUÉRIOS, 2007). Essa era a principal justificativa frente ao processo de desmembramento, seguido das reclamações de: distanciamento do centro administrativo, a densidade demográfica e a renda.

> Abusaria de vossa illustração se me occupasse de demonstrar-vos a necessidade de promoverdes a emigração de colonos morigerados e laboriosos, que, conhecedores de processos mais acabados, e habituados ao uso de instrumentos mais vantajosos ao maneio e cultura das terras, se empreguem nos vastos campos que

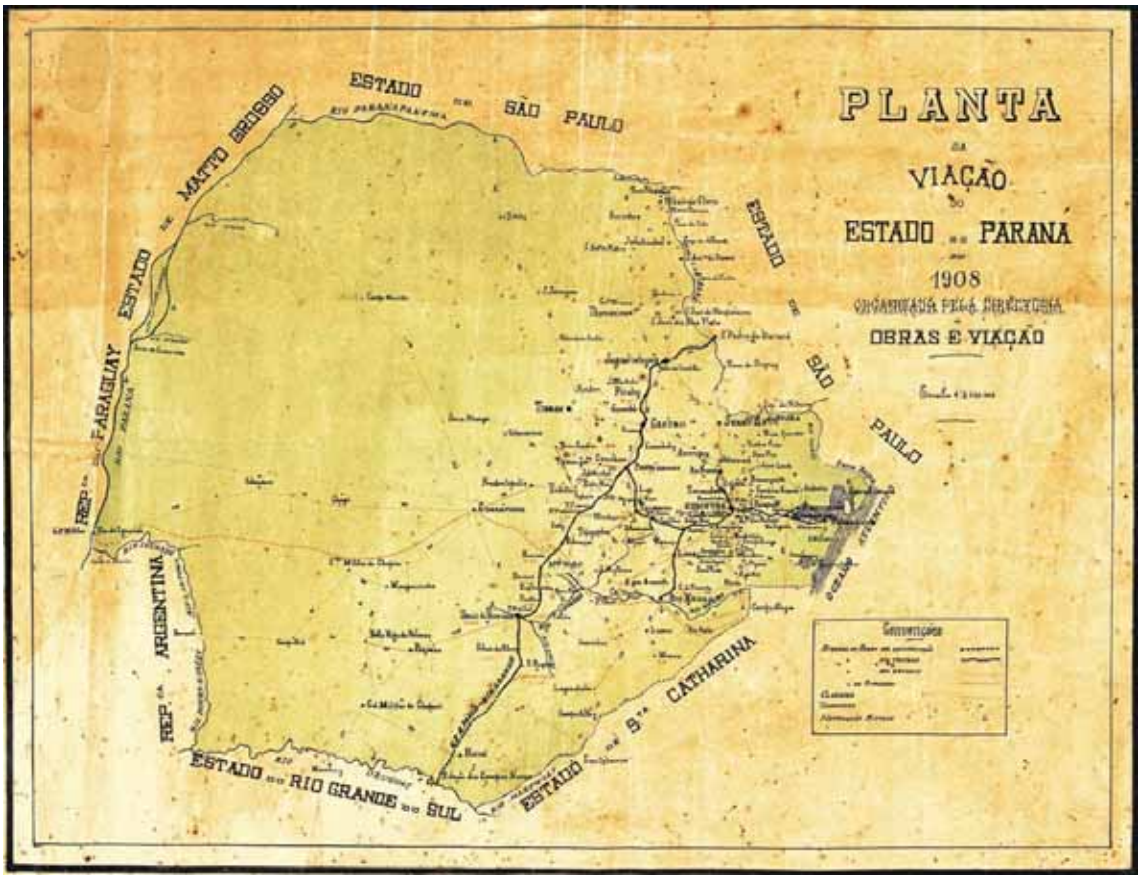
> possue a província, e cuja prodigiosa fertilidade abrange o gênero de producção agrícola; limitar-me-hei a indicar-vos o meio, que me parece mais adoptavel, para a consecução de tão almejado bem. (RELATÓRIO, 1858: p. 21)

A recente Província precisava preencher os vazios demográficos, mas não apenas em números, por isso era necessária uma ocupação efetiva. Com isso a imigração se tornou necessária, pois dotaria a província de trabalhadores e ao mesmo tempo aumentaria a produção, antes insignificante, pois de pequenas propriedades e de poucos produtores.

> Não contando a província proprietários habilitados a receber colonos por salários ou parceria, porque, como sabeis, sua lavoura é a chamada – pequena -, e portanto a que menos se presta a colonisação por aquelles meios, é pelo de venda ou aforamento de pequenos lotes de terra por módico preço, que se hade realisar, em meu entender, a colonisação nesta província a qual por ele se avantajará a mór parte das do império pelo proverbial salubridade de seu clima e agradável temperatura, porque tanta preferência lhe dão os filhos do norte da Europa. Seja porem este ou aquelle o meio, porque se tenha de resolver o problema da colonisação, é fora de dúvida que os recursos da província não bastarão para atingir a esse fim. (RELATÓRIO, 1858: p. 21)

Porém, fazendo uma leitura geográfica da região percebe-se que a justificativa de salvaguardar as regiões fronteiriças do Brasil não cabe às colônias no centro-sul do Paraná que não estão nas regiões fronteiriças, mas que necessitavam do aumento populacional e de produção. Essa situação adentra o século XX, sendo que a ocupação das fronteiras, oeste principalmente, começou a ser feita a partir da década de 40 do século XX. (FIGURA Nº 06)

FIGURA Nº 06 - MAPA DO ESTADO DO PARANÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XX - 1908



FONTE: Coletânea de Mapas Históricos do Instituto de Terras, Cartografia e Geociências do Paraná – ITCG-PR.

Essa colonização da região de Prudentópolis, Irati e Mallet se deu pelo fato de que as antigas terras de recepção de grupos imigrantes estavam sendo assoladas pelo eco da Revolução Federalista[37], a exemplo de Curitiba, Castro, Ponta Grossa, Lapa, que se encontravam cercadas pelos revolucionários. Essa é uma das razões que fazem com que se modifique o centro das colônias de imigração, que agora estavam distantes da capital do Estado[38].

De acordo com Burko, (1963) foi no dia 16 de abril de 1896 que chegaram à região que futuramente se chamaria Prudentópolis as carroças de Henrique Kremmer trazendo as primeiras famílias de imigrantes ucranianos, os

[37] Segundo Guérios (2007) o Paraná foi tomado pelos maragatos, que vieram a ocupar, além da capital Curitiba, as cidades, Rio Negro e Lapa Curitiba, Rio Negro de Lapa, as quais incluo Paranaguá, principal acesso dos imigrantes, o qual interrompeu a entrada de novos indivíduos e que mudaria a dinâmica interna dos grupos imigrantes, agora enviados ainda mais ao interior do Estado.

[38] Em fevereiro de 1896 é sancionada a lei de nº 177 que concede ao Barão de Capanema prorrogação de mais um ano do prazo estabelecido pela Lei nº 114 de 1894.

quais foram encaminhados à região pelo serviço imigratório do Paraná. Foi então que o diretor das obras públicas e coloniais, o engenheiro civil Dr. Cândido Ferreira de Abreu, resolveu por denominar a colônia de imigrantes eslavos de Prudentópolis, em homenagem ao então presidente da República Dr. Prudente de Moraes (CAMARGO, 1929).

Mesmo sendo maioria da população da colônia no início do século XX, os imigrantes em nada puderam interferir na mudança toponímica instituída, pois existia uma rede de interesses entre latifundiários da região, como Firmo Mendes de Queiroz e o governo do Estado. Assim, esses brasileiros mantiveram o domínio do poder político da pequena vila, o que resultou numa hegemonia política e que, gradativamente, criou um clima de rivalidade entre ucranianos e brasileiros, que agora tinham os poloneses como aliados[39].

De acordo com Winharski (2004) a formação da aliança étnica entre poloneses e brasileiros[40] se deve a rivalidade criada pelos ucranianos que em maior número mantinham suas representações coletivas e rechaçavam os que não compartilhavam com ela. Os poloneses mantinham a rivalidade construída ainda em solo europeu e os brasileiros se viam prejudicados pela diminuição de suas terras com a chegada dos ucranianos. Com o tempo nasce a dicotomia: ucranianos e não ucranianos, constituídos como dois grupos heterogêneos e que serve de referência para a formulação da diferença.

Por intermédio do serviço imigratório paranaense os ucranianos chegaram pelo porto de Paranaguá onde geralmente não permaneciam muito tempo, sendo remanejados para outros locais.

> A permanência de immigrantes nas Hospedarias de Paranaguá e d'esta Capital tem sido muito reduzida, sendo que, ordinariamente, embarcão de Paranaguá para a Capital no mesmo dia em que ali chegam ou, no dia

[39] Cabe relembrar que os poloneses formaram o maior contingente de imigrantes do Paraná e mesmo sendo minoria em Prudentópolis tinham uma relevante rede de relacionamentos frente ao governo.

[40] De acordo com Ramos (2006), é apenas por uma questão de analogia que denominamos o terceiro elemento prudentopolitano de "brasileiro"[40], (Wouk (1981) denomina "mestiço brasileiro") já que este é uma mistura de descendentes de portugueses (bandeirantes) e indígenas e muitos outros que contribuíram para a formação desse grupo. O brasileiro difere dos outros dois grupos na sua forma de vida e atividades. Após a terceira década do século XX, principalmente, enquanto os dois primeiros elementos trabalham no campo e na agricultura, o terceiro buscou outro modo, procurando se aperfeiçoar e indo trabalhar em indústrias, companhias construtoras, dentre outras.

> seguinte, nos casos de maior demora. Aqui, depois de feita a relação necessária, seguem immediatamente para as zonas que escolhem, ficando, apenas, na Hospedaria, aquelles que, devido a moléstias, se acham em tratamento e são julgados, pelo medico da Hospedaria, impossibilitados de uma viagem. Assim, tem-se reduzido consideravelmente despezas que outr'ora se fazia improficuamente, com a permanência delles nas hospedarias. (RELATÓRIO, 1895: p. 38) [41]

Em quantidade superior quanto ao número de indivíduos e famílias, os imigrantes foram transportados para o interior do Estado, primeiramente pelos trens de bitola até a cidade da Lapa e, posteriormente, em carroções[42] poloneses até chegarem ao seu destino.

Um relato dessas viagens feito por um imigrante fala das dificuldades encontradas e também de seu total desconhecimento da futura terra onde iram se estalar.

> Em Curitiba o trem parou na estação por pouco tempo e logo seguiu para Lapa. Ali, grandes carroções, cobertos com toldos, esperavam por nós. Levaram-nos com a nossa bagagem para uma olaria desativada na periferia da cidade, onde passamos a noite com fome e com frio porque era uma construção sem paredes, cheia de estrume e sujeira. Ficamos ali por três semana. Depois vieram os mesmos carroções e nos levaram adiante... E como os carroceiros fossem alemães, então quem sabia falar alemão podia conversar com eles... Frequentemente vinham os brasileiros, mas nós não sabíamos conversar com eles. O povo construiu uma estrada de três léguas que mal podiam trafegar os carroções. Ela passava por dentro de uma mata densa e escura, onde havia animais selvagens, como porco-do-mato, macacos e até pequenos leões. Quando o povo ouviu pela primeira vez o "berro" dos bugios se apavorou, pensando que era um leão. (HANICZ, 1996: p. 78)

[41] Relatório do secretário de obras públicas e colonização, Dr. João Baptista da Costa Carvalho Filho, ao então governador do Estado do Paraná Dr. Francisco Xavier da Silva em 28 de outubro de 1895.

[42] As carroças polonesas fora difundidas no Paraná pela imigração polonesa em Curitiba a partir da segunda metade do século XIX. Era puxada por cavalos e intermediou o transporte sob o lombo de burro e o transporte rodoferroviário.

Percebe-se através desse relato que os imigrantes ucranianos que chegavam à colônia de Prudentópolis não tinham nenhum conhecimento prévio da região onde haviam sido direcionados e alocados, sendo que entre as poucas informações que detinham estava a de que se tratava de um país maravilhoso e cheio de oportunidades, como dizia a propaganda imigratória paranaense[43].

De acordo com o relatório do secretário de negócios de obras públicas e colonização, Cândido Ferreira de Abreu, entre os anos de 1890 e 1896 o número de imigrantes chegados ao Paraná somaram um montante de 34.378 indivíduos, sendo que o último ano apresentou valores maiores que os anteriores, que seria resultante do êxito da propaganda imigratória. (RELATÓRIO, 1896: p. 05)

3.2 A TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR: A COLÔNIA E O MUNICÍPIO

O local tomou outras proporções quando da chegada, oriunda da Galícia[44], da primeira leva de imigrantes ucranianos contabilizando até o final do século XIX e a primeira década do XX, 1.500 famílias: aproximadamente 8.000 indivíduos. (GARDASZ; SILVA, 2006: p. 14) Era uma parcela dos imigrantes vindos para o Paraná.

> No decurso do anno findo até o mez de Março do corrente, entraram no estado treze mil imigrantes polacos de nacionalidade Austríaca, constituindo cerca de duas mil e seiscentas famílias, as quaes foram estabelecidas por conta do Governo Federal, em terras devolutas, de accordo com as disposições do art. 209 do decreto n° I de

[43] Essa propaganda era uma exigência feita pelo Governo do Estado à empresa que ganhasse a concessão sobre as terras a serem distribuídas à imigração. Destacava-se na vigésima quinta condição para tal concessão: "A promover dentro do paiz e do estrangeiro, pelos meios apropriados, a propagada e conhecimento das riquesas naturaes da zona a colonisar. (RELATÓRIO, 1895: p. 17)

[44] "São todos gallicianos, e vêm attrahidos pelos meios fáceis de vida, que dá o nosso Estado á quem quer trabalhar, e pela bondade reconhecida e proclamada do nosso clima, pela uberdade do nosso solo. Muitos delles vieram a chamado de parentes seus, aqui localisados e gosando de um bem-estar que lhes era desconhecido". (RELATÓRIO, 1898: p.11)

> 8 de Abreu de 1893, que baixou para execução da Lei n° 68 de 20 de Dezembro de 1892. Esses immigrantes foram localisados nas colônias Prudentopolis e Euphosina, aquella fundada á margem do Rio dos Patos, na estrada de Guarapuava. (RELATÓRIO, 1897: p. 07)

As chamadas colônias ucranianas não formaram vilas, povoados ou vilarejos, mas eram sim divididas em “linhas”, que obedeciam a um sistema geométrico definido com área aproximada de 10 alqueires cada. Essa simetria demonstra que a distribuição de terras se deu de forma organizada.

Segundo Hauresko (2002) as comunidades recebem o nome de linhas pela sua disposição padronizada no território prudentopolitano, sendo as casas construídas em filas em ambos os lados da estrada e em alguns casos em comunidades-núcleos onde se encontra uma aglomeração demográfica. (FIGURA Nº 07)

> Essas comunidades possuem em seu entorno comunidades menores que se mantêm dependentes das comunidades-núcleos por meio de serviços de cunho social, econômico e cultural por elas oferecidos, são as comunidades simples. As famílias moradoras das comunidades-núcleos usufruem de uma infra-estrutura própria (vendas, bares, igreja latina e igreja ucraniana, posto de coleta do correio, escolas, salões de festas, etc.). A relação entre as comunidades-núcleos e as comunidades simples pode ser interpretada como uma primeira diferenciação e hierarquização sócio-espacial. (HAURESKO, 2002: p. 66)

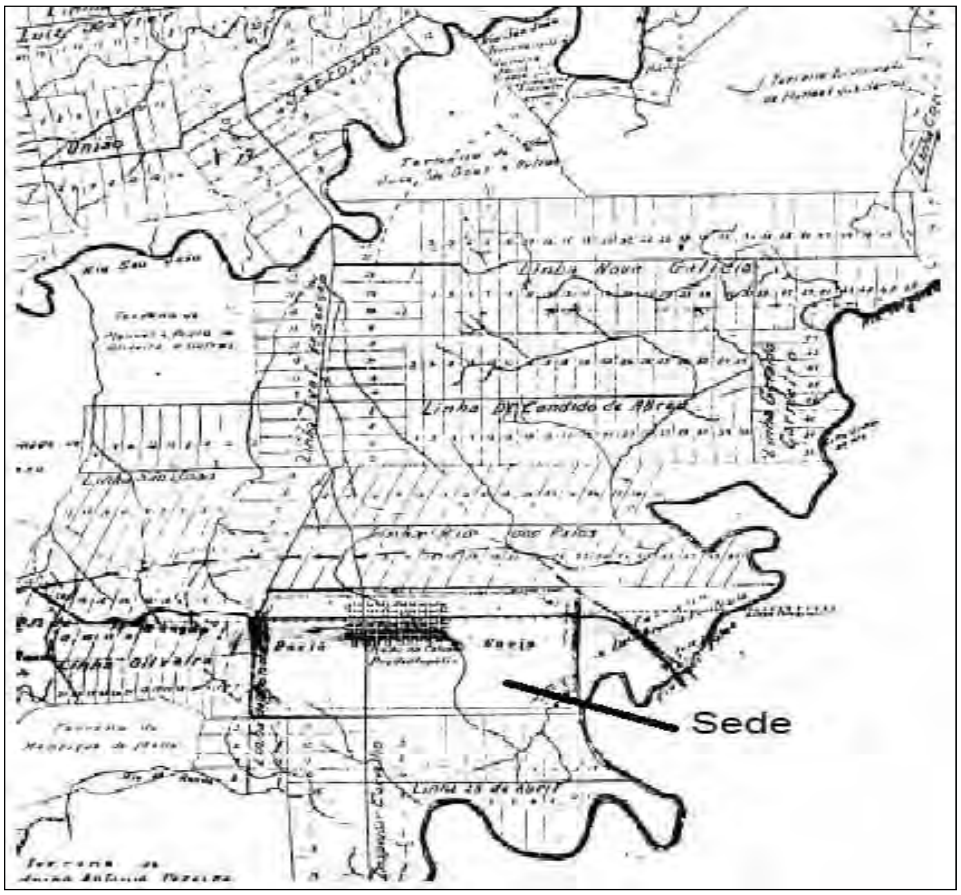
A essa hierarquia constituída pode revelar as primeiras relações intercomerciais que resultaria no processo de integração que, em graus variáveis, viria a se estabelecer.

De acordo com Kusma (2002), as terras de Prudentópolis foram divididas em 38 linhas, sendo elas:

> ao norte: Rio dos Patos, Candido de Abreu, Nova Galícia, Cônsul Phol, Antonio Olinto, Barra Vermelha, Ivaí, Carlos Gomes, Luiz Xavier, Sertório, Santos Andrade, Vicente Machado, Guarapuava da Esperança, Paraná, Carlos Gomes, Piquiri, Capanema, Coronel Eduardo Chaves, Maurice Faivre, Sete de Setembro, União. E ao sul:

> Inspetor Carvalho, Rio Preto, Visconde de Nácar, Dezembro, Visconde de Guarapuava, XV de Novembro, Ponte Nova, Ponte Alta, Tiradentes, Jesuíno Marcondes 1ª e 2ª seção, Tijuco Preto, Coronel Bormann, Cláudio Guimarães, Vinte e Três de Abril, Ronda, Vinte e Cinco de Outubro e Taboãozinho. (KUSMA, 2002: p. 23)

FIGURA Nº 07 - PLANTA DA COLÔNIA DE PRUDENTÓPOLIS – INDICAÇÃO DAS LINHAS E LOTES DISTRIBUÍDOS AOS COLONOS



FONTE: Museu do Milênio – A localização da Sede foi inserida pelo autor.

Coube aos representantes do governo a responsabilidade de demarcar os lotes dos imigrantes que utilizaram a margem esquerda do Rio dos Patos como referência para a demarcação, sendo os lotes direcionados ao norte e ao sul da Vila de Prudentópolis, como supracitado. Porém, o governo do Estado não se mostrou preparado para essa empreitada e muitos foram os imigrantes que tiveram que medir e demarcar suas próprias terras.

Com a chegada dos imigrantes os lotes eram distribuídos. De acordo com Zaroski (2001), ao longo das linhas eram feitas medições de chácaras com aproximadamente 12 alqueires que eram entregues aos imigrantes para moradia, desbravamento e plantio. Após a distribuição dos lotes dentre as linhas, o primeiro trabalho a eles atribuídos foi a construção das moradas, as quais, dentro das possibilidades econômicas dos recém chegados, eram feitas do material encontrado na região: madeira de pau-a-pique, chão batido e folhas de palmeira que serviram para cobrir a modesta casa.

> No dia immediato ou nos subsequentes á chegada dos immigrantes, serão elles empregados na construcção de choças, no lugar para isso designado, ou nos lotes que tiverem de occupar. Para construcção da choça terá cada immigrante direito a dous dias de alimentação aos immigrantes,devendo elles prover a subsistência de sua família, com o salário que receber. (...) A construcção das casas comprehenderá turmas para tirar taboinhas, ripas e fechames; turmas para serrar taboas ou tirar rachões; turmas para cortar esteios, emfim, as turmas precisas para os trabalhos de localisação dos immigrantes. (RELATÓRIO, 1897: p. 65)

Segundo Zaroski (2001), os primeiros anos dos imigrantes ucranianos e poloneses em solo paranaense não foram nada fáceis, visto que o governo apenas lhes “concedia” as terras, sendo o dinheiro escasso e não havendo a possibilidade, nem a vontade, de regressarem para seu país de origem.

Diante dessas adversidades o passo seguinte à construção de suas casas era derrubar a mata para preparar o solo que iria receber o cultivo de cereais. Mas as dificuldades insistiam em rondar a colônia onde a aquisição de sementes era difícil, assim como o acesso de ferramentas apropriadas. Isso fazia com que os imigrantes dependessem da boa vontade dos vizinhos, o que muitas vezes não ocorria, visto que ucranianos e poloneses foram colocados em linhas próximas e isso dificultava a relação entre esses dois grupos.

Com a imigração vieram padres poloneses e ucranianos, católicos e ortodoxos que construíram, paulatinamente, suas igrejas. A vinda desses padres foi um elemento agregador e auxiliou para a *manutenção* da identidade étnica tanto de poloneses quanto de ucranianos. Isso se deve ao fato dos

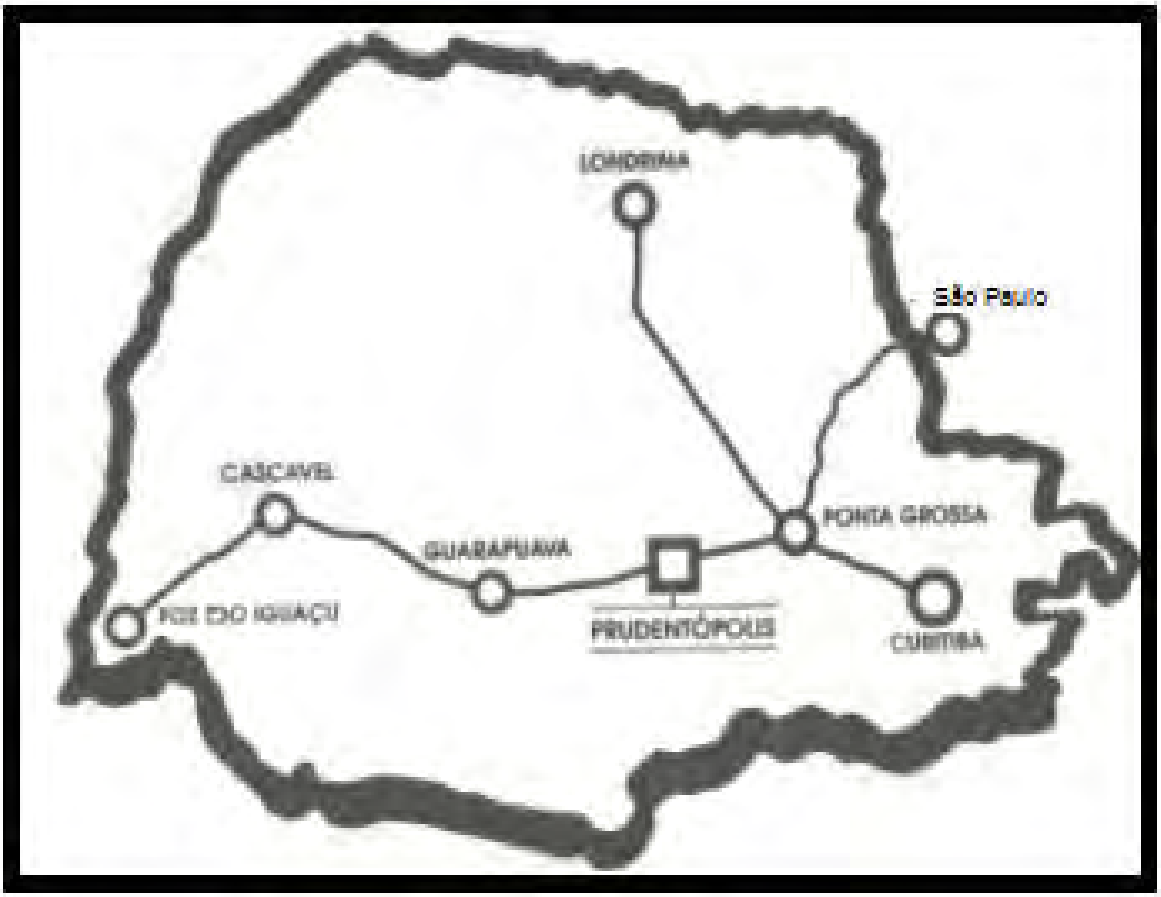
primeiros imigrantes não encontrarem nenhuma representatividade política, principalmente pela inexistência de consulados no país que pudessem olhar para sua causa. A falta dessa referência foi suprida pela presença dos padres que tenderam a manter os quadros tradicionais constituídos ainda no velho continente e que manteria assim, a união entre os integrantes do grupo.

> Imensas e ásperas foram as dificuldades com que depararam os primeiros imigrantes. Sem assistência efetiva dos poderes públicos, desconhecendo a língua do país, sem meios de transporte, sem estradas, sem ferramentas, desprovidos de recursos, desbravaram regiões incultas, arrotearam terras e fundaram cidades. Não podiam sequer pedir apoio de seus cônsules e embaixadores, pois não os tinham – filhos de uma grande nação, mas sem governo próprio. (WOUK, 1981: p. 35)

Também por essa razão, como será constatado ainda no decorrer desse trabalho, as principais representações coletivas que os grupos imigrantes instalados em Prudentópolis terão, como tradicionais elementos formadores de fronteiras identitárias, estarão intimamente ligadas com a religião e com a religiosidade, que direcionará e consolidará as fronteiras identitárias. Algumas representações estarão ligadas às festas populares e tradicionais (Páscoa e Natal), comidas típicas, danças, vestimentas, enfim, a todo tipo de representação cultural que com o passar dos anos e através do contato entre os grupos poderá constituir o imaginário coletivo prudentopolitano.

Contudo, a pequena vila não parava de crescer; reclamava-se uma organização político-administrativa, que suprisse suas necessidades. As reclamações foram ouvidas e a 5 de março de 1906, pela lei de nº 615, criou-se o município denominado Prudentópolis e, pelo decreto nº 242, foi marcada a eleição municipal para o dia 8 de junho de 1906.

FIGURA Nº 08 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS[45]



FONTE: Fundação Ayrton Lolô Cornelsen, 2004.

No dia 12 de agosto do mesmo ano instaurou-se o município (FIGURA Nº 08). Desejada a organização político-administrativa, principalmente pelos da terra e poloneses, que em número menor que os ucranianos se viam discriminados pelos mesmos que faziam questão de manter a fronteira étnica intacta. (CAMARGO, 1929)

Essa organização deu plenos poderes ao grupo representado pelos *brasileiros* que como grandes proprietários de terras da região mantiveram o contato com políticos influentes e conseguiram manter o poder institucional do município em suas mãos, criando conflito com os ucranianos e se aproximando cada vez mais dos poloneses.

[45] O município de Prudentópolis está localizado na região centro-sul do Estado do Paraná, a uma distância de 220 quilômetros de sua capital Curitiba. Tem o terceiro maior território do estado do Paraná somando 2.275 km. A sua população é de aproximadamente 48.793 habitantes, sendo que quase 30 mil habitam o espaço rural. (IBGE, 2010)

3.3 OS QUE CHEGARAM E O QUE FORMARAM: RELAÇÕES DE ALTERIDADE NO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS

Diante dos *diferentes*, os ucranianos buscaram uma fonte de elementos que lhes forneceram características capazes de diferenciar o grupo, de estipular uma fronteira étnica. Diante do *outro* encontrado em Prudentópolis, como os *brasileiros* e os poloneses, os ucranianos se voltaram para a antiga pátria a fim de buscar elementos que os pudessem diferenciar dos demais povos da região, produzindo então sua identidade.

Os ucranianos fizeram-se valer da superioridade numérica para impor seus meios de identificação fazendo com que, concomitantemente, os caboclos e os poloneses que também habitavam a região assimilassem seus usos e costumes e, deste modo, aceitassem suas representações de modo incontestável, sob a pena de sofrer com o pré-conceito adotado pelos imigrantes ucranianos.

Ao analisar o período proposto (1895-1950), percebe-se também que, sendo o elemento ucraniano o primeiro a chegar à região, pelo menos em grande número, conseguiu privilégios principalmente porque teve o direito de escolher as terras mais férteis, deixando para os poloneses e outros apenas as regiões mais acidentadas do município, o que ajudou o imigrante ucraniano a manter uma hegemonia econômica e, consequentemente, a sóciocultural.

A busca pela hegemonia cultural no município, indicada pela exaltação às tradições trazidas da longínqua Europa dava, constantemente, a impressão de desrespeito a nacionalidade brasileira. Dentre as tradições que reuniam a população imigrante estavam as religiosas, pois eram as que estavam ligadas à instituição que não lhes havia abandonado durante a imigração: a Igreja.

Com isso não é difícil perceber por que a maioria das representações coletivas que esses imigrantes tentam pôr em prática e passar para seus descendentes são também representações religiosas. É através desse meio de representação que as lutas pela unidade étnica se travam no município de Prudentópolis.

> As famílias dos descendentes dos primeiros imigrantes mantinham, assim como aqueles, uma forte tradição

> religiosa. Muitas delas, pelo fato de não haver uma capela próxima das colônias em que residiam, deslocavam-se vários quilômetros de carroça ou até mesmo a pé, ainda no sábado, para poderem assistir a missa dominical na matriz da vila. (ZAROSKI, 2001: p. 35)

O grande número de igrejas que existe no município além da fé existente entre a população, mostra que sempre houve uma enorme concorrência no que diz respeito à capacidade dos grupos em construir templos mais imponentes do que o dos outros, mostrando assim sua competência. Sendo assim, quando se vai em direção às linhas existentes em Prudentópolis encontra-se em quase todas as localidades duas igrejas, uma em frente a outra: uma polonesa e uma ucraniana.

> O município de Prudentópolis soma um total de 130 comunidades rurais. Em praticamente todas elas encontram-se famílias de ucraínobrasileiros. A presença de ucranianos na comunidade pode ser apreendida quando há nesta uma igreja do rito-ucraíno-católico, um marco que indica a presença de um número considerável de famílias de ucraíno-brasileiros. (HAURESKO, 2002: p. 64)

Com o tempo as práticas habituais trazidas do velho mundo não auxiliavam na solução dos problemas encontrados no novo país. Seria necessário então, criar novos mecanismos para ultrapassar as novas barreiras que agora eram impostas. Teriam agora que compartilhar valores, representações e o imaginário coletivo.

Na tentativa de demonstrar sua superioridade os ucranianos e seus descendentes se organizam para que suas tradições se disseminassem entre os outros habitantes da região, pois se era para compartilhar valores, provavelmente desejavam que fossem os seus. Para tal, suas representações tidas como tradições eram dotadas de significados que traduzem o *verdadeiro espírito ucraniano*, o espírito religioso que segue todas as normas de Deus transcritas pelos homens.

A transformação do local também segue essa forma. Quando chegam a Prudentópolis os imigrantes são direcionados às linhas onde fixaram moradia, criando assim seu *habitat*.

> O habitat característico das colônias é o disperso, isolando as casas entre os pomares com orientação apenas pela estrada. A presença de uma ou de outra grande propriedade é logo percebida pelos vastos campos recobertos uniformemente por uma só cultura. Em meio a essas paisagens coexistem os faxinais com casas irregularmente dispersas num pasto natural arborizado, normalmente cercado, onde suínos, caprinos e o gado podem transitar livremente. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PRUDENTÓPOLIS, 2001: p. 39)

Com isso iam recriando seu espaço e seu lugar que vai se aproximando daquilo que se encontrava em sua terra natal. A forma de utilização do espaço de produção agrícola se mostrava diferenciada pelo conhecido por aqueles que já habitavam a região. O trabalho na maioria das atividades era ininterrupto, visto que os animais deveriam se alimentar todos os dias e durante várias vezes ao dia, como na criação de suínos, por exemplo.

A própria atividade agrícola que era sazonal e temporária se tornava contínua, visto o constante plantio de diferentes culturas em tempos específicos, dependendo da variação climática. (HAURESKO, 2002)

De acordo com Schneider (2002), os camponeses ucraíno-brasileiros definem-se como *colonos*.

> São essencialmente agricultores, vivem em pequenas vilas na área rural do município e a lavoura principal de cada família situa-se num lugar mais afastado, em média 5 a 10 km da casa. Estas distâncias existem porque, em parte, as terras foram sendo divididas entre herdeiros, outras adquiridas longe de casa, conforme a necessidade e oportunidade de aumentar a lavoura. O cultivo principal é o feijão, cebola, alho, batata, fumo e milho. Além desses produtos que são cultivados para consumo próprio, e, eventualmente, podem ser vendidos, que são os produtos do quintal. (SCHNEIDER, 2002: p. 32)

Mas os imigrantes tiveram que se adaptar a algumas situações encontradas no solo prudentopolitano, pois depois da demarcação dos lotes, derrubada das matas, plantio e estabelecimento de sua cultura, o que se produziam era suficiente apenas para a subsistência. Tinham que pagar a

dívida feita quando adquiriram os lotes, tendo então que gerar lucro com o que produziam, através da venda.

> Essa produção não tinha a possibilidade de expansão, e os colonos complementaram-na com a extração e o beneficiamento do produto predominante, a erva-mate, integrando-se na conjuntura econômica da época. (BORUSZENKO, 1981: p. 13)

As recriações do cotidiano também podem ser percebidas no espaço sóciocultural quando diversas composições de cultura popular eslava atravessavam o espaço da casa e eram compartilhados nos espaços de sociabilidade, principalmente, no salão da igreja.

De acordo com Hauresko (2002), a manutenção das representações coletivas tradicionais dos grupos que residem no interior do município de Prudentópolis, se deve ao fato do isolamento em que viviam com relação aos centros urbanos. Segundo a autora, esse isolamento geográfico pode ser apontado como um dos fatores da conservação dos costumes e de tradições dos imigrantes e seus descendentes. Porém, é difícil imaginar qualquer grupo de forma isolada, visto que o contato era inevitável.

Segundo QUEIROZ (1973) a organização das comunidades rurais é feita através de grupos de vizinhança, que através da necessidade de ajuda mútua acabam por cimentar as relações interpessoais.

> São solucionadas por práticas formais e informais, tradicionais ou não; pela participação coletiva em atividades lúdico-religiosas que constituem a expressão mais visível da solidariedade grupal; pela forma específica de ajustamento ao meio agroecológico, através do trabalho de roça, executado pela família conjugal como unidade econômica; pelo exercício do comércio de parte dos gêneros obtidos com a lavoura ou com criação como um meio de permitir a aquisição de objetos e mercadorias fabricadas na cidade; pela interdependência visível entre o grupo de vizinhança, comunidades-núcleos e núcleos urbanos, locais e regionais, para os quais se dirigem os lavradores, seja para vender seus produtos ou comprar mercadorias. (HAURESKO, 2002: p. 64)

O contato foi inevitável e as relações interétnicas se tornaram cotidianas. A negociação dos quadros representativos da comunidade prudentopolitana caracterizou-se, cada vez mais, pelo viver nas comunidades. Esse convívio foi muito mais do que uma simples relação de vizinhança, pois resultou na criação ou (re)criação de elos que mantinham unido um grupo de pessoas. Formaram-se esses elos por cultura em comum; as formas de consumo, a terra, a estrutura social e; as normas comportamentais comuns estabelecidas pelo grupo, dentro de uma estrutura social comum, sistema hierárquico familiar e o valor da igreja.

CAPÍTULO 4 – ENTRE A FRONTEIRA IDENTITÁRIA E A INTEGRAÇÃO ÉTNICA: UMA BARREIRA TÊNUE, PORÉM, PERCEPTÍVEL

A diversidade étnica no Paraná é anterior ao processo de imigração, mas tomou visibilidade a partir desse fenômeno. Com essa nova complexidade étnica as diferentes identidades acabam se chocando e parecendo, num primeiro momento, situações de xenofobismo e/ou pré-conceito.

Essa relação de aproximação de diferentes grupos transformou uma comunidade pacata em um cenário complexo, pois, de lutas simbólicas pelo poder. Com isso, pensar no imigrante como *outro*, ou melhor, como estrangeiro[46], seria uma forma de justificar não somente as construções de formas discriminatórias de convivência, mas também de reproduções de formas vividas ainda no velho continente. Ucranianos, poloneses e *brasileiros* se veem em torno dessa complexidade.

Com a imigração o contato entre diferentes grupos étnicos se torna inevitável, visto que em terras brasileiras mesmo com os vazios demográficos não existiram distanciamentos geográficos significativos que estabelecessem fronteiras imunes ao contato com o outro.

> somos levados a imaginar cada grupo desenvolvendo sua forma cultural e social em isolamento relativo, essencialmente, reagindo a fatores ecológicos locais, ao longo de uma história de adaptação por invenção e empréstimos seletivos. Esta história produziu um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como uma ilha. (BARTH 1969 - 1998: p. 190)

Mas esse *ecológico local* não marginaliza o recém chegado. O imigrante se defronta, sim, com uma situação de marginalidade perante os grupos que o

[46] Nessa ideia de estrangeiro estaria presente uma noção de mobilidade espacial. Representaria a ruptura com a comunidade de origem, de dificuldade de assimilação, de produção de relações sociais orientadas pela indiferença ou ao conflito. O estrangeiro representaria para a comunidade hospedeira como a construção simbólica do inimigo, da segregação, do homem marginal, o que não pertence a nenhum mundo, nem ao velho, que abandonou, nem ao novo, que adotou. (TEDESCO, 2003: p. 92)

recebe. Porém, é difícil entender, em Prudentópolis, quem é o *outro*. Principalmente se afirmarmos que os donos do local, ou seja, o *nós,* seriam aqueles que detivessem enquanto grupo social constituído a soberania sob as regras, códigos e normas de conduta. Como o *outro* poderia integrar-se, uma vez que ele e suas representações são marginalizados?

Partiremos da ideia de que as relações interétnicas se tornaram inevitáveis mesmo que, através do discurso etnocêntrico, a distância e o isolamento fossem considerados guardiões de traços culturais vistos como tradicionais. Afirma-se então que as ilhas étnicas salvaguardadas do contato inexistem, mesmo que sejam recorrentes nos discursos sobre fronteiras.

> embora a hipótese ingênua de que cada tribo ou povo manteve sua cultura graças a uma ignorância belicosa de seus vizinhos não seja mais defendia por mais ninguém, persiste a visão simplista de que o isolamento geográfico e social tenham sido os fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural. (BARTH, 1969 - 1998: p. 188)

Para rebater o não isolamento são criados mecanismos de proteção contra os interesses externos apropriados e mantidos pelos grupos que se intitulam como donos do lugar. Formula-se uma rede de conflitos que mesmo criando fronteiras étnicas e identitárias que tendem ao preconceito, transforma essas fronteiras em perceptíveis formas de integração étnica.

Nesse capítulo surgem discussões conceituais sobre fronteira, identidade, imaginário e integração que servirão como aporte para a apresentação das formas e apropriações (usos e costumes) dos grupos étnicos do município de Prudentópolis-PR. Tais discussões servem para que no capítulo seguinte seja possível perceber como os grupos étnicos se relacionam e inter-relacionam, além de compreender como a integração pode ser vislumbrada, apesar de discursos contrários encontrados principalmente em livros comemorativos, vistos como tendenciosos.

Sugerir o conceito de integração para esse estudo surge como uma proposta intrigante e questionável, pois parte de uma discussão delicada que permeia o conceito de fronteira identitária e de etnicidade.

O conceito de integração[47] parte da premissa de que existe separação entre grupos diferentes e ela pode ser explicada pelas variações existentes entre as fronteiras constituídas pelas coletividades para formular, evidenciar e caracterizar os componentes do grupo em prejuízo aos demais indivíduos. Essa formulação de fronteiras não é característica apenas de um grupo, mas de todos que percebem a necessidade de salvaguardar seus traços tradicionais e que acabam muitas vezes o fazendo em detrimento ao outro.

Seria preciso, então, caracterizar o conceito de fronteira que permeia a discussão de etnicidade e identidade, para que depois o conceito de integração possa tomar as proporções necessárias para esse estudo.

A utilização do conceito de identidade étnica se apresenta como forma de comprometimento interpessoal que tende a instituir diferentes níveis de relacionamento entre componentes que partilham uma mesma essência, o que por si só já é determinante para formular fronteiras.

Dentre esses diferentes níveis de relacionamento existe pelo menos uma relação antagônica constituída pelo contato: estrangeiros (os de fora) e os nativos (os do lugar). Os grupos (os de fora ou os do lugar) que detêm o controle, seja político, social ou cultural, têm o poder de coagir o jogo das interações étnicas e não oferecem a todos os grupos as mesmas possibilidades de participação na formação do novo imaginário coletivo. Porém, esse efeito não é totalmente restritivo e excludente. Com o contato, o grupo que se considera dominante consegue restringir apenas as escolhas dos grupos minoritários.

> os membros das minorias podem igualmente explorar por sua própria conta as ambiguidades, as incertezas e os mal-entendidos comunicativos sempre presentes nas sociedades etnicamente diversificadas. (POUTIGNAT, 1998: p. 135)

Transformada em diferentes níveis desse relacionamento, a identidade étnica é construída pela necessidade da construção da diferença ou da

[47] Para Cabral (2004) integração inclui os indivíduos de um todo, tornando-os integrantes da vida comunitária de um grupo. Com isso a integração anula as diferenças e nivela as especificidades individuais. Mais adequado a discussões sobre grupos étnicos o conceito de interação agrupa as coletividades em um trabalho conjunto, onde os grupos reagem juntas a uma mesma situação, sendo todas modificadas, em graus variáveis.

fronteira. Essa diferença, pautada no grupo, necessita de um componente primordial: o indivíduo. Esse só se torna componente quando integrado ao grupo, surgindo então o primeiro ponto de integração.

Não podemos, porém, encarar os grupos étnicos e suas estratégias de construção de fronteiras como forjadoras (pelo menos não de forma consciente) de situações de interação, integração e assimilação de culturas que podem, a priori, aparecer como maleáveis e manipuláveis. Elas fazem parte do vivenciar cotidiano estabelecido por indivíduos e grupos que constantemente estão realizando uma luta simbólica (através de suas representações) na busca pela realização de seus interesses materiais. Ações que num primeiro momento podem parecer segregadoras, na verdade estão agindo como mecanismos de interação e, consequentemente, de integração.

Encontramos em Prudentópolis uma pluralidade de identidades em diversas situações de contato.

> Entre todas as identidades que o indivíduo pode ter, a identidade étnica é a que responde de modo mais completo a essas necessidades, porque o grupo étnico representa por excelência o "refúgio" de onde não podemos ser rejeitados e onde jamais estamos sós. (POUTIGNAT, 1998: p. 90)

Esse refúgio cria um sentimento de afinidade afetiva que estabelece e cimenta os vínculos étnicos. Esse sentimento é responsável pela construção simbólica da pertença e da não pertença. O caráter desses vínculos são então adquiridos e assim mutáveis[48].

Essas identidades produzem e utilizam representações e símbolos para construir/transformar o imaginário local. É através dessas representações coletivas que os indivíduos se identificam ou se diferenciam de outros componentes do grupo étnico, sendo que o conhecimento da produção e da

[48] Os ideólogos do "novo culturalismo" acentuam a importância dos grupos étnicos na definição das identidades sociais e o valor que a pertença étnica representa para os indivíduos. A pertença étnica não é mais vista como obstáculo para a igualdade dos cidadãos, mas como a base de sua participação na vida política e social como membros de um hyphenated-group. Na perspectiva do "novo culturalismo", o hífen que torna o indivíduo um ítalo-americano não transforma em um meio-americano mas representa a própria essência da americanidade. (POUTIGNAT, 1998: p. 73)

utilização delas torna-se tática para situações onde a alternância de identidade é necessária.

> é vista como uma construção social da pertença, situacionalmente determinada e manipulada pelos autores; o desacordo recai na natureza da "necessidade" ou dos motivos que levam os grupos a se distinguir uns dos outros e a organizar suas relações sociais baseadas nestas distinções. (POUTIGNAT, 1998: p. 125)

Através dessas táticas, segundo Poutignat (1998), a etnicidade seria uma forma dos atores sociais definirem e redefinirem seu local perante as interações com a sociedade global.

> Longe de se impor aos atores como um dado do mundo social a ser aceito sem questionamento, a etnicidade oferece-se a eles como um meio de construção, de manipulação e de modificação da realidade. Ela é um elemento das negociações explícitas ou implícitas de identidade sempre implicadas nas relações sociais. A hipótese é que, no curso dessas negociações, os atores procurem impor uma definição da situação que lhes permita assumir a identidade mais vantagiosa. (POUTIGNAT, 1998: p. 117)

Seria então um jogo de identidades no qual as fronteiras não se tornariam barreiras, mas sim sinalizadoras de possíveis transposições. Porém, elas continuariam existindo. Em que momento devemos ser *nós* e quando devemos ser o *outro*? Diferentes discursos, mesmos significados.

> Os traços culturais que demarcam a fronteira podem mudar, e as características culturais de seus membros podem igualmente se transformar – apesar de tudo, o fato da contínua dicotomização entre membros e não membros permite-nos especificar a natureza dessa continuidade e investigar a forma e o conteúdo da transformação cultural. (BARTH, 1969 -1998: p. 195)

Segundo Poutignat, a adaptação étnica pela qual os grupos vistos como diferentes deveriam passar, seria constituída por quatro etapas. A primeira

seria a *competição*, onde os grupos expõem suas identidades e impõem suas representações num constante processo de enaltecimento de seus padrões culturais tradicionais. Em seguida viria o *conflito*, pois o processo passaria pela negociação desses padrões culturais, o que nem sempre é feito de forma amigável, visto que enaltecendo a sua tradicionalidade, consequentemente, está diminuindo a do *outro*.

Depois que esses dois pontos fossem exaustivamente recorrentes entre os liames de gerações, eles passariam pelo estágio da *adaptação* e da *assimilação*. Esses últimos seriam concebidos como uma fusão que permite a aproximação e a integração daqueles que eram até então vistos como diferentes. A partir disso os *diferentes* poderiam ter uma vida sociocultural comum (comunidade). Tanto imigrantes quanto os do local (que pelo menos se reconhecessem como tal) passariam a compartilhar os mesmos sentimentos (quanto a sua terra, seu povo e a sua história), as mesmas lembranças (sobre a construção dessa história), e as mesmas tradições (sobre o princípio dessa história).

Essa dinâmica, no que se refere as relações interétnicas, poderia ser reduzida a um enfrentamento entre dois parceiros abstratos. De um lado estaria o grupo étnico local que já estaria concebido como uma totalidade integrada. De outro os imigrantes que, num primeiro momento seriam candidatos a assimilação, visto que estão chegando a um local onde já existe a "totalidade integrada", com suas regras, normas de conduta, mitos fundacionais e imaginário coletivo formado.

Porém, os imigrantes também já formam uma *totalidade integrada* com suas regras, normas de conduta, mitos fundacionais e imaginário coletivo. Seria necessário, então, um ajustamento progressivo entre os recém chegados e os membros da sociedade de acolhimento. Tanto o imigrante quanto o do local interiorizam novos valores e exteriorizam valores próprios, comportando-se de modo adequado para com o *outro*, sendo que esse modo nem sempre é visto como adequado pelo *outro*.

4.1 O JOGO DA ETNICIDADE – TRANSPOSIÇÃO DE FRONTEIRAS E OS CONTATOS INTERÉTNICOS

A busca pela adaptação ao meio sempre foi uma necessidade natural do homem, o qual buscou ferramentas que lhe assegurassem uma maneira cômoda e segura de enfrentar os desafios a que foi submetido constantemente[49]. Essas adversidades (econômicas e/ou sociais) se apresentaram de diversas formas, por vezes sincrônicas, caracterizando mudanças e permanências ao processo de sociabilidade.

O homem vive numa constante dialética entre o seu construir identitário e a necessidade de se enquadrar à identidade social e coletiva que busca a homogeneidade.

> os indivíduos têm a possibilidade de escolher as bases (étnicas ou não étnicas) de seus contatos interpessoais, podendo a mesma pessoa ser categorizada em função de diferentes critérios cuja pertinência é avaliada de acordo com a situação de interação. (...) todos os atributos categoriais de uma pessoa são interpretados em termos de etnicidade sem que o indivíduo possa fugir a essa designação globalizante. (POUTIGNAT, 1998: p. 135)

Isso se deve ao fato de que o homem sentiu a necessidade, não de maneira totalmente consciente, de criar mecanismos para identificar os seus iguais, mantendo suas relações sociocultuais e posteriormente estabelecer suas fronteiras étnicas.

Essa afirmação pode parecer muito distante quanto a sua análise histórica, mas como ferramenta de pertencimento e reconhecimento do grupo pode ser considerada atual, visto que o processo de adaptação é constantemente determinado pelos diferentes grupos sociais.

Quando da vinda dos imigrantes ucranianos ao futuro município de Prudentópolis nota-se, como exemplo, que a distribuição dos lotes na colônia se caracterizou pela proximidade das famílias de grupos da mesma etnia. Essa

[49] Os membros dos grupos étnicos não são definidos como tais em razão de sua pertença involuntária e de sua interiorização inconsciente dos valores do grupo. Mas, ao contrário, os grupos étnicos se formam quando os indivíduos desejam adquirir bens (a riqueza, o poder) que não chegam a conseguir segundo suas estratégias individuais. (POUTIGNAT, 1998: p. 100)

estratégia foi determinada com o intuito de facilitar essa adaptação, visto que os conflitos com vizinhos certamente apareceriam resultando na construção da diferença.

A construção dessa diferença estaria pautada na manutenção da fronteira étnica, que (a partir de seus componentes) tendeu a adotar um pré-conceito em relação aqueles que não se assemelhassem aos pré-requisitos necessários à aceitação de um determinado grupo, que exige do indivíduo a assimilação dos usos e costumes do grupo pelo qual quer ser aceito.

Para conseguir manter relações com seus semelhantes e também com o *outro,* os homens criaram meios comuns de comunicação. Produziram uma maneira de se identificar como membros de um grupo e também de ser identificados como componentes dele.

Esses meios comuns de comunicação seriam: a linguagem, o folclore, as representações coletivas, as imagens e os símbolos que irão compor o imaginário coletivo prudentopolitano, nesse caso.

> A língua e a religião desempenham um papel importante, talvez porque elas autorizam a comunidade de compreensão entre aqueles que compartilham um código linguístico comum ou no mesmo sistema de regulamentação ritual da vida. (POUTIGNAT, 1998: p. 38)

Dentro dessa perspectiva pode-se afirmar que existe a necessidade de um aporte imagético para que o indivíduo possa vir a fazer parte de um grupo. Esse aporte imagético é um quadro mental que um determinado grupo tem por tradicional, onde estão inseridos diversas imagens e símbolos que auxiliam no processo de identificação. Essas imagens e símbolos podem ser os mecanismos utilizados para a criação de uma identidade étnica. Com base nessa afirmação, compreende-se a dificuldade que o indivíduo sente ao se distanciar de seu grupo e ao se aproximar de outro, visto que as coletividades tendem a formar um modo de identificação que serve para aceitar ou distanciar um novo indivíduo, integrando-o ou rejeitando-o.

Cria-se, então, a relação entre *nós* e os *outros* que se opõe, segundo Barth (1969), à ingênua teoria de que a fronteira étnica resiste intacta graças ao isolamento geográfico de determinado grupo.

> a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas. Logo não é a diferença cultural que está na origem da etnicidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre os grupos por meio dos símbolos simultaneamente compreensíveis pelos insiders e pelos outsiders. (POUTIGNAT, 1998: p. 124)

Ela parte da ideia de que, para que haja a necessidade de identificar o *outro* como diferente, há a necessidade de se conhecer e ter contato com o *outro* e ainda, que eles reconheçam essa diferença. De acordo com Todorov (1993), o ponto de partida não é analisar o *um* ou o *outro*, mas sim o *um* e o *outro*, pois ambos interagem constantemente.

Leva-se em consideração que para entender a identidade social do povo prudentopolitano tem-se que analisar a inter-relação existente entre os grupos que se instalaram ou já habitavam o município de Prudentópolis, o que será notado na continuidade trabalho. Essa análise mostrará as semelhanças e os distanciamentos entre as representações das etnias predominantes em Prudentópolis, as quais formarão uma nova identidade pautada na integração entre os grupos estabelecidos, nesse caso, pelos casamentos interétnicos.

Não se pode generalizar o processo de identificação de determinado grupo apenas pela premissa de que ele pertence a uma distinta etnia, mas sim pela aproximação dele com outros grupos. Dessa maneira, a formação da identidade ucraniana em Prudentópolis não terá a mesma formação da identidade ucraniana em diferentes partes do mundo, pois os fatores externos influenciarão significativamente no processo de resistência ou como atenuantes da fronteira.

Os ucranianos em Prudentópolis foram muitas vezes confundidos com poloneses, recebendo, assim, terras que faziam fronteiras com as de descendentes desses que em Prudentópolis também se estabeleciam. Criou-se uma fronteira étnica mais difícil de ser transposta, pois carregada de formas de diferenciações que são anteriores ao processo migratório.

> A fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Logo, isso leva à aceitação de que os dois estão fundamentalmente "jogando o mesmo jogo", e isto significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e de expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividades. (BARTH, 1969), in: (POUTIGNAT, 1998: p. 196)

A dificuldade dessa organização se deve ao fato de que o imaginário criado no velho continente continuou vivo no liame das gerações, imaginário esse que foi ativado devido à presença deste *outro*, o polonês[50]. (RAMOS, 2006: p. 38)

A construção dessa diferença em solo brasileiro teve os alicerces das fronteiras criadas antes da imigração e se apoiava na memória coletiva que tende a preconizar o outro. Por essa razão, tem-se a preocupação de perceber que nem tudo o que faz parte dessa memória coletiva realmente aconteceu, ou seja, essa identidade pode ser algo condicionado pelo passado, porém, contendo elementos do presente para se legitimar.

Segundo Hobsbawm, "todos os seres humanos, coletividades e instituições necessitam de um passado" (HOBSBAWM, 1994: p. 283). Através desse passado as coletividades criam meios de se identificar e só a partir desse momento podem ver o *outro* como diferente, assegurando que seu passado será, de comum acordo entre os participantes do grupo, primordial, formando assim uma identidade social que tende a tradicionalidade.

Essa tradicionalidade é posta em prática no momento em que o indivíduo se identifica com o grupo e em que o grupo identifica o indivíduo. O cuidado que se deve tomar nesse tipo de discussão é que com o contato entre os grupos diferentes, as identidades entram em crise, e essa crise produz

[50] Foi sob o julgo de grandes impérios que o povo do leste europeu lutou contra diversas invasões que assolaram seu território, o que resultou nas constantes modificações das fronteiras territoriais e, consequentemente, também ajudou a modificar a fronteira étnica e identitária do povo eslavo. Diante desse contexto, que perdurou até o final do século XX, as fronteiras identitárias de países vizinhos como Ucrânia e Polônia se fortaleceram fazendo com que se criasse um imaginário coletivo, onde imperou a hostilidade étnica entre esses dois grupos, hostilidade essa que resistiu à travessia do Atlântico e aportou em terras brasileiras.

novas formas de identificação que fazem com que essas identidades pairem entre a tradição e a tradução, e, muitas vezes pareçam isoladas, esquecidas e fragmentadas.

Porém, a identidade não é imóvel, ela é dinâmica e está em constante movimento. Tanto a identidade individual quanto a social está em mudança não apenas pelo contato externo, pela influência de outros grupos, mas essa mudança também é realizada pelos próprios componentes do grupo.

Segundo BARTH (1969), a construção da identidade étnica de um grupo envolve as interações do grupo com o mundo ao seu redor, esfacelando a teoria do isolamento.

> Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes. Contudo, onde indivíduos de culturas diferentes interagem, poder-se-ia esperar que tais diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores. (BARTH, 1969), in: (POUTIGNAT, 1998: p. 196)

Essa interação transcende os aspectos culturais do interior do grupo, envolvendo as imagens e representações dos que os circundam. Pensar a identidade étnica e sua construção seria então uma característica de ordem social que tende a se transformar através do contato.

Através dessa afirmação é possível definir o processo de integração étnica, visto que o cotidiano de uma comunidade é definido pelo processo de assimilação pelo grupo das representações coletivas de grupos distintos, sendo a recíproca verdadeira. Por isso explicá-los separadamente seria um grave erro, pois é evidente a existência de uma estreita relação entre os diferentes níveis de identidade.

Assim vislumbrou-se os ucranianos e suas relações com outras etnias através de comparativos sociais, já que a identidade ucraniana não é original em sua totalidade, mas sim uma tradução de imagens e representações que se tornam tradição. Os ucranianos em Prudentópolis dentre muitos de seus usos e

costumes não apresentam fazeres de origem ucraniana, mas sim polonesa, austríaca, russa, mas constituem parte de suas representações, pois há muito tempo são aceitas para a identificação dos indivíduos. Com isso *"um grupo pode adotar os traços culturais de outro, como a língua e a religião, e contudo continuar a ser percebido e a se perceber como distintivo".* (POUTIGNAT, 1998: p. 156)

Esse processo de identificação está sujeito a várias construções, transformações e influências num processo constante. Cabe a cada indivíduo ou coletividade fazer o processo de identificação e resguardar os valores que os diferenciam dos outros. Esses processos de identificação, ou melhor, de construção/transformação de identidade podem ser feitos de diversas maneiras, dependendo do grupo a que pertencem ou pretendem pertencer.

O contato com o *outro* determinaria, a priori, a troca de experiências e valores no momento em que exista a necessidade de transpor a fronteira étnica com o intuito de manter um relacionamento de simbiose com seus vizinhos, os quais diversas vezes partilham de um imaginário cultural semelhante, mas que são tidos como diferentes pela maneira de se identificar.

4.1.1 Jogo das identidades e a constituição da etnicidade

Segundo Eriksen (1993), etnicidade[51] se refere ao relacionamento entre grupos que se consideram e são considerados culturalmente distintos. Isto significa que dois grupos podem ser iguais em sua forma cultural, porém, no momento em que se considerarem diferentes, agirão de tal maneira que diferenças serão encontradas para distingui-los. Essa definição sobre a etnicidade parece simplista para esse trabalho, principalmente pela relação estabelecida entre grupos que mesmo distintos, tanto se assemelham.

Primeiramente temos que entender que a construção da etnicidade se baseia nas semelhanças fenotípicas, culturais, ou nos dois, sendo que através dessas semelhanças acabam por alimentar uma crença subjetiva que estabelece uma comunidade ou grupo como tipo ideal. Através de lembranças

[51] De acordo com o dicionário Aurélio, a etnicidade é o caráter ou qualidade de um grupo étnico, no que se refere a sua distintividade e sua identidade sociocultural, e que implica, mobilização política ou social em defesa dos valores ou interesses do grupo.

da imigração ou da colonização e dos discursos que as acompanha, é que essa crença acaba por se propagar entre os descendentes que tendem a instituir a comunalização dessa crença.

De acordo com Poutignat (1998), é através da crença subjetiva e pelo sentimento de honra social compartilhado por todos os membros que alimentam essa crença, que os grupos étnicos tendem a permanecer unidos, como se a pertença étnica fosse constituída pela oposição a estilos de vida que estariam em diferentes graus sociais. Porém, continua o autor, as características que distinguem os grupos étnicos só terão eficácia na formulação de fronteiras se ambos acreditarem que existe uma estranheza de origem, de preferência, distante. Por isso a importância dos mitos fundacionais constantes na história de cada país.

Para que ocorra uma relação interétnica os grupos têm que perceber que existem diferenças entre eles. Para que um grupo seja diferente do outro basta ele se achar diferente.

> A identidade étnica (a crença na vida em comum étnica) constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta idéia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas. (POUTIGNAT, 1998: p. 40)

O elemento diferenciador poderá ser uma construção do próprio grupo como, por exemplo, os ucranianos que se diziam mais trabalhadores, éticos e ordeiros que os brasileiros. Sustentavam o discurso de que enquanto europeus e brancos eram superiores aos nativos.

> Afirmando que a geografia (isto é, a natureza) era a base da raça, os imigrantes “brancos” no Brasil criariam uma identidade nacional semelhante à européia, que viria a esmagar, com sua superioridade, as populações nativas e africanas. (LESSER, 2001: p. 24)

Em contrapartida os nativos se diziam mais inteligentes e astutos e veem os imigrantes como um perigo para as relações sociais, econômicas e culturais existentes.

> O imigrante representa para o autóctone alguém portador de diferença, da diversidade (física e cultural). A concepção de Estado-nação produzida na Europa ocidental criou a imagem de que os co-nacionais formam uma parentela alargada (ainda que seja constituída de milhões de pessoas diferentes). Desse modo, o imigrante aparece como estrangeiro; no caso em questão, como inferior intelectual e moralmente, portanto, perigoso e culpado por contaminar a cultura hospedante. (TEDESCO, 2003: p. 99)

Mesmo com o medo de *contaminação* ao qual tanto nativos quanto imigrantes tentavam inutilmente fugir, a aproximação física e cultural tornava-se inevitável. O simples processo de criação da colônia de imigração em Prudentópolis, assim como diversas em todo o Brasil, já determinava o contato e o relacionamento, uma vez que o isolamento levaria qualquer grupo à derrocada econômica.

Os imigrantes em Prudentópolis buscavam em vilarejos vizinhos as ferramentas que necessitavam para realizar seus trabalhos e suas plantações. Buscavam também a confiança dos negociantes que compravam seus produtos, definindo os limites não apenas pelos valores culturais, mas também levando em consideração os fatores econômicos e políticos.

O próprio histórico do município (por si só) acabava por rechaçar a teoria do isolamento geográfico, ainda mais depois da chegada dos imigrantes em Prudentópolis. Lembremos que naquela região já existia um vilarejo que se tornaria o centro comercial do futuro município. Os encontros a caminho de casa se tornavam cada vez mais frequentes, ocasionando relacionamentos de aproximação ou de distanciamento, mas principalmente de contato.

O sentimento de estranheza ocorreria principalmente com os imigrantes que eram tidos como invasores pelos caboclos da região. Viam-os como aqueles que tomariam as terras e o trabalho.

> A etnicidade, então, refere-se aos grupos, ou mais exatamente aos povos, que são nações potenciais, situadas em um estágio preliminar da formação da consciência nacional. Neste estágio, a solidariedade étnica manifesta-se no confronto com elementos estrangeiros e origina-se na xenofobia, sem por isso constituir uma pertença consciente de si própria e dotada de uma significação positiva. Um grupo étnico é então "simplesmente" uma categoria descritiva e objetiva, discernível pelo observador externo. (POUTIGNAT, 1998: p. 45)

Mas não era um preconceito exclusivo deles, pois existia também a rivalidade entre ucranianos e poloneses que perdurava gerações e que veio junto ao Brasil pela migração desses povos. Esse sentimento de pertença diversas vezes foi confundido com saudosismo e apego a antigas nações (caso de ucranianos e poloneses) que constantemente eram acusados de enaltecer a nação de origem em detrimento da hospedeira.

Os grupos de imigrantes tentavam - ucranianos principalmente - atribuir à nova terra um sentimento de continuidade histórica embasada nos mitos de origem de sua antiga nação, o que propiciava o ambiente perfeito para o embate com os poloneses.

> Nenhuma nação moderna possui uma base 'étnica' dada... o problema fundamental é portanto o de produzir o povo: ou, melhor, é que o povo, ele mesmo, se produza em permanência como comunidade nacional. (POUTIGNAT, 1998: p. 50)

Essa relação aumentava o sentimento de rivalidade também entre *brasileiros* e ucranianos, visto que os primeiros viam as redes de instituições e as práticas sociais dos outros como ameaças à nacionalidade brasileira. Essa relação ajudava a fixar os sentimentos de repúdio e de representação de si e do outro, fazendo com que a diferença estabelecida entre os grupos étnicos fosse constantemente formadora da relação de diferença simbólica entre *nós* e os *estrangeiros*.

> A rivalidade tradicional entre os dois povos eslavos, de origem histórica e não social, continuou a se fazer sentir mesmo longe do campo de luta em que ambos se

> digladiaram por vários séculos. Hoje, porém, somente os mais velhos não esquecem e não perdoam o fato dos poloneses haverem reduzido o povo ucraíno ao estado de servidão, depois de o haverem despejado das suas liberdades políticas. (WOUK, 1981: p. 23)

Essa rivalidade contribuiu intensamente para a construção de um imaginário coletivo em terras prudentopolitanas, havendo tentativas de predominância, valendo-se de representações de poder.

No caso dos ucranianos o poder era representado pela maioria absoluta que insistiam em mantê-lo pela difusão, seus traços tradicionais. Pelo lado dos poloneses e *brasileiros* era representado pelo poder instituído no município, pois muitos dos imigrantes poloneses circundaram as propriedades centrais. Esse poder instituído ainda continha resquícios de antigas relações políticas que envolviam os grandes latifundiários locais e o Governo do Estado.

Mesmo maioria, os ucranianos eram, pelo menos no plano político, rechaçados pelas autoridades locais que tendiam a deixar os imigrantes de lado da história do município. Porém, as *armas* ucranianas estavam agindo no campo da longa duração, visto que seus usos, costumes e as representações coletivas acabavam por povoar as ações cotidianas, constituindo assim o imaginário prudentopolitano.

> os poderes que conseguem garantir o controle, senão o monopólio destes meios, apropriam-se assim de uma arma tanto mais temível quanto mais sofisticada. É difícil subestimar as possibilidades que se abrem, deste modo, às iniciativas de tipo totalitário que visam anular os valores e modelos formadores diferentes daqueles que o Estado deseja, bem como condicionar e manipular as massas, bloqueando a produção e renovação espontânea dos imaginários. (BACZKO, 1985: p. 308)

Assim, o imaginário e as representações foram sendo utilizados pelos mecanismos de controle de opinião ou como tais. Em Prudentópolis a tentativa de garantir o monopólio do imaginário coletivo foi feita a partir da difusão dos usos e costumes de cada grupo, fazendo com que cada vez mais pessoas reconhecessem esses costumes, dando a impressão de que consideravam

essas representações como tradicionais e, principalmente, como parte integrante de sua tradicionalidade.

> o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam (...). Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto que o território atravessado por este limite permanece, ao contrário, sempre e por toda a parte idêntica, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal. (PLANTAGEAN, 1990: p. 291)

Para analisar o imaginário popular do povo prudentopolitano tem-se que buscar informações na base de sua estrutura, pois é a partir dessas informações que é possível identificar o sistema simbólico criado para a construção de fronteiras e dessa forma para o processo de integração.

De acordo com Pesavento “o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas” PESAVENTO (1992: p. 16). Esses símbolos só se tornam parte de um imaginário social a partir do momento em que ele se caracteriza como sendo comum à sociedade, por isso a importância da estrutura descrita acima. Esse símbolo deve representar algo e não somente para quem o *criou*, mas ele deve ser identificado por componentes de um grupo e representar para a coletividade.

4.2 A DINÂMICA DAS IDENTIDADES E O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO: UCRANIANOS E POLONESES SE TORNAM BRASILEIROS E TODOS SE TORNAM PRUDENTOPOLITANOS

Como formas de proteção contra interesses externos, as diferenças podem ser analisadas pela maneira que se apresentam e se modificam, em diferentes níveis, em formas de integração entre diferentes indivíduos e grupos formando um novo grupo que se reconhece. Esse é o prudentopolitano, antes

pautado e definido pelas fronteiras e diferenças de ucranianos e poloneses[52], agora caracterizados pela integração entre esses grupos.

Isso deve-se ao fato do imaginário do imigrante (Ucrânia, Polônia e suas relações belicosas) se transformar no imaginário local. Os descendentes de ucranianos até poderiam ter relações conflitantes com poloneses, ou vice-versa, mas serão pelo contato e convivência em terras prudentopolitanas e não mais por se sentirem subjugados enquanto pertencentes às nações prepotentes. Claro que não podemos esquecer que esse imaginário foi criado a partir dessas situações, mas temos que perceber essas mudanças representativas.

A complexidade do interelacionamento étnico acabou determinando um jogo de desconfiança entre o *nós* e os *outros*. Mesmo maioria da população ou aqueles que detêm o poder político ou os detentores de grandes propriedades, todos os grupos acabam por co-dividir a própria tradição cultural. O dia a dia numa sociedade complexa, prudentopolitana, fez com que a construção da identidade tenha em sua composição um pouco de cada grupo étnico. Os grupos negociam os limites de sua própria identidade, não com o receio de perdê-la, mas enriquecendo-se com a presença do outro, provavelmente sem perceber as mudanças.

O preconceito e os estereótipos que derivam do processo da negociação das identidades foram e estão sendo revistos e expostos de acordo com a reação daqueles que se viam enquanto vítimas dessa situação. Essa disputa identitária abalaria, então, ambos, fazendo com que tanto imigrantes quanto receptores mantivessem o contato sob constante tensão. (LESSER, 2001: p. 23)

Dessa maneira, os membros da comunidade não estariam dispostos a esconder seus padrões culturais, mas através do próprio enaltecimento de suas representações dispor-se-iam a dividir com aqueles que aceitassem, a sua própria tradição cultural.

---

[52] Cabe salientar que esses não são os únicos grupos étnicos encontrados em Prudentópolis-PR, mas são aqueles que, por maioria, requerem para si as representações coletivas predominantes no município, o que geralmente mantém um clima de rivalidade entre os referidos acima.

> Só é possível falar em interculturalidade no momento em que a noção de identidade perde seu sentido estático, incorpora multiplicidade, dinâmica, reciprocidade, relação com o outro. (TEDESCO, 2003: p. 179)

A identidade prudentopolitana seria, assim, o resultado de uma operação não tão simples, mas possível: identidade ucraniana + identidade polonesa + identidade *brasileira* = identidade prudentopolitana. Resultaria da negociação das fronteiras étnicas desses grupos e da constante luta para manter e impor seus quadros representativos.

> O conceito de identidade pessoal e de cultura, ligado ao tempo e à vida do indivíduo, está cada vez mais mostrando seus limites. A própria modernidade, ao construir a noção de identidade, mostrou claramente a coexistência de múltiplas identidades. A identidade, por sua natureza, possui a dimensão plural e dinâmica, pressupõe alteridade e diversidade, ou seja, não pode ser dada como estanque, certa e definitiva; trata-se de um sistema aberto, em contínua evolução no mundo social. (TEDESCO, 2003: p. 185)

Com isso o prudentopolitano negociava sua identidade de acordo com sua necessidade. Ora ele é ucraniano, ora polonês e ora *brasileiro*, mas sempre será prudentopolitano.

O processo de integração entre os grupos étnicos em um novo grupo era visto por aqueles que insistiam em manter os padrões étnicos tradicionais como um enfraquecimento e até do esfacelamento da consciência e da solidariedade étnica. Os casamentos interétnicos, por exemplo, foram vistos como responsáveis pelo relaxamento dos liames étnicos e que faziam com que descendentes deixassem de aprender a língua, os costumes e a história do seu povo.

Porém, como afirma Poutignat (1998) esse relaxamento é uma condição necessária da integração de uma sociedade global, pois a mobilidade sociocultural acarreta num elevado grau de aculturação que se torna válida pelos imigrantes e seus descendentes e aqueles que até então não partilhavam de nenhuma memória, ações cotidianas e representações com o *outro*.

Assim os descendentes não devem mais ser considerados com *estrangeiros* em uma sociedade de recepção, pois sua pertença na comunidade prudentopolitana é tão legítima quanto a dos *brasileiros*. O pluriculturalismo se torna uma cultura pluralizada. As diversas identidades se tornam numa nova identidade que também constrói suas fronteiras perante diferentes comunidades.

Temos que lembrar que a constituição da identidade prudentopolitana é um processo de vínculo étnico, no qual os grupos até então diferentes se identificam com as representações locais. A hostilidade e o preconceito continuam a existir, o que muda são os indivíduos que passam por essas adversidades criadas pela nova comunidade.

Para perceber essa integração na sociedade prudentopolitana serão analisadas, ainda nesse trabalho, as representações coletivas que eram vistas como segregadoras e como formas de proteção contra a ação de outros grupos, mas que, através do liame das gerações, tornam-se representações integradoras, mesmo um dos grupos continuando impô-las aos demais.

Com isso pretende-se fazer uma leitura de como os indivíduos, sejam ucranianos, poloneses ou brasileiros, criam suas relações de interesse e de poder, e, de que forma essas relações determinam a formulação de um imaginário coletivo.

4.2.1 As diferenças são diferenças ou apenas discursos? Os dois lados de uma mesma moeda

Os mecanismos de resistência criados/transformados pelos diferentes grupos étnicos surgem como respostas às mudanças que ocorrem na chamada pós-modernidade. O espaço histórico, social e cultural dos grupos imigrantes foi sendo gradativamente reorganizado pela ação resultante do processo de globalização que tende a homogeneizar os grupos. Porém, não se deve pensar esse processo como padronizador de um determinado campo da sociedade humana: a cultura.

Lembramos que a etnicidade nunca está pronta e acabada. Ela é dinâmica e está sempre em transformação.

> a etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram "cabides" nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico. Concorda-se igualmente em reconhecer que os traços ou os valores as quais as pessoas escolhem para prender suas identidades não são necessariamente os mais importantes, os que possuem "objetivamente" o maior poder de demarcação. (POUTIGNAT, 1998: p. 128)

Mesmo os ritos, os usos e costumes e os símbolos não sendo os com maior poder de demarcação dentro do grupo, foram utilizados para demarcar o espaço simbólico prudentopolitano.

No que se refere a sociedade prudentopolitana, percebe-se que as atividades cotidianas mais significativas compartilham os mesmos símbolos, mas geralmente são representados de formas diferentes. Analisando essas representações e os valores a elas atribuídos (menor ou maior) torna-se possível perceber os mecanismos que regulam a sociedade, dando significado e dotando os indivíduos dos sentimentos de pertencimento.

O conceito de representação estaria, então, intimamente ligado aos de imaginário[53] e identidade, na medida em que as coletividades produzem as representações de si e dos outros grupos.

> é através dos imaginários sociais que uma coletividade designa sua identidade; elabora uma certa representação de si. (...) É através do imaginário de uma sociedade que podemos identificar um vasto sistema simbólico que as coletividades produzem e através do qual elaboram os seus próprios objetivos. (BACZKO, 1984: p. 309)

Para perceber esse sistema simbólico que constitui o quadro das representações, torna-se necessário analisar a forma como o grupo formula seu modelo de identificação e quais componentes utiliza como parâmetro para

[53] O conceito de imaginário, aqui discutido, é definido como um conjunto de representações que uma certa coletividade (ucranianos, poloneses e dentre outros) têm por tradicional. Cabe aqui salientar que o conceito de imaginário não está fechado a discussões, visto que ele ainda não foi formulado de uma maneira que possa ser aceita de maneira universal.

definir sua identidade. Esse modelo acaba por representar o que somos ou formamos (comunidades, sociedades).

A partir dessas representações, ou do conjunto delas, cria-se[54] o imaginário de uma coletividade, visto que as mesmas são elementos formadores desse imaginário. Estes não são os únicos elementos formadores do imaginário, uma vez que ele é composto por um vasto sistema simbólico que garante àqueles que detêm o seu monopólio, o controle sobre o imaginário coletivo.

No município de Prudentópolis, os ucranianos compõem o maior grupo étnico que, entre imigrantes e seus descendentes, chegam a um percentual de 75% da população, requerendo a hegemonia quanto ao imaginário coletivo. Porém, verifica-se que seus usos e costumes são confundidos com as manifestações cotidianas de outros grupos étnicos residentes no município. Exemplo disso são algumas representações que fazem parte do quadro tradicional dos ucranianos, mas que inegavelmente fazem parte da cultura polonesa, sendo depois constituidoras do imaginário local. Isso se deve, em parte, pelo processo de aculturação sobre o qual os ucranianos passaram quando do subjugo ao Império Polonês.

Então, a ideia de integração étnica não pode ser vista como um processo recente, tampouco uniforme. Faz parte do dinamismo das produções humanas de diferentes grupos, originadas nos contatos históricos e transformadas na longa duração. Falar da Ucrânia e de ucranianos; Polônia e poloneses; Brasil e brasileiros, pauta diferentes formas de existência dos grupos que habitam e habitaram diferentes regiões em diferentes momentos da história.

Assim, o ucraniano da Ucrânia é diferente do ucraíno-brasileiro, assim como o polonês da Polônia não é o mesmo do Brasil[55]. O contato com o outro por si só integra, no momento em que a aproximação é certa e as trocas simbólicas inevitáveis.

Esse contato faz com que as coletividades imprimam suas singularidades culturais e criem suas fronteiras que são ultrapassadas no

[54] Cria, transforma, forja ou manipula. Vários podem ser os atributos a essa afirmação, sendo o *ponto de vista* o definidor do conceito utilizado.
[55] Essas colocações parecem redundantes, mas vale lembrar que a questão de pertencimento faz com que existam ucranianos nascidos em outros locais.

momento de se relacionar com o outro o que, paulatinamente, os aproxima e os integra. Mesmo com essa afirmação, a linha condutora da criação/transformação do imaginário coletivo tende ao quadro de representações de um dos grupos, nesse caso, os ucranianos.

O controle sobre os traços peculiares das singularidades culturais garantiu aos descendentes ucranianos a supremacia sobre o imaginário coletivo, traçando assim seus limites que seriam o fio condutor da construção de uma identidade integrada: a prudentopolitana. Tal identidade pode ser percebida, mesmo que forçosamente, através dos usos e costumes de ucranianos e poloneses, nos quais existe uma visível semelhança entre seus traços cotidianos, mesmo que os componentes desses grupos não aceitem tal hipótese, pois os reapresentam de formas diferentes.

Em *Nós e os outros* (1993), Todorov discute se existe essa diferença e qual a importância de se descobrir e analisar tais diferenças. Como esse trabalho está relacionado com grupos étnicos, torna-se necessário compreender as diferenças e aproximações entre a identidade dos grupos estudados e a dos demais grupos que possam influenciar a formação de uma nova forma de identificação, como por exemplo: os brasileiros, alemães, dentre outros imigrantes que também se estabeleceram em Prudentópolis.

Parece evidente, nas pesquisas feitas por Gomes (1972), Korczagin (1998), Pastuch (1998) e Kusma (2002), que as representações coletivas ucranianas transformaram-se, de forma definitiva, no modelo cultural e social predominante, a ponto de compor e definir a identidade coletiva prudentopolitana. Os referidos autores utilizam como exemplos os usos e costumes, vícios de linguagem, canções de roda, brincadeiras infantis, dentre outros aspectos.

Dentre esses traços evidenciados pelas referências ao velho continente e à antiga pátria, encontra-se também variações dos encontrados no Brasil. Músicas brasileiras, por exemplo, são adaptadas e cantadas em ucraniano.

Esse comportamento seria um exemplo de convivência quando os imigrantes, tentando criar laços com o país hospedeiro, buscaram meios de se identificar, mas sem perder sua parcela significativa do tradicional. Não se trataria de um processo marginalizante, pois como dito, os ucranianos eram

maioria e não foram expostos a significativas situações excludentes, pelo menos não na esfera cultural.

Assim, para determinar o processo de integração, o primeiro passo seria medir o grau de influência de cada grupo étnico na formação de uma nova identidade: a prudentopolitana[56]. Com isso, percebe-se que a ideia de integração é formada a partir de um processo dinâmico. Da identidade nasce a fronteira, das fronteiras a integração, da integração a nova identidade e assim uma nova fronteira, refazendo o ciclo.

A luta constante pela hegemonia do imaginário coletivo em Prudentópolis, fez com que ucranianos e poloneses concorressem pela manutenção de suas representações coletivas que estabeleciam suas fronteiras étnicas. Através dessas lutas, que inevitavelmente levam ao contato, fica evidente o amálgama cultural criado em todo o século XX. Vislumbra-se esse amálgama na música, na gastronomia, nos contos e causos pitorescos e nas diversas formas que esses grupos têm de se apresentar e (re)apresentar.

Perceber o processo de integração só é possível através de uma análise conjuntural de determinada comunidade, pois ela se transforma gradativamente fazendo com que essa transformação não seja sentida por aqueles que compartilham e vivenciam os fatos históricos, mesmo que feito através da imposição das fronteiras.

Para Cabral (2005: p. 29) “a integração tende a anular as diferenças e a atenuar as desigualdades e acaba por nivelar as especificidades individuais”. Assim, no decorrer de um século de convivência em terras prudentopolitanas, pode-se perceber que as fronteiras étnicas de ucranianos, poloneses e brasileiros se confundem e que os mecanismos de identificação se tornam parecidos, dando a impressão de que as fronteiras estão sendo dilaceradas pelo processo de homogeneização cultural, reflexo da globalização.

É inútil negar que esse fenômeno influencia significativamente na aceitação de valores externos, mas não pode servir como forma de esquecimento dos quadros tradicionais. O que ocorre é que as gerações de descendentes dos imigrantes tendem a reconhecer a identidade

[56] Essa não é uma tarefa fácil tampouco precisa, visto que medir os quadros culturais de cada coletividade é impossível. Mas pode-se determinar alguns aspectos requeridos por cada grupo que acabariam por determinar as principais formas de (re)conhecer o *nós* em detrimento ao novo *outro*.

prudentopolitana, também em constante transformação. Ela ainda mantém traços tradicionais, mas apresentam composições socioculturais que os aproximam daquelas encontradas em todo o país. Seria uma forma de interação com a sociedade *hospedante* e que acabaria com a discriminação cultural, social e econômica, pois essas composições não são algo emprestado, mas sim composições próprias.

> O desenraizamento da comunidade, de uma terra, de um horizonte de cultura de pertencimento faz com que o imigrante se aproxime ou tenha uma tendência de aproximação de identificar-se mais com o grupo étnico. (TEDESCO, 2003: p. 51)

Não podemos tratar esse fato apenas como desenraizamento e distanciamento dos padrões tradicionais, mas como um sentimento de pertença ao novo transformado a partir de bases antigas. A identidade prudentopolitana seria composta por diferentes identidades que mesmo excludentes, pelo menos no princípio, acabaram por integrar. – *Eu sou parte disso, ou, isso é parte de mim.*

Apenas o fato de não se desenvolver imagens negativas sobre o estrangeiro[57] (no caso, ucranianos, poloneses e "brasileiros" [58]) já foi suficiente para diminuir a produção de discursos racistas e de grupos que denunciam essas formas de preconceito. A condição do *estrangeiro*, do *outro* sempre foi vista como marginal, pois antagoniza com o "nós". Ele não é um membro do grupo mesmo estando em tal grupo. Ele está na comunidade, mas não pertence a ela. Faz parte do todo, mas não participa das especificidades que o torna real componente do grupo. (TEDESCO, 2003)

É relevante o fato de que o contato interétnico, através do liame das gerações, causou a aproximação entre esses grupos que paulatinamente se

[57] A figura construída em torno da noção de estrangeiro vem carregada de sentido de alguém estranho, desvinculado da comunidade de chegada, de incerteza nos objetivos, de medo em seus confrontos, como alguém que busca se fazer aceitar e conquistar o direito de fazer parte do novo grupo. Frente à noção tradicional de estrangeiro, a sociedade de chegada exerce um poder que se condensa na afirmação clássica: "Tu não és senão um estrangeiro!". A noção de estrangeiro vem carregada de ambivalência significativa. A noção de imigrante, ao que parece, vem mais bem definida, mais bem identificada, mais opressiva, mais dura, mais exigente em termos de regramento e definição. (TEDESCO, 2003: p. 91)

[58] Os brasileiros também eram vistos como estrangeiros, mesmo em terras brasileiras. Vale lembrar que o imigrante vê a terra como uma extensão de sua terra natal, sendo que demorou muito tempo para compreender que estava em outro país.

reconhecem em alguns aspectos com os outros e que gradativamente formaram uma nova comunidade.

A religião e a família, nesse caso específico, seriam as responsáveis pela busca de uma sociabilização entre os grupos, seja de maneira repressiva, num primeiro momento, ou de aproximação posteriormente, porém sempre de contato. Essas duas instituições formaram e mantiveram o arcabouço cultural dos imigrantes e traçaram os paradigmas éticos e morais embasados na tradicionalidade. Tais valores serviram para determinar o tipo ideal que iria constituir os integrantes de seu grupo.

Com algumas incongruências sociais essas instituições buscaram criar uma nova Ucrânia em terras prudentopolitanas, mantendo os costumes trazidos da Europa, visto que lá seu padrão de civilidade estava determinado.

Diversos são os padrões socioculturais que servem como elementos de reapresentação dos grupos de imigrantes e que constantemente são utilizados pelo processo de identificação. Alguns dependem de questões genotípicas e que envolvem diretamente o grupo, como: sobrenome, fenótipo, língua dentre outros. Mas há também as que envolvem a coletividade, como: gestos, danças, casos e crendices, que fazem parte do imaginário coletivo.

Os padrões sociais estabelecidos pela coletividade insistem em permanecer e com isso a rejeitar aqueles que não os compartilham, estabelecendo assim representações preconceituosas que instituem as diferenças. Compreender a lógica desses padrões ajuda a entender como os grupos criam suas fronteiras e como elas se dilatam e emolduram adaptando-se e transformando-se.

Para as coletividades, e isso reflete aos indivíduos, o padrão ideal é definido pelos usos e costumes, seus significados, representações que tendem a criar estereótipos e consequentemente o pré-conceito. O fazer cotidiano favorece o paulatino estabelecimento dessa situação e faz dessas ações, características fundamentais do viver em comunidade.

Seria simples atribuir a apenas um grupo os quadros representativos de certa comunidade, pois seria o mesmo que aceitar a completa hegemonia cultural do mesmo perante os outros, como se tudo o que eles determinassem fosse aceito sem nenhuma resistência. Aqui a discussão encontra outro percalço que deve ser tratado com cuidado. Temos que entender que todo o

processo de rejeição não pode ser visto apenas como resistência, como uma negociação da identidade prudentopolitana.

As imagens que as coletividades (re)montam do outro como diferentes, ajudam a (re)compor e a (re)criar o imaginário coletivo enquanto componentes representativos. São imagens que tendem à hostilidade e que buscam, em imagens anteriormente criadas, em território europeu, no caso de ucranianos e poloneses, construir o outro como imperfeito, antiético e imoral.

As hostilidades eram traduzidas por gestos, termos pejorativos, *causos* de recusa, utilização da língua estrangeira e, em diversos casos, chegavam a agressões físicas, principalmente quando da *invasão* às festas populares que representavam a união e o apego à tradicionalidade do grupo. Esse apego se refletia em situações de rejeição para com o outro.

Nos discursos criados por grupos étnicos, principalmente de imigrantes, a tendência é a de demonstrar o seu sentimento saudosista quanto a sua terra natal, aquela que continha todos os traços fundamentais para se viver em comunidade e que os *outros* não (re)conheciam. Para muitos imigrantes o único problema existente (na terra natal) era a falta de terra, o que dificultava a subsistência. Com isso a propriedade deveria ser a única coisa a ser mudada em suas vidas, sendo então mantidos os padrões sociais e culturais de seu povo.

Resistia, durante o século XX, o clima de rivalidade contra os demais grupos residentes no município. Assim, os brasileiros e os poloneses se uniam em detrimento aos ucranianos que preconizavam seus valores e rejeitavam os dos demais.

Com o decorrer das décadas, a primeira forma de integração estaria relacionada aos descendentes de poloneses e brasileiros que se aproximam e convivem com certa tranquilidade.

Segundo relato do Sr. Vicente Lenart:

> O que eu lembro da idade de criança, quando eu tinha uns três anos, eu lembro muito pouco né? Mas eu sei que tinha alguns vizinhos brasileiros que iam lá em casa e traziam a criançada junto e a gente saia brincar e conversar, sempre conversa de criança, a gente não se misturava com os adulto. (WINHARSKI, 2003: p. 25)

A aproximação de poloneses e brasileiros desde tenra idade auxiliou na construção de uma relação interétnica entre os grupos, que constantemente recorriam a mecanismos de defesa contra os meios de identificação dos ucranianos e seus descendentes. Esses mecanismos podem ser percebidos nos "causos populares" e termos pejorativos que são criados para tentar manchar a idoneidade do outro grupo[59]. Tais formulações não acontecem de maneira totalmente consciente e sim através de ações cotidianas que podem ser vistas como resistência a imposição das representações ucranianas.

O resultado desse processo aparece nas narrativas locais, visto que poloneses de brasileiros buscaram eliminar a figura do ucraniano de seus contos e causos populares passados a filhos e netos. No conto das façanhas de grupos de desbravadores da região chamado *Perdido e Pedra Branca*[60]*,* escrito por Cosme Pinto de Carvalho em seu livro *Os que não vi me contaram (1994,)* não consta, por exemplo, dentre suas personagens nenhum descendente de ucraniano. Os *filhos da terra* eram os atores da maioria dos contos e causos pitorescos contados pelos não ucranianos, sendo que até mesmo os poloneses se viam e eram reconhecidos como *os do lugar*.

A limitação desses "causos" estava no fato de ignorar o outro sendo o suficiente para mantê-lo distante, mas não para definir e legitimar uma fronteira que é definida pela diferença e não pela ausência.

Assim sendo, a vinculação da figura do ucraniano aparece em outros casos, mas sempre com atribuição de sotaque e termos pejorativos que em vez de tornar o ucraniano ausente, criou-se uma imagem distorcida do mesmo.

Criam-se os termos pejorativos a partir do contato cotidiano entre os diferentes grupos, sendo impossível precisar o momento de sua gênese já que alguns vêm do além-mar como é caso de ucranianos e poloneses, e outros advêm das confusões envolvendo indivíduos dos diversos grupos, o que acaba se tornando uma forma de diferenciação.

Em relato, o Sr. Miguel Patyk conta que os ucranianos bem como seus descendentes constantemente hostilizavam aqueles que não partilhavam de seu grupo:

---

[59] Anexo I
[60] Anexo II

> Nóis não pudia nem passar perto deles no baile, eles já vinham provocando. Falavam em ucrâino, a gente não entendia nada. Os fio do Seu Dionísio eram os pior deles, diziam que lugar de polaco era junto cos porco. (RAMOS, 2006: p. 04)

A localização geográfica e a distribuição dos lotes ajudaram a evidenciar o preconceito instituído pelos grupos já que a proximidade das terras tinha como consequência o contato direto. A Linha Jaciaba é o limítrofe norte do município de Prudentópolis, localizada a 50 quilômetros da sede e será tomada como exemplo, pois lá se encontra o maior núcleo polonês do município. Ela fica logo após a Linha Ligação[61] onde os ucranianos se apresentam em grande densidade demográfica. Os conflitos entre esses grupos sempre foram constantes, pois a proximidade geográfica fez acender as diferenças o que era traduzido por situações de constrangimentos.

Conforme Miguel Patyk eles se sentiam obrigados a compartilhar a cultura ucraniana:

> Eles sempre eram maioria, nóis não pudia fazer nada, iscuitava e passava direto, nem oiava. Tinha que iscuitá a música deles e nem dançá com as fia e as irmã deles pudia. Tinha que fica bem quieto. Por isso nóis nem ia muito nas festa deles. Até quando as festas eram nossas eles vinham pra arranja briga, sempre tinha um valentão que queria manda na festa e sempre dava confusão, mas daí não, quem saía corrido de lá eram eles. Eu não me metia muito porque senão tinha que corre deles o ano inteiro, já que pra onde ce óia aqui tem ucrâino. (RAMOS, 2006: p. 05)

A superioridade numérica dos ucranianos era sentida e reclamada pelos descendentes de poloneses e daqueles que já moravam no local. A essa superioridade se deve a imposição de alguns valores, dentre eles a língua.

Descreve o Senhor José Amaral:

---

[61] Os ucranianos atribuíram um tom de preconceito ao nome da linha ao dizerem que o nome é Ligação porque liga os poloneses com a civilização.

> Todo o lugar que gente vai tem um falando em ucrâino: é no açougue, no mercado, no boteco. Acho que eles ficam falando mal da gente, não tem outra explicação, porque não falam em português? Será que eles não sabem que não tão mais na Ucrânia? Se querem falar em ucrâino que vão pra lá. Pior de tudo que até pra trabalhar no comércio tem que saber falar em ucrâino, porque senão vem os colono e só querem falar na língua deles, então, pra trabalhar também tem que ser ucrâino, daí os nossos filhos tem que sair daqui pra arranjar emprego. Daqui a pouco só tem ucrâino aqui nessa cidade. Por isso que não vai pra frente. (RAMOS, 2006: p. 06)

As ações cotidianas refletem os mecanismos de identificação que resulta no pré-conceito que constitui novos quadros representativos. Porém, a instituição desse preconceito nem sempre obedece a padrões estabelecidos conscientemente. Os indivíduos apenas seguem a coletividade e os mecanismos de identificação que seu grupo exige. Com isso a formulação do preconceito é inevitavelmente sentido nas diversas manifestações e até mesmo nas situações que poderiam se mostrar locais de aproximação e de contato.

Continua o senhor José Amaral:

> A nossa igreja ficava a duas quadras da deles e era muito engraçado, já que a gente se encontrava no caminho. Agora mudou um pouco, mas até um tempo atrás ia um para cada lado da rua, de um lado vinham os ucrâino, do outro ia os “brasileiros” nem se cumprimentavam, pareciam inimigos.[62]

O contato ocorria mesmo que pela rejeição ao outro, mas essa situação instituía diferenças, imagens do outro. Essa imagem constituía o tipo ideal que, pelo menos para poloneses e brasileiros, era o oposto do ser ucraniano. Para isso, com o apoio dos termos pejorativos busca-se macular a imagem do imigrante ucraniano, pois dessa forma eles poderiam ser diferenciados do *tipo ideal* que os outros grupos idealizavam, criando, desse modo, diferenças.

Em contraponto, os ucranianos buscavam enaltecer sua cultura e suas representações coletivas que eram ostentadas nas festas populares e cívicas,

[62] Idem

o que descontentava os não ucranianos, como continua José Amaral. (FIGURA 09)

> era só de metido que eles fazem isso, não tem precisão alguma, vê se aparece algum polaco ou alemão vestido assim, não, é só os ucrâino, sempre querendo se mostrá. Vestem as coitada das crianças que não devem nada. Se tem saudade volta pra lá, nós não queremos saber de dança, música, eles que fiquem com isso lá pra eles.

FIGURA Nº 09 DESCENDENTES EM DESFILE CÍVICO

Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis-PR - 2002

O discurso tem outra versão. No ponto de vista dos ucranianos e seus descendentes as dificuldades de relacionamento se devem ao distanciamento e constrangimentos provocados por poloneses e brasileiros. O tom do discurso era de perseguição principalmente por aqueles que detinham o poder político do município que, como visto anteriormente, eram os que já habitavam a região e os grandes latifundiários que se formaram em decorrência da compra de terras a preços baixíssimos.

O município de Prudentópolis é o terceiro maior em extensão territorial do Estado do Paraná e isso prejudicou a organização de ucranianos no que diz respeito a buscar uma representatividade política no município. Mesmo em número elevado de indivíduos, as distâncias eram enormes. Além disso, a organização política não era um traço peculiar dos ucranianos que vieram ao Brasil para trabalhar e tirar o sustento da terra. Porém, os ucranianos se sentiam prejudicados pelos governantes, como podemos perceber no relato da senhora Francisca Primak:

> Ninguém queria cascaiá as nossa estrada, quando chovia era um lamaredo só, não dava pra sair de casa. Se queria ir na venda comprar alguma coisa tinha de ir a pé ou de carroça, nenhum carro ia. Meu primo sempre ia falar com o prefeito que sempre dizia que ia arruma, mas não arrumava nada, o cascaio vinha até a casa do Seu Valdomiro (descendente de polonês) e ali parava.[63]

Era notório o descaso das autoridades políticas do município visto a precariedade das estradas das linhas ucranianas, o que dificultou o transporte de produtos e diminuiu significativamente a prosperidade da região que conseguiu se manter pela densidade demográfica.

Os termos pejorativos incomodavam poloneses e brasileiros, mas também, em contrapartida era uma reclamação dos ucranianos.

Dona Francisca Primak continua:

> Os poloneses chamam a gente de ucrâino, mas a gente não gosta, eles fazem isso pra provocar, pra arranjar briga. Pior são os brasileiros que chamam a gente de pocrâino, porque dizem que a gente é uma mistura de polonês e ucraniano, mas a gente não é, a gente é só ucraniano, e temo orgulho de ser. Além do mais eles ficam dando risada do jeito que a gente fala, dizem que ta errado, mas não tá, é assim que a gente aprendeu.[64]

A dificuldade linguística apresentada pelos descendentes de ucranianos servia para que brasileiros, principalmente, atribuíssem adjetivos que

---

[63] Entrevista concedida no dia 12 de junho de 2006.

[64] Os ucranianos e seus descendentes têm sérias dificuldades em pronunciar palavras que contêm o dígrafo “rr” como, por exemplo, carro, carroça, carrossel, mas isso ocorre porque no cirílico o som referente ao “rr” da língua portuguesa não existe.

desdenhavam de sua inteligência, seja pela dificuldade com o dígrafo *rr* ou pela falta de compreensão da língua ucraniana que era repetida da forma como era escutada, por ouvidos pouco habituados às diferenças linguísticas.

Através dos festejos em comemoração aos padroeiros[65] do município é possível visualizar que as fronteiras estão sendo modificadas, deixando de lado as desavenças e caracterizando uma aproximação entre os grupos antes vistos como distintos.

[65] O município de Prudentópolis possui um calendário festivo preenchido com diversas festas religiosas. Porém duas se destacam: uma em homenagem a São João Batista, padroeiro do município, comemorada através de novena que culmina na festa no dia 24 de junho e a em homenagem a São Josafat, padroeiro dos ucranianos e seus descendentes.

CAPÍTULO 5 – AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS COMO CONSTITUIDORAS DA INTEGRAÇÃO ÉTNICA

Neste capítulo busca-se analisar o comportamento da população prudentopolitana no processo de integração dos diferentes grupos étnicos residentes em Prudentópolis. Levar-se-á em consideração as representações coletivas que foram mantidas ou foram transformadas pela recorrência de casamentos interétnicos. As fontes utilizadas para legitimar essa afirmação são os registros de casamentos da Igreja São Josafat (ucranianos), São João Batista e Santuário Nossa Senhora das Graças (poloneses e *brasileiros*) e as apostilas de cunho religioso que apontam os fazeres cotidianos da comunidade ucraniana.

Os arquivos paroquiais se constituíram em fontes privilegiadas para pesquisadores, principalmente após a revolução historiográfica instituída pela escola francesa a partir do século XX. Com o alargamento dos objetos da história essa revolução permitiu que assuntos considerados ínfimos passassem a ser encarados como constituintes da História. Como é o caso dos estudos sobre a etnia, imigração, fronteiras identitárias, família e integração.

No Brasil a preocupação em compreender as formações sociais surge da necessidade em conhecer o povo brasileiro e é a partir dessa concepção que os arquivos paroquiais, listas nominativas e mapas de população se tornam importantes para pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Essa importância se deve ao fato de que são essas pesquisas que nortearam as políticas públicas, bem como a cobrança de impostos para grupos antes vistos a margem do progresso e da ideia de pertencimento à proposta ufanista do Estado.

A proposta das pesquisas como os censos do século XIX era de traçar o perfil populacional brasileiro, elencando quantitativamente os indivíduos que compõem a massa demográfica no Brasil. Porém, apenas recolhendo esse material e dando esse trato quantitativo, o estudo fica distorcido e pende para perceber as diferenças do povo brasileiro e não os processos de integração entre os mesmos. Fica evidente que essa afirmação não pode ser generalizada, visto que os quadros sociais encontrados em todo país

apresentam discrepâncias significativas e que fazem de núcleos formados pela imigração, não o exemplo, mas a exceção.

Surgem aqui como exemplo os arquivos da paróquia São Josafat, no município de Prudentópolis-PR. Seguindo as predisposições colocadas pela forma de recolhimento de dados do modelo censitário brasileiro, pode-se dividir a sociedade prudentopolitana em dois grupos distintos, caracterizados pela etnia: os ucranianos e os não ucranianos. Com isso determinasse a formulação étnica calcada na diferença e que mantém os parâmetros populacionais a partir da distinção e não da aproximação.

Mesmo com o material que mais se aproxima da ideia de integração, que são os enlaces matrimoniais, fica evidente essa diferença, pois as aproximações serão percebidas através de um trato qualitativo dessas fontes.

O trato desse material toma outro rumo a partir de meados do século XX quando os pesquisadores Louis Henry e Michel Fleury utilizam os arquivos e registros paroquiais para evidenciar o comportamento das populações, tendendo analisar a formação e a estrutura dos domicílios o que influenciou os estudos, inclusive no Brasil, sobre a reconstituição de famílias.

É evidente que esse novo enfoque sobre antigos objetos modificou a linha da pesquisa e a análise da população, pois buscava novas respostas. Com isso modifica-se o olhar sobre o quadro quantitativo que tendia a ordenar, quantificar e orientar os indivíduos e propõe-se à análise dos resultados dessa ordenação, que podem ser as formações familiares que podem refletir as transformações de determinada época, como é o caso dos casamentos interétnicos ocorridos no município de Prudentópolis e sua influência no processo de integração.

Como dito anteriormente, analisar a documentação de grupos migrantes geralmente se mostra como uma tarefa difícil, principalmente pelos percalços que aparecem durante a pesquisa. Primeiramente, lembramos que os imigrantes ucranianos e poloneses que chegaram ao Paraná nem sempre traziam em seus passaportes o verdadeiro local de sua origem, visto que muitos estavam fugindo de adversidades em seu país, seja durante o império Austro-húngaro ou durante o período da cortina de ferro instituído pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Por isso, tratar dessas fontes exige um olhar pormenorizado em alguns aspectos e detalhes que podem dar uma falsa

impressão de entendimento sobre o processo imigratório e que ao fim tendem a complicar, disfarçar e manipular dados e discursos.

A utilização das fontes paroquiais é um dos caminhos mais profícuos para o levantamento de dados sobre grupos imigrantes. Uma das razões é que até o final do século XX a Igreja era a principal responsável pelo registro de atos relevantes da vida de indivíduos e consequentemente de famílias. Isso porque até esse período não havia, no Brasil, uma efetiva separação entre o Estado e a Igreja, não sendo instituído dessa forma o registro civil.

> Para o historiador social, assim como para o historiador demógrafo, os livros de batizados, casamentos e óbitos, são dos mais importantes. Sobretudo no Brasil que, adotando desde cedo as disposições, tridentinas, tanto no período colonial, como na maior parte do Império, os registros de nascimentos, casamentos e óbitos eram realizados unicamente perante a autoridade religiosa da paróquia. (DAUMARD, 1984: p. 108)

Como afirmado nessa pesquisa, os ucranianos e poloneses, quando de sua vinda para o Brasil, não encontraram representação política e diplomática que lhes assegurassem seus direitos, sendo essa tarefa assumida pela Igreja que, com isso, assegura a manutenção de seu poder temporal.

Tem-se então um material intenso e abundante para análise, pois os livros paroquiais estão preservados e o acesso, mesmo muitas vezes dificultado, é possível. Esse material possibilita recuperar a trajetória dos imigrantes e de seus descendentes com o propósito de perceber e analisar os fatores de ascensão social, redes de relação, relações de parentesco e principalmente, perceber como essas relações se modificam através do tempo, analisando as consequências dessas mudanças ou permanências.

Com apoio desses elementos pode-se traçar perfis que servem para perceber não mais as fronteiras identitárias, mas sim os pontos de aproximação interétnica que formará a integração entre os grupos, transformando assim a luta identitária entre ucranianos, poloneses e *brasileiros* na identidade prudentopolitana.

O objetivo básico é questionar a ideia corrente entre alguns historiadores e memorialistas locais, que tentem a ver a formulação da sociedade

prudentopolitana através da construção de fronteiras étnicas e identitárias constituídas principalmente através do casamento endogâmico[66]. Estes tenderiam criar mecanismos de defesa para manter o discurso e a hegemonia de determinado grupo, nesse caso o ucraniano. Esse discurso é centrado em dois pilares vistos como fundamentais para esse grupo étnico: a igreja e a família.

Segue-se, então, a trilha da formação familiar[67] embasada em preceitos religiosos instituídos pela igreja a fim de perceber as estratégias utilizadas para manutenção do imaginário coletivo. Através dessa estratégia o grupo constrói seu discurso de alteridade, mantendo uma hipotética hegemonia de sua identidade étnica.

Essa afirmação pode parecer forçada, ainda mais se a análise tiver um recorte macro onde as diferenças são evidentes e gritantes. Porém, em núcleos criados a partir da imigração, essa forma de estudo pode caracterizar a transição de um estudo embasado na diferença para um que tende a perceber a integração entre os grupos.

Propõe-se analisar, primeiramente, o momento em que os casamentos interétnicos (ucranianos e não ucranianos) começam a ser mais frequentes na comunidade prudentopolitana e qual a relação desse fato na construção de um novo imaginário coletivo, pautado na interação.

A princípio, a análise desse material teve como principal resultado a formulação da hipótese de que os grupos étnicos utilizavam o casamento e as relações de compadrio como atos sociais estratégicos[68]. Seria a forma de manter os padrões culturais, os quadros sociais estabelecidos e desse modo organizar e instituir as fronteiras identitárias.

---

[66] De acordo com COSTA (2002), o casamento endogâmico ocorre quando a escolha pelo parceiro se dá exclusivamente no interior de grupos. Ao contrário, o casamento exogâmico ocorre quando a escolha se dá por grupos diferentes. No caso do presente trabalho será examinada a endogamia e a exogamia em relação à pertença étnica dos indivíduos. Portanto, um casamento seria endogâmico se um ucraniano se casasse com uma ucraniana e exogâmico quando um ucraniano se casasse com uma *brasileira*.

[67] De acordo com FLANDRIN apud Lewkowicz (1992: p. 81) "o conceito de família pode ser aplicado a um domicílio e/ou parte dele, a um conjunto de domicílios e ainda a uma noção mais ampla, abrangendo indivíduos de gerações diferentes unidos por laços biológicos".

[68] "O estudo das estratégias familiares permite perceber, por um lado, as inter-relações entre as opções familiares e os condicionalismos econômicos, sociais e culturais que orientam essas opções e, por outro, a extensão dos valores da família divergem das normas externas". (PEREIRA, 1995: p. 38)

> as comunidades que permanecem por muito tempo sem que haja casamentos interétnicos caracterizam um fator facilitador para que os elementos culturais originários sejam preservados e, em decorrência disso, podem se tornar comunidades marginais. (JACUMASSO, 2009: p. 88)

Os casamentos realizados dentro da comunidade seria um método de seleção dos aparentados e estabeleceriam comportamentos que favoreceriam os *iguais* em detrimento dos estranhos. A etnicidade, vista dessa forma, seria uma extensão do princípio de parentesco, como se a sociabilidade entre os indivíduos de um mesmo grupo étnico trouxesse aos seus componentes vantagens seletivas àqueles que não compartilham das mesmas formas de composições familiares.

Porém, no decorrer da pesquisa, percebeu-se que as relações de sociabilidade entre diferentes grupos eram acompanhadas por um significativo e gradual aumento dos casamentos interétnicos, o que estabelecia as relações de pertencimento em Prudentópolis. Levando em consideração os arquivos do Museu do Milênio de Prudentópolis, Lubachevski (2005) afirma que a sucessão das gerações e os casamentos interétnicos representaram uma ameaça a perda das principais características da etnia ucraniana, fazendo com que o grupo buscasse mecanismos para preservá-la.

Como constantemente afirmado em capítulos anteriores, por maior resistência que seja criada, o contato é inevitável. A partir de casamentos interétnicos (em Prudentópolis) desenvolve-se também algumas relações de pertencimento, já que a primeira questão a ser analisada nasce no fato de definir quem vai viver com quem. O noivo vai morar com a família da noiva? Ou ao contrário? Talvez essa pergunta se apresente forçosa, visto que no século XX os noivos já moram sozinhos em sua própria residência, sendo o domicílio nuclear tendência observada em várias regiões do Brasil. Porém, quando se trata de ucranianos, poloneses e *brasileiros* em Prudentópolis essa situação pode ser visualizada com alguma frequência.

Salvo essa regra, outra situação pode ser caracterizada com essa questão. Levando em consideração o processo de nupcialidade no referido município, percebe-se que a forma de definir a luta representativa se dá pelo ritual. Em qual igreja será realizado o casamento? O homem (ou mulher) não

ucraniano(a) aceitará se casar na igreja ucraniana e viverá sobre os costumes da mesma? Isso irá definir quais são os laços que unirão os indivíduos sob um mesmo teto.

Com isso, a análise desse capítulo irá deter-se nas representações coletivas que indicam as constantes mudanças identitárias da comunidade prudentopolitana que posteriormente caracterizariam a integração étnica. Serão utilizadas as listas de casamentos para perceber quais as tendências de uniões interétnicas e definir quais são as novas características do novo grupo que se estabelece: o prudentopolitano.

As listas estão divididas a partir dos registros da Paróquia são Josafat (ucranianos) e São João Batista (não ucranianos)[69]. Essa divisão servirá para medir e comparar os números de casamentos interétnicos em diferentes décadas e em diferentes grupos.

Isso se deve ao fato de que as relações de produção, até meados do século XX, se deram a partir de grupos de parentesco e compadrio, sendo esses imbricados. Dificilmente alguém estranho a esse grupo adentrava a casa e caso o fizesse, sempre acompanhado pelo home[70] da casa. Isso faz com que o grupo troque entre si trabalho e recurso cotidianamente, unindo ainda mais os laços étnicos já bem estruturados pelas fronteiras identitárias e restabelecidos a partir do casamento.

Relacionado a essa proposta tem-se os problemas das *fontes* utilizadas e das informações que transportam. Nem sempre essas fontes trazem com clareza as respostas necessárias, tendo o pesquisador que articular os conceitos teóricos e as informações dos documentos a fim de criar noções subjacentes e explicativas sobre determinados fenômenos. Seria como criar uma ponte entre as normas implícitas no momento de produção da fonte, o momento sociocultural em que foi produzida e a percepção atual das noções de conceitos e temporalidades.

---

[69] A leitura de uma só lista de habitantes de uma comunidade dá-nos sempre uma imagem estática, mais ou menos desfocada, incapaz de dar conta de uma realidade que é dinâmica e complexa. Captar o grupo doméstico num momento, sem ter em conta as variações de tal grupo ao longo do tempo, pode, de facto, conduzir a erros grosseiros de interpretação. (PEREIRA, 1995: p. 37)

[70] Homem da casa.

Diferentes facetas sobre um mesmo fenômeno são expostas quando fontes diversas são apresentadas, ora mostrando lados que ainda não foram visualizados, ora dados e imagens complementares.

A partir dos livros de casamentos das Igrejas: São Josafat, São João Batista e Santuário Nossa Senhora das Graças, por exemplo, e o recorte das representações coletivas que elas tentam manter, pode-se entender como o processo de integração étnica foi ocorrendo durante todo o século XX.

Somente os registros não possibilitam entender sobre aspectos da vida em família, dos usos e costumes, dos níveis sociais, podendo então criar uma imagem distorcida dos padrões de organização dos grupos domésticos. Mas não se pode marginalizar essa forma de pesquisa, visto que é a partir de listas nominativas que podemos observar as primeiras formas legais de convivência étnica constituída a partir dos casamentos interétnicos.

Tanto os registros de casamentos da Paróquia São Josafat, quanto da Paróquia São João Batista estão em bom estado de conservação, mas devido a constantes trocas de responsáveis pelo preenchimento, os mesmos contêm variações de notificação em relação à precisão dos assuntos e itens. Como a documentação matrimonial das Igrejas São João Batista e do Santuário Nossa Senhora das Graças formam um único arquivo, será dessa forma também que serão analisadas.

> No que diz respeito ao conteúdo dos registros, sua melhor ou pior qualidade, depende em grande parte da pessoa encarregada de anotá-los, observadas porém as exigências canônicas. (...) não apenas quanto à sua apresentação e legitimidade, mas também quanto ao número e precisão das informações anotadas, os registros podem ser acompanhados em função das diversas mudanças de vigário havidas. (DAUMARD, 1984: p. 109)

São exemplos: sobrenomes com erro de grafia; falta de preenchimento de alguns itens; procedência dos nubentes.

Foram analisados os casamentos ocorridos durante os anos de 1895 a 1995 que tiveram seus dados tabulados em planilhas eletrônicas.

Para esse trabalho, os casamentos foram divididos em espaço temporal de 20 anos de diferença a fim de perceber de que forma o significativo aumento

dos casamentos interétnicos influenciaram na construção da integração étnica, visto que a historiografia local tende a demonstrar (geralmente com essa divisão cronológica) as continuidades e (des)continuidades dos fazeres cotidianos.

Através dos dados coletados buscou-se perceber se o aumento das taxas de nupcialidade (consequência do aumento populacional) conduz ao aumento de casamentos interétnicos e se esse aumento é percebido entre os dois grupos que formam a população prudentopolitana (ucranianos e não ucranianos).

São diversas as possibilidades de análise desses registros, mas para compreender o fenômeno na integração étnica em Prudentópolis três fatores se mostraram relevantes. Primeiramente, foi feito um levantamento[71] sobre o total de casamentos ocorridos em Prudentópolis para que esse dado servisse de referência e ponto de partida para as demais análises. Posteriormente, analisando o mesmo interstício (1895-1995) foi realizado o levantamento do total de casamentos interétnicos para se ter a noção aproximada de que com o passar dos anos os grupos se aproximam com a realização de casamentos, assim, capazes de integração. O terceiro fator a ser analisado advém de alguns questionamentos: qual o gênero do nubente que aceitava se casar com um indivíduo de outro grupo? Quem deixa a sua casa? Seus costumes? Suas representações? E principalmente, como isso leva a integração? Esse é o ponto a ser discutido nesse capítulo.

Mesmo os itens necessários para a pesquisa sendo considerados relativamente pequenos (Total de casamentos, Nome dos Nubentes, Total de Casamentos interétnicos e gênero dos nubentes que aceitavam deixar a casa dos pais), viu-se a necessidade da utilização de programas especializados na concentração e leitura de dados estatísticos para que os mesmos agilizassem o acesso às informações obtidas pela pesquisa de campo. Para tal, foi utilizado

[71] Cabe alertar que o horário de acesso aos arquivos paroquiais era ditado pelo Pároco responsável, não sendo possível permanecer por dias e meses analisando os originais. Com o consentimento dos responsáveis foram feitas cópias dos documentos originais com uma câmera digital, sendo as imagens descarregadas no programa ADOBE PHOTOSHOP, leitor de imagens. Nenhum dado foi manipulado por esse programa, visto que todos os dados foram transferidos (manualmente) para o Excel e nele realizou-se a montagem das tabelas que compõem esse capítulo.

o programa denominado AskSam7[72] que mesmo não contendo todas as estruturas de um programa feito em D-Base, se mostrou uma ferramenta interessante, pois possibilitou a adaptação do software de dados a essa pesquisa.

Diferentemente do SYGAP (Système de Gestion ET d'Analyse du Population)[73], costumeiramente utilizado pelos historiadores, os dados produzidos pelo AskSam7 são compatíveis com diversos outros programas e softwares, o que facilita a manipulação dos dados. Claro que a escolha desse programa se deve a particularidades dessa pesquisa, não sendo considerada como um novo padrão de pesquisa demográfica.

No entanto o gerenciador de dados não é capaz de compreender as particularidades da pesquisa, sendo necessário um constante direcionamento do pesquisador que por fim sempre terá que dialogar com dados que podem parecer apenas estáticos.

5.1 CASAMENTOS INTERÉTNICOS EM PRUDENTÓPOLIS: RITOS, CRENDICES E ESTRUTURAS FAMILIARES

Como repetidamente afirmado, o município de Prudentópolis tem por característica uma população formada na sua maioria de descendentes de imigrantes eslavos. Desde sua criação outro aspecto decisivo foi a divisão do território em Linhas coloniais, as quais se devem ao seu aspecto rural. Criou-se com isso espaços habitacionais distantes e, num primeiro momento,

[72] O AskSam7 é um banco de dados que opera de forma estruturada e livre. Com ele é possível trabalhar com textos de até 16.000 linhas por documento. Esse número de possibilidades e a alternativa de imprimir os resultados obtidos foram determinantes para a escolha do programa.

[73] O Sygap é um programa feito em base D-Base, de fácil manipulação e que apresenta um módulo central para o registro da população, ou seja, essa parte do programa é a responsável pela gestão das fichas individuais e de uniões que foram sendo cadastradas no programa, permitindo a consulta aos dados inseridos de forma individualizada, isto é, digitando o número da ficha que se desejava obter uma informação, ou consultando os dados através de listagens, seja dos indivíduos cadastrados, de forma numérica ou alfabética, ou das uniões de forma numérica. O programa era fruto da produção conjunta de um grupo de pesquisadores ligados ao Departamento de Demografia da Universidade de Montreal e do Grupo Rendu-Osler, que aglutina a Maison Rhône-Alpes des Sciences de l'Homme, o Centre Pierre Léon e o Institut Européen des Génomutations. (TEIXEIRA, 2006: p.10)

considerados estáticos. Isso se deve as fronteiras determinadas pelos grupos na tentativa de afastar o outro. As relações sociais e as concentrações residenciais eram ligadas por laços de parentescos e compadrio, o que desenvolveu e manteve as relações de entreajuda.

Por essa razão as relações ultrapassam os limites da casa, sendo o processo de integração percebido em espaços sociais mais amplos, como a igreja geradora de fortes relações de pertencimento que tende a aproximar os indivíduos do grupo.

> O forte apego à religião também rege a conduta dos descendentes de ucranianos, pela estreita ligação entre sua rotina e à rotina do calendário religioso, que lhe serve de parâmetro ao longo de todo o ano e pelo caráter que lhes atribuem os elementos religiosos. A rotina religiosa de um devoto do rito ucraíno-católico compreende inúmeros rituais, distribuídos ao longo de todo ano, fato que os diferencia dos costumes e tradições mantidos pelos descendentes do rito latino. (MARTENOVETKO, 2009: p. 13)

Isso pode ser percebido como estratégia do grupo a fim de gerir o espaço residencial e de produção e resultou na manutenção de traços tradicionais.

Dentre os imigrantes em Prudentópolis percebe-se que não existe uma clara distinção entre a unidade residencial e a unidade produtiva, o que muitas vezes exige uma estratégia de gestão de espaço, da mão-de-obra e dos consumos. Por isso, a única forma de aumentar a capacidade de produção e sustento é aumentando a força de trabalho que só é possível através do uso da força de trabalho da família extensa[74].

Ao analisar a cultura do grupo eslavo no município de Prudentópolis-PR, foi possível observar como os usos e costumes estão carregados de significações preservadas. As ações cotidianas mesmo registradas de formas distintas apresentam maneiras próprias de identificação do grupo. Aqueles que não pertencem a determinado grupo étnico projetam o olhar para as situações

[74] A família extensa é aquela que permite a configuração de um casal cujos filhos também casados residem no mesmo domicílio, estabelecendo assim uma família “prolongada” e estabelecendo ajuda mútua. Assim um domicílio pode ter várias famílias, mesmo que estejam interligadas por outros laços de parentesco. (LONGO, 2011)

que descaracterizam o tradicional como se as (des)continuidades sobrepusessem o que deveria ser mantido.

A história desses grupos e suas formas de se representar são construídas “pelas distintas maneiras de se ver, apreender e representar o passado”. (TAMANINI, 2010)

Assim, casar é adotar um rito historicamente construído e que leva o casal a uma nova categoria social, reforçada pela força institucional da igreja.

> O rito então é compreendido por ser uma forma de linguagem que traduz e projeta maneiras de se identificar e de se estranhar dentro de uma comunidade. O rito pode ser compreendido também por ser uma expressão da cultura revelada pela maneira solene de executar uma rubrica. (TAMANINI, 2010: p. 14)

O rito teria, de acordo com Bourdieu (2008), uma função socialmente definida e é capaz de criar e definir fronteiras étnicas e identitárias. Ele tem seu lugar dentro do campo social e caracteriza o lugar comum onde categorias individuais e coletivas são ordenadas oficialmente.

> O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto uma visão única da sua identidade e uma visão idêntica da sua unidade. (BOURDIEU, 2000: p. 117)

Em um espaço territorial demasiadamente pequeno é possível perceber que os níveis de sociabilidade dos indivíduos do mesmo grupo acabaram por levar a processos de nupcialidade com constância e frequência.

TABELA Nº 01 – TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS-PR 1895-1995[75]

Local:	TC	TCI	%
Paróquia São Josafat	10182	1698	16,6
Paróquia São João Batista	9659	4890	50,2
Total:	19841	6588	33,6

TC: Total de Casamentos
TCI: Total de casamentos interétnicos

A tabela Nº 01 indica que durante o primeiro século da chegada dos imigrantes em Prudentópolis ocorreram 19.841 casamentos. Desse total 33% se constituíram através de relações entre indivíduos de diferentes etnias. Esses dados, porém, apresentam uma disparidade no que diz respeito aos casamentos realizados nas igrejas ucranianas e nas latinas. Percebe-se que o percentual de casamentos interétnicos registrados na Paróquia São Josafat em raros momentos alcançaram 20% do total de casamentos ficando, na maioria das vezes, muito abaixo desse percentual, mostrando assim que os ucranianos não buscaram manter laços matrimoniais com os demais grupos étnicos.

Percebemos também que a situação se mostra menos acentuada no que diz respeito aos casamentos registrados na Paróquia São João Batista, onde o número de casamentos interétnicos formou aproximadamente 50% do total de casamentos. Isso se deve principalmente pela aproximação existente entre *brasileiros* e poloneses em detrimento dos ucranianos, mesmo o número desses sendo considerado significativo nos arquivos paroquiais.

Durante diferentes décadas os grupos imigrantes buscaram definir as representações coletivas constituidoras de seu imaginário. As fronteiras iam se diluindo com o tempo e diversos elementos da tradicionalidade eram

[75] As informações que compõem as tabelas existentes nessa pesquisa são resultado do trabalho de coleta e análise de dados extraídos dos registros de casamentos. Quadro completo se encontra no APÊNDICE Nº 01 e APENDICE Nº 02.

modificados. Em cada década, segundo historiografia local, alguns traços característicos definiam as fronteiras e determinavam o local de negociação de identidade.

5.1.1 Casamento polonês e ucraniano: formas e característica: 1900-1920

Durante esse recorte temporal as tradições foram preservadas com afinco entre imigrantes ucranianos e poloneses, sendo que em suas formas e elementos os preparativos e a celebração do casamento pouco se diferenciam dos realizados no além-mar.

> Os casamentos impõem uma série de mudanças e de redefinições. A partir do momento em que seus membros começam a se casar, a família passa por uma série de transformações nos modos de produção da vida, na maneira de como é pensada como família que faz parte de um grupo étnico. As transformações nem sempre são bem vistas pela Igreja, principalmente quando ocorre a exogamia, trazendo para a família indivíduos de outros grupos étnicos. Nesse caso, pensa-se que a "família ucraniana" perde um pouco a sua definição simbólica e os circuitos familiares de reciprocidade tendem a se enfraquecer. Para a Igreja e para o rito, é importante que os circuitos familiares de reciprocidade e as redes de parentesco se mantenham, porque são os canais pelos quais circulam os costumes e as tradições. (HANICZ, 2011: p. 10)

TABELA Nº 02 – TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS– PR 1900-1920

Local:	TC	TCI	%
Paróquia São Josafat	1155	41	3,5
Paróquia São João Batista	1194	370	30,9
Total:	2349	411	17,4

TC: Total de Casamentos
TCI: Total de Casamentos interétnicos

Após dez anos da chegada de imigrantes ucranianos e poloneses ao Brasil o número de casamentos já se apresentava significativo. Nesse momento percebemos uma diferença de porcentagem de casamentos interétnicos no município. As fronteiras identitárias ainda agiam com certo rigor e dificilmente se casava fora da comunidade. Entre os imigrantes ucranianos e seus descendentes percebe-se que o número de casamentos interétnicos é considerado mínimo, ainda mais se considerarmos que em 1906, por exemplo, ocorreram 11 casamentos interétnicos – entre ucranianos e não ucranianos - sendo que no outros anos que compõem a década ocorreram apenas 10 casamentos dessa natureza. (TABELA Nº 02)

Segundo historiografia local, o que mais caracterizava os grupos nesse momento eram os ritos e os festejos matrimoniais. O ritual do casamento polonês, por exemplo, foi carregado de representações que caracterizam o imaginário coletivo desses imigrantes. Esse quadro tradicional que caracterizou a formação da família polonesa exigia constância, frequência e repetição como componentes da manutenção da fronteira identitária.

A reconstituição dos rituais do casamento eslavo tem como aporte referencial os trabalhos de Burko (1968), Kusma (2002), Tamanini (2010) e Mika (2003), trabalhos esses que tratam, em algum momento de suas pesquisas, dessa temática.

Atendo-se ao início do século XX, percebemos que os rituais que marcam os casamentos ucranianos e poloneses são parecidos, demonstrando assim, que em algum momento a fronteira étnica existente entre esses dois grupos foi transposta, provavelmente ainda em terras europeias.

Falar sobre as particularidades culturais de cada grupo étnico significa dialogar com um experienciado que é registrado de formas distintas. Mesmo semelhantes, as representações sobre o matrimônio e as relações que ele cria devem ser compreendidas sob o olhar daqueles que participam da ação. No decorrer da primeira década do século XX, ucranianos e poloneses constituíam formas de percepção do real diferentes e consequentemente construíam formas distintas de se ver e de representar o seu passado.

As relações tradicionais podem ser compreendidas como elementos formadores de fronteiras, visto que, num sentido amplo, elas são tudo aquilo que uma geração herda e que delega às seguintes. Perceber as permanências dessas tradições e a maneira com que elas se reapresentam ao grupo social prudentopolitano é compreender que as fronteiras identitárias não são imóveis, mas que elas são moldáveis no sentido em que, através do contato com o diferente, pode-se adquirir novos elementos de identificação, criando assim uma nova fronteira que muitas vezes pode admitir o *outro*.

Vejamos se existe semelhança nos ritos e festejos dos casamentos ucranianos e poloneses no início do século XX. O quadro Nº 01 está dividido em duas partes. Eles foram dispostos lado a lado para que se possa perceber qualquer semelhança dos ritos e dos discursos que tendem a buscar a garantia da manutenção dos padrões culturais.

QUADRO Nº 01 –
Ritual do casamento ucraniano - Ritual do casamento polonês

Conforme Burko (1963), era o homem quem procurava a moça para casar-se, com o intuito de formar uma	Segundo Mika (2003), quando o jovem polonês alcançava sua prosperidade econômica chegava o

família. Se o rapaz não quisesse morar com os pais deveria adquirir o necessário para sua subsistência e de sua esposa.

Era de sua responsabilidade a tarefa de comprar a terra e construir a casa[76]. Visto as dificuldades em adquirir terras enquanto solteiro, geralmente a primeira morada do casal era no lote dos pais do noivo.

> Para conseguir dinheiro para a compra da terra, a construção da casa, o rapaz trabalhava na roça para seu pai ou para os outros. A mãe incentivava seu filho a casar-se e dizia que sua escolha pouco importava, sendo a moça boa e direita era o suficiente. (KUSMA, 2003: p. 21)[77]

Depois de adquirir os bens materiais necessários para a vida conjugal e escolher a noiva (parece esse ser o menos importante), o momento de encontrar sua companheira. Geralmente era uma moça da própria comunidade, pois os dois se conheciam das missas realizadas na igreja da linha. Depois de meses de troca de olhares e consentimento recíproco era o momento de pedir a mão da noiva. Os procedimentos iniciais do casamento eram determinados e executados pelo o "swat" (emissário do noivo) que era o responsável em consultar os pais da noiva sobre o casamento, bem como pedir licença em nome do pretendente para que o mesmo se realize.

Marcada a data do casamento era preciso pensar nos preparativos, visto que a festa demandaria diversas tarefas que seriam distribuídas entre os padrinhos do noivo e da noiva. Elas tratavam primeiramente de

[76] O termo *casa* tem sido utilizado para designar o edifício de habitação (espaço físico). A casa não pode ser vista apenas como uma realidade física, mas como um espaço social, um local de memória onde se estabelece e se encerra as condições de mobilidade dos indivíduos em determinado grupo. Ela estabelece uma marca social que pode determinar comportamentos específicos do indivíduo. (PEREIRA, 1994: p. 83)

[77] Dentre ucranianos, não sendo claro uma especificidade, a escolha dos cônjuges era definida pela mãe, no caso dos filhos e do pai no caso das filhas, tendo como justificativa a moradia do novo casal com os progenitores que o escolheu. (ANDREAZZA, 1999)

próximo passo era conseguir o consentimento dos pais dela. Porém, o noivo não poderia se dirigir sozinho a casa de seus futuros sogros. Com ele ia o Starosta[78] que conhecedor da tradição aconselhava o noivo a levar uma garrafa de pinga e outra de vinho para agradar os pais da noiva e os vizinhos que eram convidados para testemunhar o pedido. Era esse emissário que além de apresentar o rapaz aos pais da noiva era responsável por fazer o discurso no qual pedia a mão da moça em casamento. (BURKO, 1963)

> Os vizinhos e as testemunhas, sempre presente no momento em que eram tratados os detalhes do casamento. Juntamente com os pais da moça, o rapaz e o starosta bebiam pinga e vinho, num clima de festa. Assim os pais da moça partilhavam a alegria de casar a filha, pois consideravam uma benção de Deus e os pais tinham muito orgulho de comemorar este momento com seus amigos e vizinhos. (KUSMA, 2003: p. 22)

contratar uma cozinheira que ficaria responsável por todos os preparativos culinários da festa. Os padrinhos deveriam contratar uma banda de música e o padre que celebraria o casamento.

Para evitar contratempos, os preparativos começavam muito antes da data do casamento.

Dentre os padrinhos um casal era escolhido para coordenar a festa. Esse casal estaria responsável por conduzir a festa desde o seu princípio. Eram eles, por exemplo, que faziam o convite geral que era dirigido aos parentes mais distantes e aos vizinhos dos pais dos noivos.

> Na véspera, o noivo, juntamente com os músicos, faz uma serenata para a noiva, enquanto as damas de honra e as amigas da noiva trançam o bastão, a coroinha nupcial e as grinaldas, cantando e festejando a “noite da virgem”. (MIKA, 2003: p. 02)

[78] Geralmente um senhor mais velho, amigo da família do noivo, que seria uma espécie de padrinho.

Havendo o consentimento dos pais da noiva a data era marcada e como não existia tempo de namoro a data era próxima. Muitas vezes o que determinava a data do casamento era o tempo dos proclamas da igreja e a possibilidade do padre vir da cidade. Por isso os noivos iam até a cidade para conversar com o padre. “o padre perguntava se os noivos sabiam o catecismo, porque na hora da celebração lhes seria perguntado, se não soubessem não haveria casamento”. (KUSMA, 2003: p. 23)

Dentre os preparativos tinha alguém responsável por: enviar telegramas e cartas aos familiares mais distantes convidando-os para o casamento; encomendar as roupas; comprar papel para confeccionar a coroa, o buquê e para enfeitar as carroças que também seriam enfeitadas com flores. Também os responsáveis por moer o trigo, fazer a

Antes de deixarem a casa, em direção à igreja, os noivos pediam bênçãos a seus pais que com as mãos em sua cabeça traçavam o sinal da cruz.

Após a cerimônia familiar todos os presentes na casa da noiva e do noivo se deliciavam com balas e se esquentavam com aguardente, que eram cortesias dos padrinhos. Enquanto as mulheres enfeitavam com fitas as convidadas os homens soltavam foguetes que avisavam que a noiva estava a caminho da igreja. Como não havia fotógrafos no dia do casamento, a foto oficial era retirada dias depois na cidade e nessa ocasião os noivos vestiam novamente seus trajes. (Ver anexo nº 03)

No dia do casamento uma carroça toda ornamentada está diante da casa da noiva para levá-la até a igreja. Juntamente com suas madrinhas a noiva canta canções de despedida aos seus pais e irmãos. O

farinha e assar o Korovai[79].

Não se podia esquecer de contratar os músicos para que ao som da rabeca (espécie de violino), sanfona e bumbo entoassem as kolomeikas. (BURKO, 1963)

A kolomeika[80] é um estilo musical que agrega as coletividades. Esse estilo alegre e cativante faz com que as pessoas não consigam ficar indiferentes a ele. Ainda podemos encontrar, em regiões próximas, o apego ao tradicional e que tende a ligar a kolomeika aos traços particulares de determinada etnia. O exemplo está numa chamada feita num boletim informativo de uma associação de jovens. Claro que temos em mente que enquanto associação a tendência é a de manter

noivo e seus padrinhos seguem em outra carroça.

Ao entrar na igreja os noivos eram recepcionados pelo padre que os acompanhava até o altar. O matrimônio era realizado dentro da liturgia da missa, sendo celebrado em polonês, pois todos ali presentes conheciam a língua. Arcos ornamentados enfeitavam todo o trajeto até a igreja.

Na cerimônia de casamentos só iam os noivos e seus padrinhos. Os pais e os convidados ficavam na casa da noiva esperando o novo casal.

A música corria solta enquanto familiares apressavam os últimos preparativos para a chegada dos noivos.

[79] O korovai é um grande pão doce, arredondado, que na parte superior contém adornos em forma de lua e estrela que são representações do casal. Sobre o korovai é colocada uma pequena árvore (que nas colônias paranaenses é um pequeno galho de pinheiro – araucária. Ele é servido durante a festa de casamento. Porém, antes de ser cortado o noivo dança com o korovai ao som de uma kolomeika. Todos se reuniam em volta dos noivos esperando um pedaço do bolo que era repartido logo após a dança. Cada convidado que pegasse um pedaço do korovai deveria dar uma contribuição aos noivos.

[80] As “kolomeikas” são cantos populares escritos em versos, tendo como tema principal o amor.

traços tradicionais a fim de manter o grupo coeso. É uma chamada para a noite Ucraniana Ivan Kupalo, ocorrida em 2006 na cidade de Irati.

> Ao som da kolomeika, viajamos até a saudosa terra de nossos antepassados, onde por várias noites eles festejaram ao redor da fogueira de Kupalo, fazendo seus pedidos enamorados em busca de uma vida de sonhos. Uma viagem pelas casas de nossas babas, onde as diutchatas coloriam as belíssimas pêssankas e os cossakês preparavam a saborosa Horiuka nos dias gelados do inverno. Um passeio pelos trigais dourados e pelos verdadeiros jardins de girassóis que alegravam o pastoreio de nossos didos[81].

Porém, compreendemos que os eventos tradicionalistas são organizados e compartilhados por indivíduos de diferentes etnias. Mesmo os convites e chamadas tendo o tom saudosista, esses eventos acabam por se tornar um projeto de sociabilidade. A própria organização

Mesmo há uma distância razoável os foguetes novamente avisavam que os noivos estavam chegando, o que animava os convidados, visto que agora a festa realmente iria começar.

Chegando em casa o casal encontrava o portão da frente fechado. Ele só poderia ser aberto pelos pais da noiva que através desse gesto reconheciam que os dois eram bem vindos a casa.

Conforme Mika (2003) na casa da noiva eram esperados cerca de 500 pessoas, que se divertiriam e se alimentavam muito bem.

> Prevendo alimentação para mais ou menos 500 pessoas por dois a quatro dias, a cozinheira se alojava na casa da noiva. Na segunda-feira logo pela manhã a cozinheira encaminhava a arte culinária da semana. Na terça-feira, ela assava as bolachas de mel. (...) Na quarta-feira, ela cozinhava a cerveja caseira e a gengibira, mais doce. Na quinta-feira, assava as broas. (...) Na sexta-feira, dia em que os condes

[81] Boletim informativo da Congregação Mariana da Paróquia Imaculada Conceição de Maria – Rito Ucraíno-Católico: nº 09 Irati, 2006.

do evento acabou por agradecer (no número seguinte do boletim) a participação de todos que colaboraram e compartilharam do evento que uniu a comunidade e a sociedade local.

Voltando a preparação da festa de casamento, chegava o momento de a noiva providenciar o enxoval. Ele era composto por um lenço de linho feito a mão, dois travesseiros de pena bordado de preto e vermelho e uma perena de pena de ganso. Colchão não existia, era de palha de trigo.

Com tudo pronto era o momento de convidar os parentes e vizinhos. Os convites eram feitos na quinta-feira que antecedia o casamento e eram os próprios noivos os encarregados dessa tarefa.

> A noiva ia na quita-feira convidá, ela quando saia da casa ponhavam buquê pra noiva, para sobre noiva, ela se ajoelhava pros pais, se despedia, pedia benção pro pai, pra mãe, se despedia de todos da casa, daí ia convidá toda a colônia. Nas casa também pros velhos se e as damas vinham para ornamentar o ambiente. (MIKA, 2003: p. 03)

Durante a festa tão logo os convidados estivessem acomodados o bolo era servido. Como o espaço da casa estava sendo utilizado para os preparativos, as mesas e bancos eram dispostos no terreiro embaixo das árvores. Se estivesse chovendo as mesas eram amontoadas na área da casa e no paiol.

Enquanto os convidados se ajeitavam os padrinhos serviam carne e bebidas enquanto as madrinhas serviam a comida.

Depois do almoço as mesas eram retiradas e a música tomava a festa. De agora em diante quem comandava a festa eram os músicos, que sabiam como animar os convidados. Ao som da rabeca, do acordeon e do bumbo tratavam de pôr todos para dançar.

As músicas de maior sucesso era

ajoelhava, pedia benção pros mais velhos, pros mais idosos, o noivo fazia o mesmo[82].	um xote (Sokola), uma marchinha (Na Zielonem Gaju) e uma valsa (Sla Dzieweczka do Laseczka). Ao final da noite era realizada a dança da mesa, o czepowiny ou odczepiny. Os noivos eram colocados sentados à mesa (...) Cada conde e dama tinha a tarefa de ir buscando cada um dos convidados e dançar uma volta com o convidado ao redor da mesa dos noivos. Aí, o convidado pagava a gratificação do casamento, depositando uma cédula de dinheiro no prato dos noivos. A compensação da gratificação era um novo cálice de vodka ou licor, ou balas, ou cigarros. (MIKA, 2003: p. 03)
Antes de ir para o casamento o noivo, ainda na casa de seus pais, sentava num banco embaixo dos quadros dos santos protetores da casa[83]. Enquanto isso o starosta pronuncia algumas palavras em forma de benção:	Depois do seu casamento as moças solteiras iam até a noiva retiravam-lhe o véu que simbolizava sua pureza. Simultaneamente a noiva recebia das senhoras casadas um lenço que ela usaria na cabeça desse dia em diante.
- “parou esse jovem diante de Deus, diante de Nossa Senhora Virgem Maria, diante de Jesus cristo, diante de todos os Santos, do seu pai, da sua mãe, seus irmãos e irmãs, diante de seus vizinhos mais próximos e distantes” [84].	As festividades ultrapassam a madrugada, até porque quando os músicos se cansavam sempre tinha alguém disposto a mostrar seus dons
Então todos saiam em cortejo em direção a casa dos pais da noiva, local da primeira festa[85]. Os músicos tocavam diversas kolomeikas,	

[82] Kusma, Catarina (2002) apud KUSMA (2003)
[83] ANEXO Nº 03
[84] BURKO, 1963: p. 63
[85] Os casamentos ucranianos do início do século XX eram compostos de duas festas. Uma era na casa da noiva e antecedia a cerimônia do casamento e a outra, após o casamento, era na casa do noivo. (Burko, 1963)

intercaladas com os parabéns aos noivos. Depois de muito dançar e cantar todos eram convidados a sentarem-se a mesa. Mas logo após o jantar todos começavam a dançar e cantar. (KUSMA, 2003)	musicais e assim a festa continuava até o dia seguinte. Muitos ainda permaneciam na festa enquanto os convidados chegavam para o almoço do dia seguinte.
No dia seguinte, antes de ir à igreja, os noivos recebiam novamente a benção de seus pais, avós e padrinhos de batismo, sinal de respeito e gratidão. Então era o momento de se deslocar até a igreja. Duas carroças iam a frente do cortejo. A primeira era ornada com papeizinhos brancos, onde estava a noiva. A segunda carroça vinha repleta de papéis azuis, onde estava o noivo. Durante todo o trajeto as kolomeikas não deixavam de ser entoadas, avisando toda a comunidade que na missa daquela manhã seria realizado um casamento. A comunidade ia juntando-se ao cortejo na medida em que o mesmo passava por suas casas.	> No almoço do dia seguinte, domingo, parentes e vizinhos iam de novo à casa da noiva para um almoço festivo, chamado poprawiny; se algo não fora bom no dia anterior, agora era reparado! (MIKA, 2003: p. 05) Os recém casados iam morar com os pais do noivo até que esse construísse sua casa.

Chegando à igreja os noivos eram recebidos e saudados pelo sacerdote que lhes pergunta – “desejastes receber, de livre e espontânea vontade e com propósito a (o) aqui presente por sua esposa (o)?” (KUSMA, 203: p. 29). Sendo as respostas afirmativas o padre conduzia os noivos até o altar para acompanhar a missa. O casamento só era realizado depois da confissão e da santa comunhão, as quais os noivos eram obrigados a participar. Durante a cerimônia vários cantos são entoados, sempre pedindo paz e felicidade. Após a bênção e a troca das alianças, bem como o juramento matrimonial, chega a hora em que ocorre a imposição das coroas de alecrim. Nessa imposição o padre coloca uma pequena coroa de alecrim na cabeça de cada um dos noivos, em sinal do vínculo matrimonial que ali se inicia. No final da celebração	

ocorre também a bênção da noiva. Nesse momento a esposa recebe uma oração especial para que seja uma mulher fértil e uma boa mãe.	
Ler Ritual do casamento polonês	

Com a leitura do quadro Nº 01 fica fácil perceber como os fazeres cotidianos (e isso se reflete no casamento) de ucranianos e poloneses são muito parecidos. Mas havemos de lembrar que como consequências das fronteiras identitárias criadas no velho continente esses imigrantes insistiam em se diferenciar, porém integrando-se.

5.1.2 Divisão tradicional dos papeis conjugais e familiares – quem vai morar com quem?

Quando das divisões dos lotes aos imigrantes também foi demarcado um território de ordem simbólica, pois de criação de espaço de vivência religiosa e cultural. Nesse espaço que as representações foram compartilhadas, onde as igrejas serão levantadas, onde a língua materna será utilizada, enfim, onde o imigrante poderá viver segundo sua tradição. Essa linha tradicional será mantida no momento em que as instituições (igreja e família) (re)constroem as fronteiras. O incentivo aos casamentos endogâmicos criou limites demarcatórios através dos qual os imigrantes conseguiram transmitir a vivência das tradições culturais e religiosas aos seus descendentes. (HANICZ, 2011)

> O esforço das lideranças, sobretudo religiosas, sempre foi incentivar a endogamia, criando espaços nos quais os membros do grupo fariam suas escolhas dentro do grupo. Era uma maneira de se defender das agressões interétnicas que pudessem resultar no enfraquecimento do grupo. (HANICZ, 2011: p. 10)

As transformações identitárias ocorriam cotidianamente através do contato e o espaço da propriedade, e, da convivência no lar ditava o ritmo dessas transformações. Se a família fosse constituída através de um casamento endogâmico essas transformações seriam mais lentas, enquanto pelo contato direto dos casamentos interétnicos o choque cultural acelerava tais mudanças, pois a negociação começava em casa.

Como efeito do constante processo de negociação étnica a família se tornou ponto de referência para os componentes do grupo e seus estatutos formam requeridos pelas demais instituições.

> A noção de família ucraniana era importante não só para as pessoas, mas, sobretudo, para as instituições religiosas e culturais que foram surgindo mais tarde, pois dela dependiam para se sustentar como também para elaborar um discurso de defesa das tradições e dos costumes. A família será sempre uma referência importante e a base sustentadora e continuadora da tradição religiosa. (HANICZ, 2011: p. 05)

A manutenção da divisão tradicional da comunidade prudentopolitana foi estabelecida primordialmente pelos arranjos conjugais e familiares regidos pela igreja. Conforme apêndice I e II e tabelas supracitadas percebe-se que o número de casamentos interétnicos registrados na Paróquia São Josafat foi significativamente menor do que os da Paróquia São João Batista. Essa discrepância não se ateve apenas ao princípio da formação da comunidade prudentopolitana, mas se manteve durante todo o primeiro século dessa experiência social. Em momento algum o número de casamento interétnicos na comunidade ucraniana alcançou ¼ do total dos casamentos realizados, enquanto a situação se mostrou inversa na comunidade não ucraniana.

Segundo Przygocki (2007), os arranjos matrimoniais foram determinantes para a construção do espaço de recriação cultural e sociopolítico. De acordo com a autora, foi através dos casamentos entre os membros da comunidade que os ucranianos conseguiram resguardar seus valores tradicionais e, dessa forma, manter suas bases culturais como elementos fundadores da constituição do imaginário prudentopolitano.

> Entre as primeiras famílias ucranianas que se deslocaram para Prudentópolis, predominavam casais com algum tempo de vida matrimonial e abrigavam a possibilidade de crescimento da prole. A política imigratória se mostrava favorável à preservação dos laços familiares, consanguíneos ou não, devido ao interesse econômico que comanda a agregação familiar. Somou-se a isso a continuidade dos lotes familiares, que proporcionou o surgimento de uma sociedade que não favorecia apenas a nuclearização familiar, mas que tornou a rede de vizinhança um elo de apoio e domínio do grande grupo sobre a família. (PRZYGOCKI, 2007: p. 09)

Quando os noivos eram da mesma origem (ucraniana no caso) era garantida a manutenção dos traços tradicionais da cultura, visto que a própria comunidade exigia para efeito de sociabilidade que os mesmos frequentassem a igreja. Os filhos do novo casal deveriam acompanhar os pais à igreja, além de frequentar a escola ucraniana e a catequese.

> na catequese, os alunos aprendem um pouco da língua ucraniana, principalmente no tocante às rezas e cantos ucranianos. (...) É salutar que nas aulas de catequese seja ensinada a língua ucraniana aos alunos, isso ajuda na conservação da língua e cultura ucranianas. (JACUMASSO, 2009: p. 92)

Quando assim ocorria, o modelo domiciliar baseava-se na residência patrilocal[86].

Nos casos de casamentos interétnicos (Paróquia São Josafat) fica evidente que o número de mulheres ucranianas que compunham os novos casais era superior do número de homens (APÊNDICE Nº 02). A mulher ucraniana dificilmente casaria em outra igreja.

Porém, através dos registros de casamentos fica muito difícil chegar a afirmar tal hipótese, visto que mesmo o número de mulheres que compõem os casamentos interétnicos ser significativamente maior, notamos que não há uma

[86] As mulheres indicam pertencimento ao grupo domiciliar do marido, sendo que enquanto as irmãs mais velhas do marido estivessem em casa (não tivessem casado) as esposas destes ocupavam um lugar subalterno no domicílio. (ANDREAZZA, 1996)

regularidade desse fenômeno. No total 1817 casamentos interétnicos registrados em 1127 as mulheres são de origem ucraniana. (APÊNDICE Nº 02)

Isso se deve ao fato de que as famílias ucranianas formavam um grupo tão coeso que aquele que adentrasse esse grupo teria que aceitar os padrões de convivência estabelecidos pelo grupo. Teria que se casar na igreja ucraniana, aprenderia língua, aceitaria as representações coletivas como formas de reconhecimento. (KROKOSZ, 1995).

> A mulher-mãe ucraniana é caracterizada, na literatura e no folclore, como lutadora, guerreira, agressiva e dominadora. Esses índices masculinos presentes em sua constituição psicossocial tiveram origem no contexto histórico vivenciado pelo povo ucraniano. Vivendo em um território onde era constante o estado de guerra (...) a mulher teve que assumir o controle total da família, enquanto o pai defendia o país. Para proteger a prole, além de adquirir alguns dos índices da masculinidade, entregou-se a uma religiosidade quase extrema. (...) Como consequência dessas heranças que lhes foram atribuídas, constata-se na mulher-mãe ucraniana, a extrema preocupação com a preservação da família e dos índices culturais de seu grupo étnico. (PRZYGOCKI, 2007: p. 07)

Além dessa afirmação, tem-se o fato de que na família ucraniana a mulher é considerada a mantenedora dos quadros tradicionais que identificam os componentes do grupo. É ela quem ensina a língua, os costumes, os fazeres domésticos e as práticas cotidianas. A mãe seria a responsável por manter o imaginário coletivo ucraniano vivo no liame das gerações, pois a educação dos filhos do casal ficava sob sua total responsabilidade.

> A educação dos filhos nas nossas famílias cabe à mãe, que tem plenos poderes (no campo da educação). É normal que o pai revele abertamente o seu desinteresse e negligência no tocante a educação dos filhos, incumbindo somente a mãe desta responsabilidade. Cabe ao pai, porém, o direito de castigar os filhos quando for necessário. Por isso, o pai para a criança ucraniana representa uma pessoa autoritária, normativa, inacessível, insensível, castigador. (...) Portanto, as normas de comportamento, seus ideais, seu modo de encarar a vida, a escala de valores, estão diretamente ligados com o

> modo de ser da mulher-mãe ucraniana (KROKOSZ, 1995: p. 85)

Desde muito jovem a mulher ucraniana estava acostumada a essa forma de organização familiar por isso casava-se muito jovem. Antes de alcançar à maioridade as jovens da comunidade já estavam casadas. Os homens geralmente eram mais velhos, pois eram eles os responsáveis por constituir a vida material do casal. (ANDREAZZA, 1996)

Os ucranianos no Brasil optaram por uma moradia conjunta, pois quando o rapaz não tinha suas terras o novo casal (exogâmico) era acolhido pelos pais da noiva. Com isso, quando a noiva era de outra origem que não a ucraniana dizia-se que a família perdeu um filho, pois depois do casamento ele não ficaria mais entre os seus. Quando o noivo era de fora, enquadrava-se no ambiente que o obrigava a aprender os valores culturais, embora nem sempre os tenha transmitido a seus filhos.

Conforme Przygocki (2007), os ucranianos em Prudentópolis reservavam o exercício da sexualidade ao quadro específico do casamento, existindo um baixo número de concepções pré-matrimoniais e de filhos ilegítimos. Para representar essas posições preestabelecidas, a cultura ucraniana possui alguns símbolos característicos.

> Tranças e cabelos compridos indicavam a donzela, enquanto o lenço na cabeça assinalava o estatuto da mulher casada. Consta-se, na região, a presença de muitas senhoras com lenço branco na cabeça, ostentando fitas de associações ou congregações religiosas. (PRZYGOCKI, 2007: p. 10)

A igreja também era um local de demarcação social preestabelecida. O local mais distante do altar, onde não haviam bancos adequados a genuflexão, destinava-se aos impuros, às mães solteiras, por exemplo.

A prática da coabitação era temporária ou definitiva e dependia exclusivamente do tamanho da propriedade dos pais da noiva.

> Considerando que se tratava de um grupo estrangeiro e que tudo lhes era desconhecido e aparentemente adverso, a segurança e a manutenção de valores

> socioculturais e linguísticos poderiam até ser mais fundamentais do que a questão econômica. A coabitação estabelecia limites, atribuía poderes e criava uma espécie de corporativismo familiar ou grupal. Isso, aliás, também pode ser considerado como mais um dos fatores responsáveis pela sobrevivência do grupo ucraniano de Prudentópolis. (PRZYGOCKI, 2007: p. 11)

Era comum que uma família detivesse um ou mais lotes no município, assim a doação de um desses lotes aos noivos era frequente. Esse quadro familiar forma uma estrutura familiar complexa, característica das comunidades ucranianas estabelecidas em Prudentópolis. A forma da família ucraniana promoveu o uso e a manutenção dos usos, costumes e língua.

5.1.3 – O Prácia e o idioma ucraniano: 1921-1940

Com a chegada de uma segunda onda de migração para Prudentópolis pode-se perceber que os ucranianos se fechavam ainda mais em casamentos dentro de sua comunidade. (TABELA Nº 03) Mesmo assim o percentual de casamentos interétnicos registrados na Paróquia São Josafat acompanha o aumento da população prudentopolitana, porém, ainda em números pequenos.

TABELA Nº 03 – TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS– PR 1921-1940

Local:	TC	TCI	%
Paróquia São Josafat	1805	104	5,7
Paróquia São João Batista	1873	866	46,2
Total:	3678	970	26,3

TC: Total de Casamentos
TCI: Total de Casamentos interétnicos

O percentual de casamentos interétnicos registrados na Paróquia São Josafat foi menor do que 6% enquanto na Paróquia são João Batista ultrapassou 46% (TABELA Nº 03). Vemos, através de dados, como as fronteiras se mantiveram rígidas entre ucranianos. Após pouco tempo da criação do município de Prudentópolis os ucranianos ainda se sentiam hostilizados por *brasileiros* e poloneses, mantenedores do poder político na região.

Nesse momento alguns fazeres ainda se mostravam como elementos formadores e mantenedores de fronteiras identitárias. Podemos citar o exemplo da língua. Diferentemente dos poloneses instalados em Prudentópolis, os ucranianos mantiveram a forma de comunicação utilizada por seus antepassados e a empregavam para instituir suas fronteiras. Exemplo disso é a existência do Jornal Prácia[87], publicado pela primeira vez no ano de 1912 e teve sua publicação suspensa somente por um decreto federal durante a segunda grande guerra, pois sua escrita em língua estrangeira poderia disseminar informações aos aliados. (GOMES e POLAK, 2008) Sua tiragem era semanal e segundo Zaluski (2007), a função do Prácia não podia ser definida apenas enquanto ferramenta para levar a palavra de Deus a seus fiéis, mas tinha como objetivo manter os costumes e o idioma ucraniano assim dando continuidade à língua materna.

A sobrevivência dessa língua materna em Prudentópolis tem como causa diversos fatores comportamentais que sempre acabam apontando para o meio de comunicação (O Prácia) e as formas como são transmitidas de forma verbal:

> a cultura ucraniana jamais se acabará enquanto houver pessoas que conservem e preservem este presente que não pode ser esquecido, que não pode ser roubado, faz parte de nós, está dentro de nós, esse espírito, essa etnia eslava, que nós, com tanto orgulho e com tanto amor, tentamos preservar aqui nessa terra tão longe da Ucrânia, mas ao mesmo tão perto.[88]

[87] Desde sua fundação já foram editados mais de 6.000 números do Prácia.
[88] Trecho do documentário MADE IN UCRÂNIA de produção de Guto Pasko. Esse relato foi feito pelo Sr. Mário Iatskiv. DVD - Museu do Milênio, 2006.

Seja na igreja ou na casa desde tenra idade o indivíduo já aprendia o ucraniano, quando o idioma não fosse a primeira língua, mesmo em terras brasileiras. Segundo Zaluski (2007), era com os pais que a criança aprendia as primeiras palavras em ucraniano, sendo esses ensinamentos repetidos na igreja e na escola.

Quanto a isso a senhora Francisca Primak relata:

> Minha vó só falava em ucrâino. Sempre que a gente ia visitá ela nóis tinha que pedir a bença em ucraniano - SLAVA ISSUSSU *HRESTU* – a gente já chegava gritando no portão. Qualquer coisa que a gente queria tinha que falar em ucraniano. Até minha mãe só falava em ucrâino na casa da minha vó Quando a gente não falava em ucraniano ela xingava a mãe dizendo que ela não estava ensinando pra gente[89].

A Senhora Primak continua,

> Eu ainda ensinei o ucrâino pro meus filhos, mas os netos sabem muito pouco. Os mais novos não se interessam com a língua porque acham que não vão usá pra nada. O certo era não deixar a língua morrer.

Segundo os relatos da senhora Francisca, os mais jovens não querem saber da língua assim como não querem saber da igreja. Para ela se a criança não vai na igreja ela se perde, pois não aprende nada.

> a existência da língua ucraniana, apesar de tantas adversidades, é marcada pela existência da igreja. Ou seja, a manutenção e a preservação da língua está relacionada à fidelidade religiosa mantida pelos padres, Irmãs e demais membros da igreja, desde as origens na Ucrânia. (Mezavila, 2007 in: JACUMASSO, 2009: p. 94)

Assim, o desapego às instituições formadoras dos padrões éticos e morais fazem com que os jovens se percam. Essa definição faz com que o ensino do idioma ucraniano seja obrigatório na catequese e nas escolas

[89] Entrevista concedida ao autor no dia 27 de fevereiro de 2012.

rurais[90], como mecanismo para evitar o distanciamento dos mais jovens dos padrões vistos como tradicionais do ucraniano.

5.1.4 Ghaghilky e Volotchilne: 1941-1960

As ações cotidianas que determinam a constituição de fronteiras étnicas modificam-se constantemente. As formas dos rituais do casamento e a constituição da língua transformaram-se gradativamente, adquirindo características que não condiziam com as trazidas do além-mar.

TABELA Nº 04 – TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS– PR 1941-1960

Local:	TC	TCI	%
Paróquia São Josafat	2139	216	10
Paróquia São João Batista	1868	955	51,1
Total:	4007	1171	29,2

TC: Total de Casamentos
TCI: Total de Casamentos interétnicos

Em relação às décadas anteriores, podemos notar um pequeno aumento no número de casamentos interétnicos. O número ainda é pouco expressivo e manteve-se assim até findos da década de 60. (TABELA Nº 07)

Fica inalterado, também, o conjunto de representações coletivas que conduzem ao distanciamento do outro. Mesmo as fronteiras sendo menos rígidas que no início do século ainda mantinham traços tradicionais que servem para identificar os componentes do grupo.

[90] Em algumas escolas rurais um dos requisitos exigidos às professoras primárias é o conhecimento do ucraniano. Essa exigência não se deve ao fato da obrigatoriedade (por parte dos pais) do ensino da língua, mas porque muitas crianças entram na escola sem conhecer a língua portuguesa.

A diminuição da rigidez dessa fronteira deve-se ao fato de que as ações que são representativas nesse interstício são por si só agregadoras, pois, de sociabilidade. Cito o Volotchilne e a Ghaghilky que são encontros que reúnem as pessoas de mesma origem, no caso ucraniano. A partir de 1920 algumas pessoas de outras etnias já eram visitadas e já compunham esses encontros, mas em número pouco expressivo.

O Volotchilne ocorre principalmente no domingo de Páscoa, porém no período estudado ele ocorria na segunda-feira após a Páscoa. Logo pela manhã um grupo de pessoas saía de casa em casa cantando, oferecendo e recebendo presentes. Percorriam as casas da comunidade entoando canções religiosas e eram recebidas com um farto café da manhã. No caminho entre uma casa e outra, tocavam sinos que avisavam da aproximação.

> De longe a gente sabia que o povo estava chegando. Dava pra escutá os sino e a cantoria. Enquanto eles não chegava nóis ia terminando de arrumar a casa pra receber todo mundo. Era uma alegria receber todo mundo. A casa estava aberta para receber Cristo ressuscitado[91].

Depois que os visitantes passavam o dono da casa se juntava ao grupo. Segundo Zaluski (S/D), esse ritual perdeu sua força porque a igreja proibiu que seus fiéis o praticasse, a não ser que fosse acompanhado de um padre.

[91] Demétrio Veviurka. Entrevista concedida ao autor no dia 13 de agosto de 2010.

TABELA Nº 05 – TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS– PR 1961-1980

Local:	TC	TCI	%
Paróquia São Josafat	2526	483	19,1
Paróquia São João Batista	2440	1426	58,4
Total:	4966	1909	38,4

TC: Total de Casamentos
TCI: Total de Casamentos interétnicos

Nas décadas de 60 a 80 o percentual dos casamentos interétnicos registrados na Paróquia são Josafat começava a aumentar, mas ainda num ritmo modesto. Enquanto isso entre *brasileiros* e poloneses o processo de integração étnica já alcançava níveis significativos, ultrapassando os 50% do total de casamentos. (TABELA Nº 05)

Nesse contexto as representações coletivas continuavam a ser vistas como bases da fronteira identitária. Porém, a rigidez dessas fronteiras começava a sentir a força do contato. Um exemplo podia ser observado durante os festejos pascais.

Durante a Páscoa é organizada a haílka[92] (Ghaguilky). A priori ela faz parte do folclore ucraniano, porém, é definida em Prudentópolis como uma representação local. Pode ser considerada como uma das primeiras representações que iniciaram o processo de integração, visto que agrega a coletividade prudentopolitana mais ampla.

A haílka ocorre nos três dias que em que se comemora a Páscoa, sendo mais evidente a participação da comunidade geral no domingo quando as comunidades se reúnem. São festas em comemoração a Ressurreição de

[92] As haílkas não são exclusivamente do costume ucraniano, mas sim de todo o povo eslavo oriental. Quando na Ucrânia ainda predominava o paganismo, as haílkas significavam o momento da ressurreição após a longa temporada do inverno. Mas com o advento do cristianismo, significam a Ressurreição de Cristo. (Ramos, 2006)

Cristo, quando principalmente crianças e jovens entoam simples e singelas canções temáticas. Ocorrem em ambientes abertos sendo organizadas nos pátios das igrejas.

> As haílkas pertencem à criatividade popular antiquíssima e nela se reflete a alma do povo, a cultura, crenças, mentalidade de épocas antiquíssimas. Elas constituem uma fonte valiosa para o estudo da nossa pré-história. Muitas idéias e palavras antigas foram substituídas por novas, mais acessíveis à mentalidade dos novos tempos. Porém, não há dúvida que se pode vislumbrar do conjunto das canções e rituais primaveris ucranianos que chegam até nós, a estrutura e muitos elementos antigos que, apesar de modificados dão uma idéia geral sobre tempos antigos da nossa história. (Zalutski, 2007: p. 07)

Atualmente os elementos pré-cristãos foram substituídos por brincadeiras e cantigas, sempre com elementos cristãos recorrentes à Páscoa. Durante vários momentos do dia todos os participantes da haílka dão as mãos e fazem um grande círculo ao redor da igreja e cantam a primeira haílka[93]. (FIGURA Nº 10)

[93] O nome *haílkas*, bem como para muitos outros, no assunto, deduzem-no de "hai" (háyi bosque), onde se reunia a juventude para executar as canções e apresentar rituais, que aconteciam muitas vezes à beira de um rio ou ao redor de árvores santas. Entre os povos antigos, especialmente para os eslavos "a natureza age, movimenta-se, tem sua linguagem, é viva, animada, penetra ativamente o mundo do comportamento humano(...) Ela é inseparável do homem, como o homem dela. Os fenômenos da natureza, suas mudanças e forças causavam não somente admiração entre o povo, mas sentimentos de veneração, respeito e reverência". (ZALUTSKI, *apud* IVANCHICHEN, 2002: p. 38)

FIGURA Nº 10 – HAÍLKA NA IGREJA NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO, LINHA ESPERANÇA, PRUDENTÓPOLIS

FONTE: (KUPITSKI *In*: GUIL *et al.*, 2006: p. 72)

Segundo a Organização Feminina junto à União Agrícola Instrutiva, as haílkas assemelham-se às cantigas de roda, sendo que seu desenvolvimento, ritmo e movimentos, varia de acordo com a canção[94].

5.1.5 Festas, Festejos e Reuniões familiares

Os mecanismos como festas populares, de casamento e batismo antes utilizados para segregar os grupos de mesma origem servem agora como agregadores, pois, ambientes de sociabilidade. A igreja e a família se tornaram as grandes responsáveis por toda caminhada em busca de uma sociabilização entre os grupos, seja de maneira repressiva ou de aproximação, porém ambas de contato. A igreja se estabeleceu como o refúgio dos imigrantes e seus descendentes, sendo que os padres traziam da Europa o modelo de cidadão que deveria ser desenvolvido no novo país.

[94] União Agrícola Instrutiva. **Vesniankas e Haiwkas**, 1973: p. 01.

TABELA Nº 06 – TOTAL DE CASAMENTOS EM PRUDENTÓPOLIS– PR 1981-1995

Local:	TC	TCI	%
Paróquia São Josafat	2395	648	27
Paróquia São João Batista	2107	1300	61,6
Total:	4502	1948	43,2

TC: Total de Casamentos
TCI: Total de Casamentos interétnicos

No recorte temporal dessa pesquisa o maior número de casamentos interétnicos ocorridos no município de Prudentópolis pode ser visualizado entre os anos de 1981 e 1995 (TABELA Nº 06). O total quase alcança 50% dos casamentos realizados. Porém, notamos que a frequência continua baixa pela também baixa porcentagem de casamentos interétnicos registrados na Paróquia São Josafat. Percebe-se que a realização de casamentos interétnicos aumentou consideravelmente[95]. Talvez não se deva ao fato exclusivo do aumento da população prudentopolitana, mas principalmente pelas modificações das fronteiras antes vistas como segregadoras.

Os padrões étnicos culturais sendo reconhecidos como componentes de uma nova identidade fez com que indivíduos antes vistos como diferentes, agora fossem reconhecidos e aceitos como componentes do *nós* prudentopolitano. Esse contexto só pode ser visualizado no momento em que os mecanismos antes vistos como segregadores agora são agregadores.

As festas e festejos organizados pela igreja determinavam e estabeleciam o calendário anual que mesmo seguindo o calendário cristão adicionava algumas características próprias. Por exemplo, todo dia do calendário tradicional (civil brasileiro) um santo ucraniano é homenageado.

[95] Ver também APÊNDICE Nº 01 E 02.

Lembramos que a princípio, de acordo com a igreja, os homens deveriam manter seus costumes trazidos da Europa; suas representações coletivas deveriam ser mantidas, pois elas determinariam quem fazia parte do grupo (HANICZ, 1996). Porém, em Prudentópolis, diversos elementos de identificação já não são suficientes para definir uma identidade étnica específica, principalmente se levarmos em consideração que esses elementos são: tipo físico (pode parecer descendente de ucraniano e ser descendente de polonês), a língua (ser descendente de ucraniano e não falar a língua; ou não ser descendente e falar a língua ucraniana fluentemente), gestos (já adquiridos por diferentes grupos), músicas e danças (conhecidas e entoadas por indivíduos antes considerados como *outros*), contos, "causos" e crendices (descritas e disseminadas entre a comunidade).

O que permanece não são os elementos que mais diferenciam um grupo de outro (ritos matrimoniais, língua, mitos fundacionais), mas aqueles que foram adquiridos e assimilados através do contato e da integração. O que poderia ser definido como uma resistência à homogeneização é na verdade componente da nova forma de se reconhecer.

Nas festas populares ocorridas em Prudentópolis podemos encontrar essas formas de representações que acabam se mostrando como aporte do tradicional e da fronteira, mas que na prática se estabelecem como ponto de sociabilidade e de integração.

As principais festas ocorridas em Prudentópolis ainda seguem o calendário religioso. São divididas em festas pascais, natalinas e matrimoniais, porém, destacam-se também as festas religiosas em devoção aos santos padroeiros de Prudentópolis[96]. Dentre as mais tradicionais festas religiosas estão: a de São João Batista (descendentes de poloneses), a de São Josafat (ucranianos), e a de Nossa Senhora das Graças (brasileiros).

Durante a Páscoa, por exemplo, enquanto alguns estavam nos preparativos da haílka, agora também agregadora, outros estavam terminando de pintar as pêssankas[97]. Elas são outro elemento do quadro representativo

[96] Oficialmente Prudentópolis tem dois padroeiros – São Josafat e São João Batista - tendo então dois feriados municipais.

[97] A palavra PÊSSANKA deriva do verbo ucraniano PESSATI, que significa escrever. Podemos dizer, então, que pêssankas são "ovos escritos" ou "poemas imagéticos". Cada traço, figura e cor das pêssankas tem um significado especial. (STEFFEN, 2007: p. 03)

que é reconhecido pelos prudentopolitanos. A *pêssanka* é definida como o resultado da arte de colorir ovos pascais e advém do paganismo, quando o povo eslavo acredita que no ovo poderiam ser encontrados espíritos e dons-riquezas[98].

A tradição de colorir ovos[99] é forte entre os ucranianos em Prudentópolis e geralmente é feita durante a Quaresma, tempo que antecede às comemorações pascais. As pêssankas simbolizam a Ressurreição de Cristo e representam o espírito de amizade, cordialidade, amor e admiração, visto que, depois de pintadas e abençoadas as pêssankas serão presentes a amigos e familiares.

As Pêssankas têm diferentes cores e diferentes desenhos, cada qual com seu significado próprio e que simbolizam diferentes desejos e anseios.

1 – Símbolos de plantas:

- Flores – simbolizam o amor, caridade e boa vontade;
- girassol – calor dos raios do sol;
- rosas – amor e delicadeza;

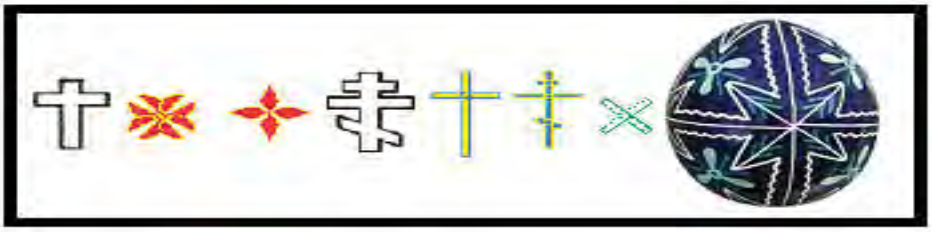
- árvores que não morrem de geada (macieira e folhas de carvalho), simbolizam juventude eterna e saúde;

[98] Informação retirada da apostila elaborada pelo Padre Tarcísio Zaluski, s/d.
[99] Anexo III

2 – Símbolos geométricos:

- o sol e as estrelas – vida, boa colheita e fortuna;

- diversas formas de cruzes – vitória de Cristo sobre a morte;



- faixas desenhadas em torno de ovo – vida eterna;

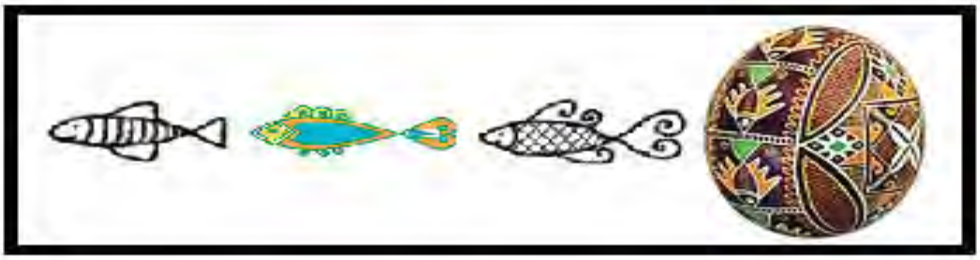
- triângulo – ar, fogo e água;

- céu, terra e inferno, sol trovão e calmaria – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo;
- os pontos e as gotas – lágrimas da Mãe de Deus;

3 – Animais:

- pombo, galinha e galo – fertilidade;

- peixe – cristianismo;



- cavalo, cervo – riqueza e saúde[100].

Cada signo tem o seu significado, simbolizando os desejos de quem os fabrica em relação a quem os recebe e, como tal funciona como representação da crença e da religiosidade. A arte de pintar pêssankas ainda é dom de poucas pessoas, porém, o costume de presentear amigos, familiares e conhecidos se tornou prática entre os habitantes de Prudentópolis.

As festas populares mostram que todo espaço ou lugar possui uma significação que constitui fronteiras identitárias. Mesmo a integração constitui

[100] SILVA, Irajá Luiz da. **Terra das Cachoeiras Gigantes – Curso de Condutores de Grupos de Turismo Especializados em Atrativos Locais.** Prudentópolis: Gráfica do SENAC, 2001. Adaptado pelo autor.

fronteiras e é através dessas definições que a noção de pertencimento é construída, pois busca elementos cotidianos para estabelecer as novas percepções sobre “outro”.

Assim, as festas populares em homenagem aos padroeiros do município de Prudentópolis acabam por definir, em graus variáveis, o prudentopolitano. Como práticas exercidas pelo grupo as festas se tornam referências para a construção da integração e da criação de novas fronteiras. As festas populares (religiosas, por exemplo) conseguem abarcar as práticas simbolizadas no artesanato, na música, na dança e nas celebrações, e, como espaço de sociabilidade estabelece o local de novas lutas simbólicas que constituem um verdadeiro jogo de aparência.

Nas festas religiosas são percebidas as realizações sociais que traduzem a linguagem de determinado grupo.

> As festas populares expressam as formas identitárias de grupos locais, onde o motivo do encontro, de fé ou simplesmente de celebrar atrai e identifica a devotos e indivíduos de mesma identidade. (...) no caso específico das festas populares sua realização forma a expressão simbólica mais fiel da vida social de uma comunidade. (RIBEIRO, 2004: p. 49)

Dessa maneira, os principais locais de sociabilidade que caracterizam a integração estão presentes nas festas em homenagem aos padroeiros da cidade. No que se refere a Prudentópolis as festas populares se tornaram manifestações culturais realizadas nas praças das igrejas e mesmo possuindo características únicas, acabam sendo reconhecidas como parte do ser prudentopolitano e, associadas à religiosidade, auxiliaram na constituição das novas fronteiras, pautadas na vida cotidiana.

> Como regra geral, as festas populares devem ser preparadas, custeadas, planejadas, organizadas e montadas segundo regras peculiares a cada comunidade e que correspondem a um conjunto de atividades mais ou menos tradicionais, ritualísticas e formalizadas, com uma ideologia que comporta um conjunto de símbolos, valores e crenças que são repetidos pela festa. (CAPONERO, 2010: p. 104)

As festas supracitadas são realizadas nos dias 12 de novembro e 24 de junho e, além das celebrações litúrgicas distribuídas em novenas, ocorrem festejos que sucedem à missa. Torna-se difícil atribuir ações identitárias durante as festas. A festa de São Josafat, por exemplo, antes dotada de simbologia agora se assemelha a diversas outras festividades da região.

> a maioria das festas que atualmente ocorre no país tem caráter religioso, algumas tiveram sua origem no século XVIII, onde a simbologia da festa justificava ou explicava a crença e a devoção aos santos, mas possuem outros aspectos que vão além da fé, pois os componentes estruturais acabam se extinguindo com o passar do tempo dando lugar a outros, indicando mudanças ao longo do tempo e transformando-as em festas religiosas e profanas simultaneamente. Dessa forma, a caracterização de uma determinada festa nem sempre permanece constante. (CAPONERO, 2010: p. 101)

Mesmo o apego a algumas representações coletivas não serve mais como fronteira, pois elas são agora agregadoras. Reconhecer descendentes de ucranianos só é possível por aqueles que conhecem a dinâmica do local: dançar kolomeika, todos dançam; saudações em ucranianos, todos sabem; comidas típicas, todos consomem.

Porém, não podemos esperar que os grupos étnicos sempre vistos como diferentes reconheçam de forma consciente uma identidade (re)formulada pela integração. Durante as festas sempre escapam frases do tipo:

- “Tinha que ser ucrâino”;

  ou então

- “Isso é coisa de negro”;

> A dinâmica do processo de assimilação seria explicada em dois sentidos: o primeiro quando os imigrantes se aproximam dos padrões socioculturais e conjugais da sociedade receptora, o segundo em sentido contrário, quando a marginalização e a discriminação são elementos comuns. (MENDES, 2010: p. 30)

Essas desavenças dificilmente vão desaparecer, pois são elementos da constante negociação pela hegemonia de uma identidade em constante transformação. Não é porque entendemos que uma nova identidade (prudentopolitana) é criada que o processo de negociação desaparece. Como afirmado anteriormente, as fronteiras são dinâmicas e formulam novas formas de diferenciação.

A festa em homenagem a São João Batista se tornou a mais tradicional na sede do município de Prudentópolis, provavelmente em decorrência ao processo de integração mais acentuado dos poloneses e *brasileiros*, pois a maioria da população de descendência ucraniana mora na zona rural do município. Essa festa, assim como a em homenagem a São Josafat, também mantém-se como local de sociabilidade, visto que o espaço da festa é comum a todos os integrantes, sem nenhuma forma de hostilidade.

> As festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o momento da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal. (IKEDA, 2008: p. 207)

No período das duas festas (junho e novembro) as novenas e festejos são patrocinados pelos *noveneiros* da noite. Tanto numa quanto em outra festa esses *noveneiros* são comerciantes locais que, diferentemente de um passado recente, são das mais diversas origens. Comerciantes descendentes de ucranianos patrocinam a festa em homenagem a São João Batista assim como os demais patrocina a de São Josafat.

Essas festas ainda podem ser vistas como elementos formadores de fronteiras, mas não entre os diferentes grupos étnicos que agora se reconhecem como prudentopolitanos. As festas populares em homenagem aos santos padroeiros de Prudentópolis são consideradas como locais de

sociabilidade. Elas integram os antes vistos como diferentes, mas que agora veem nas festas elementos formados através de suas atividades cotidianas.

Assim, os fazeres cotidianos tomam outras proporções em dias de festas, mas continuam a representar uma comunidade: a prudentopolitana. Essa nova identidade é caracterizada pela forma como os prudentopolitanos reagem ao contato com diferentes grupos ou indivíduos que visitam o município. As fronteiras são alargadas e a discussão parte ao macro: Qual é a identidade do paranaense?

CONCLUSÃO

A historiografia das últimas décadas e as diversas formas de construções do conhecimento empírico favoreceram a análise de processos históricos antes considerados de menor relevância para o entendimento da natureza das sociedades. A diversificação temática enriqueceu os estudos históricos incorporando novos campos de reflexão àqueles considerados esgotados. Desse modo, o cotidiano, os fazeres domésticos, usos e costumes, representações coletivas e o imaginário social de uma comunidade pacata como a de Prudentópolis-PR tem uma dimensão nova para a História.

Através de monografias, dissertações e teses que estabelecem o renovado olhar sobre a sociedade prudentopolitana foi possível dialogar com a historiografia local. Foram estas que em graus variáveis estabeleceram a forma como os detentores do poder político local viram o estabelecimento da construção de uma nova identidade, pautada nos fatos e vultos históricos de imigrantes e locais. Foram os folhetins, jornais e as cartilhas que estabeleceram outras formas de vislumbrar os acontecimentos cotidianos, confrontando fontes antes legítimas.

A construção de um novo olhar sobre um aspecto tão conservador instituiu a desconfiança daqueles que tendem a manter a forma consagrada e tradicional de se reconhecer. Com isso, algumas situações dificultaram o acesso a todo o material que este trabalho exigia. O objetivo dessa tese foi incansavelmente discutido com responsáveis pelo acesso aos documentos, referências e opiniões. Os questionamentos rondavam essa pesquisa: Por que você quer isso? Por que você precisa disso? O que você vai fazer com isso?

Parecia que os responsáveis pelos documentos eram guardiões de uma verdade que não poderia ser conhecida e de modo geral era assim que agiam. Era como se um estrangeiro viesse solapar a receita de uma sociedade perfeita e a substituísse por uma fórmula de destruição do tradicional.

Dependendo da resposta aos questionamentos acima citados as portas se fechavam, nada mais se retirava, nada mais se respondia, nada mais era compartilhado. O acesso aos livros de casamentos da Paróquia São Josafat, por exemplo, foi uma verdadeira campanha de solidariedade. Toda visita era

acompanhada por alguém que tivesse o mínimo de conhecimento das regras de convivência dos ucranianos, como se a frase *SLAVA ISSUSSU HRESTU* fosse a chave de acesso aos documentos de domínio público. Com a peregrinação diária o acesso foi liberado (de forma restrita é claro) muito mais pelo cansaço das negativas do que pela simpatia pela construção do conhecimento.

Aliado a esse problema de pesquisa estava o fator de pertencimento. Não poderia deixa de registrar minha naturalidade prudentopolitana. A tarefa de pesquisar o meio em que vivi mais da metade de minha vida foi esgotante enquanto historiador. O meu posicionamento (o mais imparcial possível) desagradava qualquer limite dos grupos étnicos. Se meu discurso tende-se a macular a cultura ucraniana seria porque enquanto "brasileiro" estava marginalizando o "outro". Se ao contrário, o meu discurso preconizasse o ucraniano seria porque já integrado via os padrões culturais de dentro do grupo prudentopolitano, por isso conivente.

Porém, a pesquisa realizou-se e traz algumas afirmações às hipóteses antes levantadas.

Remontando o essencial sobre a temática percebemos que o imaginário coletivo prudentopolitano é o resultado das transformações imagéticas de três grupos vistos como distintos (anterior ao processo migratório): o imaginário ucraniano repleto de desconfianças geradas pelas situações de subjugo ocorrido ainda no continente europeu e que caracterizou as formas de convivência desse grupo; o imaginário polonês que mesmo contendo características semelhantes ao ucraniano (território, idioma, economia), constituiu-se através da desavença com o "outro" ucraniano (poderíamos inverter essa explanação que mesmo assim caberiam para cada grupo); e a *brasileira* constituída pelas noções de pertencimento nacional do Império e da República brasileira.

Ucranianos não deixaram de ser ucranianos somente pelo desapego às suas terras. Poloneses não abandonam suas formas tradicionais apenas pelo abandono de seu território. Por isso trazem consigo toda carga imagética que vai caracterizar os imigrantes em terras prudentopolitanas. O contato tornou-se fundamental para definir os novos padrões identitários. Não foi somente o fato de ser ucraniano que definiu sua identidade, mas o fato de ser ucraniano em

terras prudentopolitanas e em contato direto com poloneses e “brasileiros” (qualquer inversão de posições pode ser aceita).

Através de seu arcabouço cultural os imigrantes buscaram afirmar as próprias representações coletivas, enquanto outras são tomadas como exógenas e são marginalizadas sendo que num primeiro momento não foram assimiláveis.

Os condicionantes da imigração (cenário geográfico, lutas hegemônicas, jugo e subjugo, mão-de-obra *versus* terra, políticas de desapropriação, falência do campesinato, alta densidade demográfica) constituíram as bases fundamentais para a construção do imaginário daqueles que se tornariam imigrantes. As inspirações dos levantes cossacos admiravam e entusiasmavam os descendentes que pautavam sua vivência pela ancestralidade.

Um mundo novo se apresentou. Um Brasil cheio de oportunidade com um cenário geográfico paradisíaco, lutas hegemônicas desconhecidas, subjugo inexistente, terras abundantes, falta de mão-de-obra, baixa densidade demográfica. Unia-se a fome e a vontade de comer. Os discursos dos agentes de imigração e as promessas do governo brasileiro criavam no imaginário do imigrante a imagem do *Paraíso das delícias* como afirmou Andreazza (1999).

Aliado a isso, o deslocamento em massa de indivíduos e famílias e as políticas imigratórias brasileiras foram responsáveis pela alocação desses grupos num pequeno espaço territorial chamado Prudentópolis.

As desavenças, no caso de ucranianos e poloneses, eram anteriores ao processo de imigração e foram formadas por fissão e não por fusão. Elas foram reavivadas em um novo país que não era reconhecido nem como Ucrânia e nem como Polônia. As lutas identitárias se deram em um novo cenário: uma realidade alheia e hostil chamada Prudentópolis.

Lugar pacato de baixa densidade demográfica, na pequena vila de São João do Rio Claro, que se tornou Prudentópolis, também existiam lutas pela hegemonia local, pois sertanejos e indígenas já determinavam o ritmo do lugar. Um ritmo desacelerado regia o tempo dos viventes e esse ritmo foi modificado com a chegada dos imigrantes que tornaram Prudentópolis, local de luta simbólica pela hegemonia dos padrões culturais constituidores da identidade local.

Cada qual utilizou de suas armas. Ucranianos em maior densidade demográfica usavam e abusavam de suas representações coletivas como legitimadoras do arcabouço cultural trazido do além-mar. Poloneses e "brasileiros" usufruíam dos benefícios adquiridos pela organização política patrocinada por grandes proprietários e políticos da região (geralmente eram as mesmas pessoas).

As diferenças formam jogadas à mesa e cabia a cada grupo legitimar a hegemonia que protestavam. As fronteiras foram formadas e em vez de tijolos o muro que separava os grupos continha usos, fazeres domésticos, língua, músicas, danças, gastronomia, artesanato, festas, ritos. No caso de ucranianos e poloneses esse muro continha o mesmo material, mas mesmo assim os separava.

O tempo passou e cada década sobrepunha a outra. O imaginário ucraniano e polonês não cabia mais em sua totalidade no já não tão novo país. As desavenças do além-mar não ficaram numa memória remota, ainda permaneciam as desavenças do contato, agora em novas terras. Cabia delimitar os espaços e negociar novos limites, pois uma nova identidade estava sendo formada. Nesse espaço de luta simbólica cada grupo ocupava um lugar, porém uns requeriam mais espaços do que outros.

Nesse local de ritualização do poder os descendentes de ucranianos parecem ter sido os que melhor e mais profundamente conseguiram resguardar os valores culturais de seus antepassados, isto é, dos imigrantes propriamente ditos. Esse fator ao mesmo tempo em que estabeleceu uma fronteira entre os grupos – um "dentro" e um "fora" – possibilitou também a *delinquência* – no sentido de Michel de Certeau[101] –, ou seja, o rompimento dos velhos e rígidos costumes cultuados apenas intra-etnia para uma forma de cruzamentos extra-étnicos – poloneses, ucranianos, caboclos e brasileiros propriamente ditos –, quer dizer, da mistura e miscigenação cultural, ainda que com uma suposta predominância da tradição ucraniana. É nos *lugares praticados*: no entrecruzamento das pessoas na rua, na calçada, na missa, nas lojas, nos enterros de conhecidos, nos casamentos interétnicos e em tantos outros locais de práticas de relações cotidianas que se construiram (e se destruiram antigas)

[101] Cf. CERTEAU. M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 16ª edição. Petrópolis-RJ, 2009: pp. 197-198.

novas formas de entrecruzamentos culturais, numa palavra: a destruição de antigas fronteiras e a construção de novas.

Falar sobre o suposto domínio das normas e condutas impostas pelos ucranianos e seus descendentes seria, enfim, aceitar que os outros grupos assimilaram atônitos os usos e costumes do grupo majoritário. Das possibilidades possíveis apontamos para a não existência de uma identidade cristalizada em Prudentópolis. Apontar uma identidade hegemônica também não é possível, pois mesmos havendo uma superioridade da carga cultural ucraniana na construção da identidade prudentopolitana ela só foi possível através do contato com descendentes de poloneses e *brasileiros*. Por isso as considerações aqui apresentadas não podem ser tomadas como conclusões, mas como índices para novos olhares sobre a sociedade prudentopolitana.

Dentro dos discursos constituídos pela historiografia local, a ideia é de que a fronteira étnica em Prudentópolis ainda está definida e é possível vislumbrar os três grupos étnicos predominantes. Seria um exagero generalizar essa situação, visto que isso é parte de um processo dinâmico que tende a integrar as identidades formando uma nova. Através do apego aos vícios de linguagem e fazeres costumeiros, percebe-se que as representações coletivas tradicionais deixaram de ser exclusividade de alguns grupos e acabaram por se transformar em traços da comunidade prudentopolitana.

Assim, a constituição da identidade prudentopolitana teve como base a negociação das identidades ucranianas, polonesas e “brasileiras”, sendo que a negociação da identidade pode ser compreendida como mecanismo que define os padrões de uma nova identidade, formada a partir da apropriação de padrões culturais distintos e que paulatinamente formam um novo tipo ideal.

Sobretudo, parece-nos realmente que em Prudentópolis a prática cotidiana levou à destruição das antigas identidades étnicas isoladas, fechadas em si, para criar uma grande identidade coletiva, um imaginário social onde, não sem conflitos, se estabeleceu uma nova identidade, imaginada e praticada, do povo de Prudentópolis.

Este convívio interétnico na cidade de Prudentópolis, no entanto, ao mesmo tempo que privilegiou os ucranianos em função de seu número e ancestralidade na região, pois foram os primeiros imigrantes a chegar no local e se apossar das melhores terras, possibilitou a mistura étnica e a consequente

miscigenação populacional. Isso acarretou – e é aqui que cremos estar o cerne de nosso trabalho – o entrecruzamento cultural das várias tradições e o surgimento de uma nova cultura, não mais ucraniana, polonesa ou cabocla, mas uma cultura que agregou elementos de todas elas, possibilitando uma simbiose cultural e formando uma nova identidade no município, a qual identifica tanto agricultores quanto citadinos: a *identidade prudentopolitana*.

Não somente o acesso aos registros de casamentos foi dificultoso nesse trabalho. A leitura e análise das informações neles contidas também foram exaustivas e enigmáticas. Antes de indicar os níveis de endogamia e exogamia era necessário reconhecer entre os sobrenomes dos nubentes a nacionalidade e/ou sua descendência, resultados esses que certamente não são definitivos, pois não são definidos com exatidão.

Essa impossibilidade se deve ao fato de que nem sempre um sobrenome polonês indicava uma nacionalidade polonesa, sendo a mesma situação aceita para ucranianos. Lembramos, pelo processo migratório, que o número de imigrantes ucranianos que chegaram a Prudentópolis é impossível de ser tratado com exatidão justamente porque muitos entraram no Brasil como poloneses, austríacos e russos. Porém, mesmo com sobrenome polonês o ucraniano se reconhecia enquanto ucraniano e dessa forma deve ser analisado. Além de confiar (parcialmente) nas informações registradas nos livros de casamento, foi necessária uma releitura do material por parte de pessoas ligadas aos grupos étnicos e que retiravam ou incluíam indivíduos antes vistos como pertencentes a determinado grupo. Através de uma análise genealógica algumas lacunas foram preenchidas.

Percebeu-se que os níveis de endogamia e exogamia registrados nos livros de casamento da Paróquia São Josafat e São João Batista são efetivamente díspares. Ficou evidente que *brasileiros* e poloneses mantiveram durante o primeiro século pós-migração, casamentos fora de seu grupo étnico com demasiada frequência, indicando que existia uma certa mobilidade étnica. Já na primeira década do século XX o número de casamentos interétnicos ultrapassava 40% do total de casamentos. Esse número mantinha certa regularidade até que a partir de meados dos séculos XX ultrapassava os 50% do total. Desde o início casavam-se: brasileiros e poloneses, poloneses e ucranianos, ucranianos e brasileiros, sendo que em diversos anos o índice de

casamentos interétnicos se aproximaram dos 70% dos casamentos nas igrejas latinas.

Entre ucranianos o mesmo não ocorreu. Até o ano de 1950 somente em duas ocasiões o número de casamentos interétnicos alcançou a marca de 10% do total, sendo que na maioria dos anos o índice ficou muito abaixo desse percentual. Os níveis apresentados sempre se mantiveram abaixo dos 30% e apenas nas últimas décadas do século XX os números se aproximaram do percentual registrado nos anos 20 na comunidade não ucraniana.

É de se esperar encontrar diferentes níveis de exogamia entre grupos distintos. Significa que a negociação está ocorrendo e que as instituições (nesse caso a igreja e a família ucraniana) agiram e estão agindo de forma contundente para a legitimação de seus valores.

A hipótese é que os níveis maiores de endogamia entre ucranianos aliados à forma de manutenção de sua tradicionalidade (ritos, arranjos familiares, religiosidade) foram os responsáveis por conduzir as representações coletivas destes como formadoras do imaginário prudentopolitano, sendo este muitas vezes confundido com o imaginário ucraniano.

Porém, em situações de ordem prática, percebe-se que algumas representações que diferenciavam os grupos étnicos em Prudentópolis passaram, através do século XX, a representar a comunidade prudentopolitana. Dentro do processo de negociação elas foram *escolhidas* para constituir a nova identidade.

Elas estão relacionadas às festividades que ocorrem onde e quando os grupos conseguem externar suas representações coletivas, passando novamente pela primeira forma de adaptação citada por Poutignat: a competição. Essa competição não define mais apenas os ucranianos, mas o prudentopolitano. Os fazeres domésticos, usos e costumes que antes delimitava a fronteira entre ucranianos, poloneses e *brasileiros*, agora delimita a fronteira entre prudentopolitanos e seus vizinhos: iratienses, guarapuavanos, pontagrossenses.

Nesse sentido, pensa-se na festa não apenas como um ritual passado, no qual são imprescindíveis não só a contextualização histórica e os principais aspectos culturais da cidade, mas também o seu entrelaçamento com a história contemporânea, com a cultura massificadora da modernidade globalizada e

com o turismo de massa que atraem milhares de pessoas interessadas na riqueza religiosa, cultural ou histórica do país, ou apenas interessadas em divertimento.

O processo de integração determina que cada grupo étnico antes distinto permaneça em contínuo reajustamento e adaptação. Com isso não podemos afirmar que determinado grupo está somente perdendo elementos culturais demarcatórios, mas que também está adquirindo elementos novos que redefinem suas fronteiras. A integração étnica cria uma nova rede de laços pautada na negociação das identidades.

Não podemos, então, deixar de citar um fenômeno global. As crises identitárias assolam comunidades no mundo inteiro e o processo de resistência à homogeneização cultural faz com que grupos considerados tradicionais se apeguem à sua ancestralidade. As crises identitárias citadas por Hall (2003) também assolam a comunidade prudentopolitana que, fugindo da discussão em escala reduzida, faz parte de um mundo em (des)construção.

Dessa maneira, é apoiando em seu passado que o prudentopolitano define suas novas fronteiras, por isso afirmamos que ele negociou sua identidade com as identidades imigrantes. Os fragmentos desse passado prudentopolitano estão presentes nas edificações, nos espaços, nas ruas, nos saberes e fazeres da população e são importantes elementos para o conhecimento das relações sociais que constituíram a integração da comunidade prudentopolitana. São esses fragmentos que cotidianamente ativam a memória local e reavivam conflitos identitários antigos. Por meio de imagens projetadas no imaginário local esses conflitos retomam o percurso em que o passado é somado ao presente e é reinterpretado.

BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Alcioly Therezinha Gruber de. **A posse e o uso da terra: modernização agropecuária de Guarapuava.** Editora Paraná Memória Momento, Curitiba, 1986.

ABREU FILHO, Ovídio de. **Parentesco e Identidade Social.** Anuário Antropológico. Rio de Janeiro, 1981.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: FGV, 1989.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. **Caras e modos dos migrantes e imigrantes.** In: NOVAIS, Fernando A (coord.). **História da Vida Privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **O Paraíso das Delícias: um estudo da imigração ucraniana –1895-1995.** Curitiba. Aos Quatro Ventos, 1999.

BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação social.** Enciclopédia Einaudi (ed. Portuguesa), Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1985.

BALHANA, Altiva Pilati. **Política imigratória no Brasil, antes e após a proclamação da República.** In: WESTPHALEN, Cecília e BALHANA, Altiva. Revoluções e Conferências. Curitiba: SBPH-PR, 1989.

BARTH, Fredrik. ***"Grupos étnicos e suas fronteiras".*** In: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

BORUSZENKO, Oksana. **Os ucranianos.** 2ª Ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.22. 1995.

_____. **Imigração Ucraniana no Paraná.** In: Anais do VI Simpósio História. Porto Alegre, 1969.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico** 3ª Edição. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BURGUIÈRE, André. **História da família.** Lisboa: Terramar, 1996.

BURKO, Pe. Valdomiro. **A imigração Ucraniana no Brasil.** Padres Brasilianos. Curitiba, 1963.

CABRAL, Beatriz A. **O diferente em cena: integração ou interação?** Florianópolis: Ponto de Vista, 2004

CAMARGO, Affonso Alves de. **Homenagem do município de Prudentópolis.** Prudentópolis, 1929.

CAPONERO, Maria Cristina. LEITE Edson Patrimônio: **Lazer & Turismo**. Santos: Universidade Católica de Santos, 2010

CARVALHO, Cosme Pinto. **Contos: Os que não vi me contaram.** Gráfica Planeta Ltda. Prudentópolis. 1994.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados.n.11,v.5,1991

_____. **A História Cultural: Entre práticas e Representações.** Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEWTCHENKO, Tarás. **Obras escolhidas – Poesias y Prosa.** Editorial Progresso, 1966

COSTA, Carolina de Souza. **Pirâmide da Solidão ou Pirâmide dos Não-Casados? Cor e estado conjugal na terceira idade no Brasil**. Ouro Preto: UFMG/Cedeplar, 2002.

CZAIKOWSKI, Mariano. **Tarás Chewtchenko, o poeta da Ucrânia.** Curitiba: Sociedade dos Amigos da Ucrânia, 1999

DARNTON, R. **O Grande massacre dos gatos. E outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986

DAUMARD, Adeline. **História social do Brasil: teoria e metodologia.** Curitiba: UFPR, 1984

DI GIANNI, Tércio. **Etnicidade e fortuna: estratégia dos italianos de boa estrela radicados em Franca a partir da Grande migração.** Dissertação. São Paulo: UNESP, 1996.

DREHER, Martin. **O fenômeno imigratório alemão para o Brasil.** Estudos Leopoldenses, vol. 31, nº 142.1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral.** São Paulo. Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso.** São Paulo. Martins Fontes, 1991.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **Ethnicity & Nationalism**. Anthropological Perpectives. London, Pluto Press. 1993

FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social.** Teorema. Lisboa 1992.

FAUSTO, Boris. **Negócios e Ócios. História da Imigração.** São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

FRANCÓ, Ivan. **Para o Brasil.** Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraína, 1981.

GARDASZ, Cristina e GOMES, Noeli. **Prudentópolis:** Cultura, História e Turismo. Prudentópolis: Departamento de Cultura, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro : LTC Editora, 1989.

GERTZ, René Ernaini. **RS: Imigração e colonização.** 2ª. Ed. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

GOMES, Neonila Demczuk. **Prudentópolis, sua terra e sua gente**. Prudentópolis. 1972.

GOMES, Andréia e POLAK, Avanilde. **Prácia: identidade e memória.** Maringá: UEM, 2008

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**/ Carlo Ginzburg; tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no estado do Paraná.** Tese. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007

GUIL, Chico. FARAL, Audrey. FERNANDES, Josué Correa. **Prudentópolis 100 anos.** Prudentópolis: Artheiros, 2006

GUTIERREZ, Horácio. **A estrutura fundiária no Paraná antes da imigração.** Franca: UNESP, 2001

HANICZ, Teodoro. **Religião, rito e identidade.** PUC. São Paulo, 1996

HAURESKO, Cecília. **Organização sócio-espacial das famílias de ucraíno-brasileiros em comunidades rurais do município de Prudentópolis –PR.** Guarapuava: Guairacá, 2002

HALBWACHS**,** Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro. Dp&A, 2000.

HOBSBAWM, E; RANGER, T. (orgs)**. A invençao das tradições:** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

HORBATIUK, Paulo. **Imigração ucraniana no Paraná.** 1ª ed. UNIPORTO. Porto União, 1989.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. Celebrações populares: do sagrado ao profano. In: CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA. ***Terra Paulista: Histórias, artes, costumes*****,** São Paulo: Imprensa Oficial, 2008

IVANCHICHEN, Claudete. **"A imigração ucraniana", da Ucrânia a Prudentópolis-Pr.** Unipar. Cascavel-Pr, 2002.

IVANSKI, Edivete Maria. **Os primeiros guarapuavanos de origem ucraniana.** Unicentro. Guarapuava–Pr, 1999.

JACUMASSO, Tadinei. **Diversidade linguística, cultural e políticas:** Estudo de uma comunidade ucraniana de Irati – PR. Dissertação. Cascavel: UNIOESTE, 2009

KLEIN, Herbert S. **Migração Internacional na História das Américas.** In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América.** 2ª Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000

KLIEMANN, Luiza H. S. RS: **terra e poder – história da questão agrária.** Porto Alegre: Mercado Aberto. 1986

KLOBUKOWSKI, Estanislau. 1898. **Recordações de Viagem.** Curitiba: Imprensa Oficial, 2007

KOKUZKA, Pedro Martin. **Nos rastros dos imigrantes poloneses.** Curitiba: Gráfica Arins, 2001

KORCZAGIN, Elvira. **Colonização prudentopolitana.** Gráfica Planeta Ltda: Prudentópolis. 1998

KROKOSZ, F. **Um raio X da Raça Ucraniana.** Curitiba: Apostila, 1995

KUSMA, Rita. **Ritos tradicionais de casamento nas comunidades ucranianas do interior de Prudentópolis: 1920-1930.** Unicentro. Guarapuava – Pr, 2002

LAKATOS,Eva Maria. **Sociologia Geral.** 5ª ed. Editora Globo. Porto Alegre, 1970

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros passos, 1997

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura. Um conceito antropológico.** Zahar. Rio de Janeiro, 1993

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2001

LÉVI, Geovanni. **A Herança Imaterial.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000

LEWKOWICZ, Ida. **Vida em Família: Caminhos da Igualdade em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX).** Tese. São Paulo: USP, 1992

LUBACHEVSKI, Jorge. **Cultura e planejamento urbano:** reflexões acerca de Prudentópolis-PR. Dissertação. Ponta Grossa: UEPG,2005

MAESTRI, Mário. **Os senhores da serra: a colonização italiana do Rio Grande do Sul 1875-1914.** 2ª Ed. Paso Fundo: UPF, 2001

MARTINS, Romário. **História do Paraná.** Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1937

_____. **Quantos somos e quem somos Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná.** Empresa Gráfica Paranaense. Curitiba, 1995

MALERBA, Jurandir. **Os brancos da lei:** liberalismo, escravidão e mentalidade patriarcal no Império do Brasil. Maringá: EDUEM, 1994

MARTENOVETKO, Juliane. **Representações sobre a morte dos descendentes de ucranianos no município de Prudentópolis de 1980 a 2000.** Irati: UNICENTRO, 2009

MAURO, Frédéric. **História Econômica Mundial 1790-1970.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973

MICHALICHEN, Teófilo. **A igreja Ucraniana durante o regime comunista 1917 -1989.** Curitiba, Studium Theologicum, 2001

MIKA, Lourenço. **Casamento Polonês.** Curitiba: Etnias, 2003

OLIVEIRA. Roberto Cardoso de. . **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & IdentidadeNacional.** São Paulo, Brasiliense. 2ª ed. 1986

OZAN, María Elena Rodrígues. **El imigrante europeo: 1839-1930.** In. ZEA, Leopoldo. **América Latina em sus ideas.** 1ª ed. México: Século XXI, 1986

PASTUCH, Agostinho. **Ucranianos em Prudentópolis**. Prudentópolis. 1998

PATLAGEAN, Evelyne. **A história do Imaginário.** In: GOFF, Le. A Nova História. São Paulo 1994

PEREIRA, Gaspar Martins. **Famílias Portuenses na viragem do século (1880-1910).** Porto: Edições Afrontamento, 1995

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **500 anos de América: imaginário e utopia.** Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 1992

PIMENTEL, Gláucia Meister. **Esses maravilhosos imigrantes, nossos avós...**. Tuiuti-Pr. Curitiba,1998

POCZENCK, Eugênia. **Linha Esperança: o ontem e o hoje.** Linha Esperança: Relatório, 1998

POUTIGNAT, Philippe.**Teorias da Etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora UNESP, 1998

PRZYGOCKI, Janaína Stremel. **O Jornal Prácia na comunidade de Prudentópolis:** Uma análise das notas de falecimento. TCC. Prudentópolis: Unicentro, 2007

QUEIROZ, M. **O campesinato Brasileiro:** Ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. São Paulo: Vozes, 1973

RAMOS, Odinei Fabiano. **Prudentópolis: contos, causos e símbolos.** Unicentro. Guarapuava 2003.

RANGEL, Ana Paula. **Nos limites da escolha: Matrimônio e família entre escravos e forros termo de Barbacema – 1781-1821.** Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008

REVEL, Jacques (org) **Jogos de Escalas.** Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998

RIBEIRO, Marcelo. **Festas populares e turismo cultural – inserir e valorizar ou esquecer? O caso do Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul.** Islas Canarias: Universidade de La Laguna, 2004

ROCHA – TRINDADE, Maria Beatriz. **A Emigração Portuguesa no Quadro das Migrações Internacionais**. In: Sociologia das Migrações. Lisboa: Universidade Aberta, 1995

SALA, Umberto. **Emigração italiana no Brasil (1925).** Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2005

SAMARA, Eni de Mesquita. **Família e grupos de convívio.** São Paulo: ANPUH, 1989

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da Alteridade.** Universidade de São Paulo, 1998

SCHNEIDER, Cionara. **Os rituais do Ciclo Natalino. A identidade renovada entre os camponeses ucraíno-brasleiros.** UNB. Brasília, 2002

SELANSKI, Wira. **Antologia da Literatura Ucraniana do seus princípios atpen1950.** Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1977

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003

SEYFERTH, Giralda. **Imigração, Colonização e Identidade Étnica.** Revista de Antropologia, São Paulo, nº 29, 1986

SILVA, Henrique M. **Os imigrantes da Letônia no oeste paulista:** adaptação pioneira e construção de uma comunidade histórica e imaginária em terras brasileiras 1922-1940. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2002.

STEFFEN, Analu. **A estética diaspórica e a dádiva das pêssankas.** Florianópolis: ANPAP, 2007

TAMANINI, Paulo Augusto. **O casamento ortodoxo ucraniano em uam comunidade étnica: entre ritos e sentidos.** Belo Horizonte: UFMG, 2010
TEDESCO. João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração.** Passo Fundo: EDUCS, 2004

_____. **Imigração e Integração cultural.** Passo Fundo:UPF editora, 2003

THOMPSON, E.P.. **Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: companhia das Letras, 1998

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**. A reflexão francesa sobre a diversidade humana. V.1. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1993

TSVIETKOV, Viacesláv. **Pequena História da Ucrânia-Ruch.** Curitiba: Eparquia São João Batista, 1994

TRUDA, F.de Leonardo. **A colonisação Allemã no rio Grande do Sul.** Typographia do Centro. Porto Alegre, 1930

WACHOWYCZ, Rui Chistovam. **História do Paraná.** Ed. Professores. Curitiba, 1967

WINHARSKI, Noeli. **Prudentópolis 1915-1950: Uma história através da memória.** Unicentro. Guarapuava 2004

WOUK, Miguel. **Estudo Etnicográfico-linguístico da Comunidade Ucraniana de Dorizon.** Editora Projeto. Curitiba, 1981

ZAWADZKI, Lídia. **O dialeto ucraniano na colônia Tijuco Preto.** Irati, 1998

ZAROSKI, Nelson Gilmar. **A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis:** 1940-1960. Gráfica Prudentópolis, 2001

ZALUSKI, Tarcísio. **Jornal da Paróquia Ucraniana.** Prudentópolis: Gráfica Prudentópolis, S/D

APÊNDICES

APÊNDICE Nº 01 - CASAMENTOS REALIZADOS EM IGREJAS LATINAS – ARQUIVOS DA PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA

ANO	TC	BRASILEIROS	POLONESES	INTERÉTNICO	%	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1895	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c
1896	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c
1897	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c
1898	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c
1899	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c
1900	23	12	5	6	26,087	6	0	6
1901	29	15	3	6	20,6897	4	2	6
1902	26	10	10	6	23,0769	5	1	6
1903	36	20	8	8	22,2222	5	1	6
1904	16	9	3	4	25	3	1	4
1905	5	2	2	1	20	2	0	2
1906	30	15	8	7	23,3333	7	3	10
1907	56	30	11	15	26,7857	11	4	15
1908	103	60	23	20	19,4175	13	7	20
1909	72	28	21	22	30,5556	14	8	22
1910	59	17	15	26	44,0678	5	5	10
1911	86	42	19	25	29,0698	14	11	25
1912	95	26	30	39	41,0526	20	19	39
1913	78	27	24	27	34,6154	17	10	27
1914	54	33	5	15	27,7778	7	8	15
1915	84	51	10	22	26,1905	10	12	22

ANO	TC	BRASILEIROS	POLONESES	INTERÉTNICO	%	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1916	66	28	12	26	39,3939	13	13	26
1917	63	32	11	20	31,746	14	6	20
1918	55	29	7	19	34,5455	12	7	19
1919	84	44	15	25	29,7619	11	14	25
1920	74	27	16	31	41,8919	16	15	31
1921	98	58	15	25	25,5102	12	13	25
1922	91	49	13	29	31,8681	14	15	29
1923	91	59	9	23	25,2747	12	11	23
1924	87	47	16	24	27,5862	14	10	24
1925	97	52	11	30	30,9278	17	13	30
1926	108	63	11	34	31,4815	17	17	34
1927	82	37	14	31	37,8049	16	15	31
1928	76	35	10	31	40,7895	20	11	31
1929	109	53	12	44	40,367	26	18	44
1930	91	32	9	40	43,956	24	16	40
1931	124	72	10	41	33,0645	20	21	41
1932	78	32	9	37	47,4359	22	15	37
1933	91	39	8	41	45,0549	23	18	41
1934	98	43	6	49	50	27	22	49
1935	116	56	8	52	44,8276	27	25	52
1936	104	46	10	48	46,1538	25	23	48
1937	124	66	6	52	41,9355	30	22	52
1938	106	44	6	56	52,8302	34	22	56

ANO	TC	BRASILEIROS	POLONESES	INTERÉTNICO	%	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1939	114	52	9	53	46,4912	29	24	53
1940	79	24	7	48	60,7595	29	19	48
1941	84	37	4	43	51,1905	26	17	43
1942	101	49	7	45	44,5545	26	19	45
1943	32	12	2	18	56,25	10	8	18
1944	98	34	8	56	57,1429	28	28	56
1945	94	38	6	52	55,3191	29	23	52
1946	122	60	9	59	48,3607	28	31	59
1947	106	45	9	52	49,0566	28	24	52
1948	77	22	6	49	63,6364	34	15	49
1949	110	44	8	58	52,7273	32	26	58
1950	105	41	2	62	59,0476	35	27	62
1951	90	38	9	43	47,7778	23	20	43
1952	88	26	12	50	56,8182	31	19	50
1953	76	26	9	41	53,9474	23	18	41
1954	112	50	10	52	46,4286	31	21	52
1955	94	31	8	55	58,5106	33	22	55
1956	116	56	12	48	41,3793	31	17	48
1957	83	26	6	51	61,4458	30	21	51
1958	96	36	6	54	56,25	30	24	54
1959	105	23	6	76	72,381	48	28	76
1960	79	28	9	42	53,1646	23	19	42
1961	82	32	8	42	51,2195	23	19	42

ANO	TC	BRASILEIROS	POLONESES	INTERÉTNICO	%	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1962	86	34	5	47	54,6512	27	20	47
1963	86	33	3	50	58,1395	26	24	50
1964	87	38	6	43	49,4253	23	20	43
1965	82	27	7	48	58,5366	30	18	48
1966	122	39	10	74	60,6557	40	34	74
1967	138	48	9	81	58,6957	48	33	81
1968	82	26	5	51	62,1951	29	22	51
1969	109	33	8	68	62,3853	39	29	68
1970	104	34	7	63	60,5769	44	19	63
1971	114	51	6	59	51,7544	33	26	59
1972	130	45	15	70	53,8462	40	30	70
1973	146	73	9	64	43,8356	39	25	64
1974	154	59	15	70	45,4545	41	29	70
1975	152	49	17	86	56,5789	58	28	86
1976	156	55	10	91	58,3333	56	35	91
1977	190	73	13	95	50	54	41	95
1978	161	56	10	94	58,3851	54	40	94
1979	189	48	13	128	67,7249	75	53	128
1980	156	43	11	102	65,3846	59	43	102
1981	185	64	11	110	59,4595	69	41	110
1982	200	55	14	121	60,5	76	45	121
1983	140	50	9	81	57,8571	49	32	81
1984	152	52	8	92	60,5263	56	36	92

ANO	TC	BRASILEIROS	POLONESES	INTERÉTNICO	%	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1985	156	42	14	100	64,1026	68	32	100
1986	151	48	10	93	61,5894	60	33	93
1987	116	33	9	74	63,7931	49	25	74
1988	150	39	15	96	64	57	39	96
1989	130	41	11	78	60	54	24	78
1990	128	37	8	83	64,8438	45	38	83
1991	130	44	6	80	61,5385	47	33	80
1992	118	37	8	73	61,8644	41	32	73
1993	122	26	6	90	73,7705	43	47	90
1994	113	46	5	62	54,8673	33	29	62
1995	116	40	9	67	57,7586	33	34	67
TOTAL	9659		INTERÉTNICO	4890	50,6264	2844	2032	4876

APÊNDICE Nº 02 - CASAMENTOS REALIZADOS EM IGREJAS UCRANIANAS – ARQUIVOS DA PARÓQUIA SÃO JOSAFAT

ANO	TC	LATINOS	INTERÉTNICO	%	H	M	TOTAL
1897	20	0	0	0	0	0	0
1898	45	0	0	0	0	0	0
1899	51	0	1	1,9608	1	0	1
1900	24	0	0	0	2	0	2
1901	30	0	0	0	0	0	0
1902	31	0	0	0	0	0	0
1903	47	0	1	2,1277	2	1	3
1904	34	0	1	2,9412	0	0	0
1905	52	0	5	9,6154	3	2	5
1906	43	0	11	25,581	2	0	2
1907	39	0	1	2,5641	0	0	0
1908	81	0	1	1,2346	1	3	4
1909	58	0	0	0	0	0	0
1910	47	0	0	0	0	0	0
1911	78	0	4	5,1282	0	0	0
1912	64	0	4	6,25	2	1	3
1913	57	0	2	3,5088	0	0	0
1914	65	0	2	3,0769	4	1	5
1915	57	0	0	0	10	1	11
1916	61	0	0	0	0	0	0
1917	71	0	1	1,4085	1	0	1

ANO	TC	LATINOS	INTERÉTNICO	%	H	M	TOTAL
1918	55	0	2	3,6364	2	1	3
1919	81	0	3	3,7037	1	2	3
1920	80	0	2	2,5	0	2	2
1921	89	0	2	2,2472	2	0	2
1922	76	0	5	6,5789	5	0	5
1923	67	0	2	2,9851	2	0	2
1924	92	0	3	3,2609	3	0	3
1925	90	0	3	3,3333	3	0	3
1926	87	0	2	2,2989	0	2	2
1927	87	0	7	8,046	1	4	5
1928	96	0	7	7,2917	0	4	4
1929	91	0	7	7,6923	4	1	5
1930	92	0	4	4,3478	1	3	4
1931	86	0	6	6,9767	1	4	5
1932	83	0	6	7,2289	2	4	6
1933	87	0	5	5,7471	0	4	4
1934	103	0	4	3,8835	5	4	9
1935	96	0	4	4,1667	2	3	5
1936	104	0	1	0,9615	2	3	5
1937	93	0	4	4,3011	1	3	4
1938	78	4	21	26,923	8	11	19
1939	116	2	7	6,0345	6	4	10
1940	92	0	4	4,3478	3	1	4

ANO	TC	LATINOS	INTERÉTNICO	%	H	M	TOTAL
1941	95	1	9	9,4737	4	7	11
1942	154	0	10	6,4935	9	4	13
1943	105	0	7	6,6667	3	2	5
1944	128	3	16	12,5	6	11	17
1945	96	0	10	10,417	2	3	5
1946	126	0	9	7,1429	1	5	6
1947	116	0	17	14,655	6	8	14
1948	112	1	10	8,9286	5	4	9
1949	97	0	8	8,2474	3	5	8
1950	91	1	9	9,8901	3	8	11
1951	85	0	2	2,3529	1	1	2
1952	114	0	5	4,386	1	6	7
1953	104	0	14	13,462	6	7	13
1954	98	0	12	12,245	4	9	13
1955	124	0	13	10,484	4	9	13
1956	115	0	8	6,9565	5	3	8
1957	114	0	13	11,404	3	8	11
1958	97	1	12	12,371	3	10	13
1959	98	1	11	11,224	6	21	27
1960	120	0	21	17,5	5	20	25
1961	113	0	12	10,619	3	9	12
1962	127	0	11	8,6614	6	7	13
1963	117	0	20	17,094	3	16	19

ANO	TC	LATINOS	INTERÉTNICO	%	H	M	TOTAL
1964	96	0	17	17,708	2	12	14
1965	124	2	22	17,742	9	11	20
1966	113	0	22	19,469	4	14	18
1967	118	0	19	16,102	4	11	15
1968	103	0	23	22,33	6	13	19
1969	119	0	20	16,807	7	10	17
1970	128	2	23	17,969	11	18	29
1971	134	1	23	17,164	13	14	27
1972	116	4	27	23,276	8	21	29
1973	137	0	28	20,438	3	23	26
1974	127	4	34	26,772	10	24	34
1975	135	0	29	21,481	12	27	39
1976	136	1	28	20,588	9	22	31
1977	135	1	26	19,259	11	20	31
1978	138	2	37	26,812	12	24	36
1979	152	8	45	29,605	13	35	48
1980	158	2	38	24,051	12	22	34
1981	182	4	41	22,527	19	41	60
1982	153	5	35	22,876	19	38	57
1983	134	1	42	31,343	18	22	40
1984	159	5	41	25,786	14	25	39
1985	175	4	63	36	21	41	62
1986	171	7	60	35,088	25	46	71

ANO	TC	LATINOS	INTERÉTNICO	%	H	M	TOTAL
1987	172	2	65	37,791	29	38	67
1988	178	4	73	41,011	31	47	78
1989	156	5	58	37,179	23	39	62
1990	126	7	54	42,857	27	28	55
1991	152	4	41	26,974	22	36	58
1992	141	9	60	42,553	28	39	67
1993	166	6	61	36,747	29	34	63
1994	163	8	65	39,877	30	40	70
1995	163	6	74	45,399	35	40	75
TOTAL	10182	118	1698	16,676	690	1127	1817

ANEXOS

ANEXO I
A comadre
(Causo Pejorativo)

Esse é mais um causo ocorrido em Prudentópolis e que é tido por todos que o contam como uma história verídica e, por isso, todos escondem os verdadeiros nomes das personagens dessa história, e só dizem que aconteceu entre famílias ucranianas. Fazem isso por um motivo que chega a ser óbvio, e isso será conferido com o desenrolar desse engraçado causo.

O fato (se fato é) ocorreu numa comunidade rural, e segundo os relatos recebidos, é de total veracidade. Estou vendendo o peixe pelo preço que comprei, sem responsabilidades, já que tenho minhas dúvidas e precauções. Vamos dar um pseudônimo aos nossos personagens.

Figuram os casais Tibúrcio e Marica, e Petruchio e Veronka. Eram compadres entre si, com é de costume do local.

Para virem até à cidade eles gastavam muitas horas, já que moravam longe da estrada principal, e tinham de caminhar várias horas e percorrer muitos quilômetros até chegar a ele, e o próprio ônibus que pegavam na “rodovia” demorava um certo tempo para chegar ao seu destino.

Estando a esposa de Tibúrcio em dieta de parto, ou de quarentena , como se diz vulgarmente, percebeu que o marido estava impaciente, nervoso, implicante e ranzinza, deu logo de dar um jeito de acalmá-lo, pois não agüentava mais ele daquele jeito. Como era ela que cuidava do dinheiro, pois era de costume da região que a mulher cuidasse das operações comerciais, e elas eram quem davam a última palavra nos negócios, tratou logo de pegar um dinheirinho que tinha de reserva e deu ao seu marido dizendo que ele poderia

gastar tudo com a mulherada, pois se fosse pra ficar daquele jeito ele que fosse. Não perdendo tempo, já que há muito tempo estava numa seca danada, pegou o rumo da cidade. O sol ainda estava alto, mas estava próximo da hora de se retirar, e anunciar o término do dia.

Antes mesmo do sol se esconder, Tibúrcio já estava de volta na casa, causando espanto na esposa, pois ela só o esperava altas horas da noite, e pelo próprio trecho que ele teria que percorrer até a cidade não daria tempo para que ele tivesse terminado a sua tarefa. Então ela perguntou a ele.

- Ocê já ta de vorta? Não foi a cidade? Perguntou ela.

Tibúrcio ainda meio assustado, porém simplório e movido por um certo orgulho Dom Juanesco, contou à esposa sobre o ocorrido.

- Non Marica. Ieu non fui a cidade proque non foi preciso. Ieu tava indo pra cidade quando passei na frente da casa do compadre Petruchio, e a comadre me perguntô onde eu tava indo, e eu resorvi logo contá a verdade. Comadre intão disse: - “Pra que vai na cidade tão longe? Vem cá toma um chimarrão e quem sabe ieu de o remédio que o compadre necessita”.

Já de vereda cheguei. Compadre non tava em casa, foi na roça. A comadre fez chimarrão, conversemo muito e intão a comadre me mando ir pro quarto, que ia se lava um poco mas logo ia da o remédio pra mim.Comadre vem dá remédio pra mim e só cobra dois mil cruzeiro. Aqui está o troco.

Aterrorizada com o acontecido, Marica senta-se no banco de madeira, e num desabafo de indignação falou:

- A comadre teve a corage de faze isso, eu non acredito. Ela fez e cobro dois mil cruzero. Mais isso é um desaforo. Quando ele tava de dieta, quantas veis ieu tá servindo o compadre e non cobrar nada.

Este causo foi contado de diferentes maneiras por três pessoas sendo uma delas descendente de poloneses e duas que se definem como “brasileiros”.

Fica claro que a tentativa aqui é a de macular a imagem do imigrante ucraniano, pois dessa forma eles poderiam ser diferenciados do “tipo ideal” que os outros grupos idealizavam e desse modo criando diferenças. A hegemonia ucraniana em Prudentópolis sempre se valeu da ostentação de sua cultura, pois em todas as festas populares e cívicas lá estavam os ucranianos e seus descendentes mostrando o que eles têm de melhor, o que deve ser passado para todos.

ANEXO II (Contos Populares – Exemplo)

Perdido e a Pedra Branca

Nhô Quinzinho, depois de contar as façanhas e proezas de um virá[102] que habitava a mata em frente ao seu rancho, acendeu um cigarro, e com um suspiro acrescentou:

- Como o Perdido nunca mais!

- Mas afinal a história do Perdido, quando irá contar? Perguntou o curioso visitante.

- O velho passou a cuia de chimarrão e respondeu:

- Quando mecê tivé conhecido a Pedra Branca!

- Mas qual é a necessidade de conhecer a Pedra Branca para conhecer a história do cachorro ?

- Pois eu já lhe disse: Nhô moço vá conhecer a Pedra Branca que depois não precisa mais desses “PROQUÊ”.

Era a Quinta vez que ele respondia cada tentativa do companheiro de prosa de saber sobre a história do cachorro. Por isso, o visitante resolveu calar-se e prometeu a si mesmo que iria conhecer a tal pedra da qual tanto Nhô Quinzinho fala, e deste modo fazer com que ele conte a história já que a única desculpa era que ele não contava a história do cachorro, se antes não houvesse conhecido a misteriosa pedra.

[102] Pequeno cervo encontrado na região.

Passaram mais de quinze dias, quando em uma tarde, o curioso companheiro das cuiadas de chimarrão lembrou da promessa que havia feito a ele próprio e aproveitando que no dia seguinte seria um feriado, foi ele até o local onde estava a tão famosa pedra.

Naquela mesma tarde, trouxe o cavalo do potreiro e o fez pernoitar no piquete, para sair na madruga do dia seguinte, podendo assim voltar no mesmo dia, mesmo perdendo o tempo, dando uma sesteada no caminho.

Ainda era bem escuro quando ele subiu no lombo do cavalo e partiu. Ao lado direito, via na linha do horizonte uma faixa mais clara, indicando o nascer do sol.

Por toda a parte ouvia galos cantarem, às vezes muito distante, por vezes mais perto, um diferente do outro, mas que anunciavam o nascer de um novo dia. Ele vestia uma capa de pano grosso, que não permitia a passagem do frio constante que fazia naquele dia.

Agora, já bem mais claro, ouvia o latir de um péca[103], muito distante, também ouvia uma vaca mugir, pedindo ração, e o terneiro, separado da mãe durante a noite para aumentar a produção do leite. Na sua frente, no alto de um pinheiro ouvia o canto de um bem-te-vi.

Tudo isso, entretinha o viajante, tanto as belezas visuais, quanto as sonoras, que chegavam até ele como para desejar-lhe uma boa e rápida viagem.

O seu relógio de bolso já marcava onze e meia quando chegou ao seu destino.

---

[103] Péca é o nome dado a cachorros de pequeno porte que costumam latir constantemente à chegada de um desconhecido.

Sob o sol esplêndido e radiante daquele dia de inverno, deparou-se com a célebre Pedra Branca.

Entendeu então todo o sentido do dizer de Nhô Quim: “Conhecê a Pedra Branca” sim! Porque sem conhecer aquela beleza diabólica da natureza ninguém será capaz de imaginar, mesmo aproximadamente, o que aquilo possa ser.

Pedra Branca é um morro de pedra, isto é, uma só pedra, de proporção colossal, grudada por um lado à encosta da Serra da Esperança, situada neste município de Prudentópolis.

Há milhões de anos talvez, um fenômeno sísmico ocasional, um tremor de terra ocorreu naquela localidade, deslocando aproximadamente a quarta parte da pedra, sendo que a parte destacada formou-se de uma só rachadura, sendo arremessada pela fúria dos elementos a certa distância, onde depois cobriu-se de terra, sobre a qual hoje há mata.

Assim ficou o morro com um parapeito de elevadíssima altura, capaz de impressionar qualquer homem que tenha a coragem de se aventurar a chegar até a parte mais alta da pedra.

Novo abalo sísmico, mas com maior intensidade fez com que o restante do morro partisse exatamente no centro, e desta forma, a metade já desfalcada, com seu peso descomunal começou a tombar, abrindo-se na parte que permaneceu fixa, de cima pra baixo, como é natural. Então quando a referida abertura, em cima, chegou a aproximadamente seis metros, a matéria bruta resistente brecou para sempre o tombamento do formidável bloco, ficando assim, dois paredões internos lisos, e alvíssimos. Naquela posição ficou, está, e ficará para sempre, até o fim dos séculos.

O visitante que olha de baixo fica maravilhado com a beleza do quadro, e com medo da altura extraordinária. Eis então a Pedra Branca que o curioso conheceu.

Agora já podia voltar, pois já havia almoçado e o seu cavalo já estava bem descansado e alimentado já que ali existia fartura de folha de putinga, e também já havia bebido muita água. Montou-o e seguiu o caminho de volta.

Quando pôde avistar a cidade, o sol já se escondia por detrás dos pinheiros mais altos, então chegando até a encruzilhada que levava até o rancho de Nhô Quim, parou pensou, se daria tempo de um dedinho de prosa com seu velho amigo, e como a curiosidade era tão grande, resolveu ir até lá, já que o rancho não ficava tão distante de onde ele estava. Lá chegando, passando pela porteira, avistou seu amigo vindo a seu encontro, já que ele o havia avistado pela janela da cozinha. Então Nhô Quim pediu a sua senhora que botasse mais água na chaleira que havia chegado um companheiro para tomar o chimarrão. Chegando na varanda da humilde casa, NhôQuim deu-lhe um banco de três pés para que ele se assentasse e já preparava a cuia quando sua esposa lhe trouxe a chaleira com água quente para o mate. Enquanto ela se acomodava para fazer parte da conversa, contou ao velho qual era o propósito de sua visita, contando que acabara de chegar de sua visita à Pedra Branca.

Como promessa é dívida, Nhô Quinzinho começou a contar a história do tal cachorro. Disse que nem gostava de lembrar do fato, pois era um pedaço muito triste da vida, mas afinal...

Dizia ele:

- Em 1902, nós andava co falecido Sertório, fazendo as medição daqueles terreno, tudo por lá! Fazendo é jeito de dizê proque eu, o compadre Tibúrcio, e mais outros, era pra fazê picada, carregá aquela traquiberne de instrumentos, e tarecos de acampamento. Naquele tempo tudo era mata virge. Tivemo então de fazê uma picada em linha reta pela lomba da serra, que nos custô doze dia de trabaio.

No sexto dia de fazê picada, comecemo a iscuitá uivo de cachorro, na direção pra onde tinha de segui a linha. A noite de novo se iscuitava o uivo do cachorro.

Naquele dia fizemo uns três quilômetro de picada, o sór já tava entrando quando atingimo o cucuruto da pedra.

Carculo que fumo nóis os único cristão a pisa no arto da pedra. Saimo tudo do mato e fumo apreciá o Mundo, do arto da pedra.

Foi aí que senti a maior dor da minha vida, pois do outro lado daquele inferno aberto, tava em cima da pedra, deitado, cansado, sem força de uiva, um cachorro, que com certeza, correndo de um bicho, se deparo com o abismo, e pra não cai nele, foi obrigado a se apinchá do outro lado. E do outro lado?

Nhô Quinzinho interrogou com os olhos o visitante que respondeu:

- Tava condenado.

Isso era o que nóis tudo tava pensando e comentando. Seu Sertório, com pena do bichinho mandou dá um tiro no cachorro pra acaba com o

sofrimento, do animarzinho. Ao escutar essa ordem o compadre Tibúrcio protestou:

- Não atiro e não deixo que ninguém atire no cachorro.

- Mas então?

Percebi então que o cumpadre tava como eu, com o coração transpassado de dó, e quase morri quando vi ele disfarçadamente deixar cair uma lágrima pelo seu sofrido rosto. Então o cumpadre falo:

- Vô busca o cachorro pra mim.

Foi todo mundo pra cima do Tibúrcio.

- Tá loco home! Isso é o mesmo que se mata! Mas não teve consolo, o home tava decidido a resgata o pobre animarzinho, loco pra quere salva aquela vidinha que já se dava por perdida. Pego a foice e foi pro meio do mato e logo depois voltou com a mão cheia de cipó e assim foi amarrando e entrelaçando um a um e com, três paus de guaçatunga, fez uma espécie de jangada, improvisando assim uma pinguéia. Aí então é que nóis entendemo o que ele queria. Tentamos ainda várias vezes tirar aquilo de sua cabeça, mas não adianto. O home queria e pronto!

Ele garro um rolo de cipó, pois a tiracólo, munto a cavalo na pinguela e, cruzando os pés por baixo, foi atravessando a brexa naquele cavalo da morte. Todo aquele tempo nóis tava meio sem toma fôlego, e só tomou-se um ar mior quando o cumpadre atravessou do outro lado. Lá então garro um poço o cachorro, que mar podia bate a cola de alegre, e pegando do rolo de cipó, ato atado o animarzinho, para ele não se mexe, arciô nas costas, e monto de vorta

na ponte improvisada. Antes um poco eu gritei: Não óie pra baixo cumpradre. Ele não respondeu e veio vindo. Quando ele tava bem no meio do abismo ele olho pra nóis com um jeito de quem não agüentava mais, parecia que tava se despedindo de nóis , com um olhar de quem não tinha mais força suficiente para atravessar, então gritei pra ele:

- Força cumpadre, coragem.

Então conhecei a rezar bem baixinho, rezei todas preces que sabia e até inventei argumas, e até gritei bem alto para o meu santo de devoção, até que ele respondeu de lá:

- Não se aflijam companheiro, que eu só to pegando fôlego, se acham que eu me entregaria para um buraquinho desses, estão muito enganados.

Quando ele piso em terra firme, do nosso lado, deu vontade de puxa ele, com medo de que o buraco chupasse o home de vorta, mas minhas pernas tavam mole, não conseguia nem se mexer, e também ninguém se mexeu.

Foi assim que se sarvô-se o cachorro que estava condenado a morte. Perdido, foi o seu nome daí pra diante. Ando cinco dias nas costas do compadre dentre de um cesto, até que termino a picada e pudemo vortá pro acampamento grande. O tempo passou, terminou-se a medição, e cada um seguiu o seu rumo, o compadre morava umas três léguas da serra e como noís havia juntado uns dinheirinho com a medição, aluguei um terreninho pra prantá e lá se fui vizinhá com o compadre.

Perdido fico tão amigo de seu sarvadô que nunca vi mior cão de caça como aquele. Não ouvi fala de cateto porco do mato ou de quarque outro

animar que corresse mais de uma hora sem dá acuação. Era muito cinqüenta minutos e lá estava nossas armas sem munição e lá estava o Perdido comendo as pacuéras do bicho.

Lá moremo dois anos, e deu pra juntá uns dinherinhos e forgá pra pode caça por todo aquele lugar.

Assim nóis ia vivendo feliz da vida, mas como não se pode vive sempre desse jeito, já veio o destino marvado e nos tiro aquela vida gostosa. E é ai que começa a história triste, Nhô moço.

- Estou escuitando, Nhô Quim!

- Pois foi num Sábado de quaresma quando resorvemo ir de atrás de um tigre, moradô lá da serra e que segundo diziam estava trazendo prejuízo em criação aos colonos mais de perto.

Saímo de carroça já de tarde, e cheguemo já tava escuro na casa do colono, a duas léguas e meia da nossa morada. Pozemo na casa do home que naquele dia tinha perdido uma leitoa de meia céva, pegada pelo gatão.

Domingo de madrugada, depois de tratá bem o Perdido e o Guará (outro cachorro), garremo o rumo para onde nos indicaram como morada do pintado.

Dali um quilômetro e meio encontremo pegada fresca do bicho e sortemo os cachorros de atrás dele. Lá pelas dez hora Perdido começo a lati sem para e sempre em direção a serra, e dali a pouco não se ouviu mais nada.

O sór tava a pique e resolvemo armoça na beira de um arroio, e comecemo a conversá mas sempre dando uns toque de buzina pra vê se iscuitava argum sinal dos cachorros. Então o compadre levantou-se e trepou numa gaviroveira para vê se iscuitava arguma coisa e antes mesmo de chega

ao topo desceu gritando que o Perdido estava correndo na serra.Também se ouviu os grito do Guará, e o compadre falô que tavam vindo pro nosso lado. De fato a corrida tava vindo pro nosso lado e passo uns trinta metros ao nosso lado e vortô pro lado serra descendo novamente bem a nossa frente e subindo então em linha reta.

Cumpadre Tibúrcio saiu em disparada como se não pudesse perder tempo e eu fui de atrás, mas menos matreiro que ele, acabei ficando pra trás. Suando, se rasgando e derrubando o facão em qualquer coisa que se pusesse a sua frente lá ia o compadre abrindo o mato em direção da acuação. Assim foi até que de repente, termino o mato e ele se viu num lugar limpo, bem na boca da Pedra Branca, em baixo.

Encostado na Pedra estava o gatão com os dentes arregalado, tendo de um lado a uns quatro metros um cachorro com a guela aberta. Assim que deu de cara com o bicho pegou sua arma, debruçou ela na cara, e pertô fogo bem no peito do bicho, a espoleta estralô e a bandida da espingarda fartô fogo. Foi então que deu-se o desastre:

Animados pelos estralos, os cachorros, apertaram de um tudo a cuação, e o monstro se apinchou-se no Tibúrcio, que já de facão em punho, tento se defende, mas só pode corta uma oreia do animar, enquanto levava uma pegada na cabeça e outra no peito do lado direito. Assim que o bicho bateu no compadre o Perdido lhe pulo no cangote e lhe ferrô os dentes. Gritando de desespero o bicho sartô pra trás fazendo com que Perdido batesse com a cabeça numa pedra. Cheguei no momento certo e confiando na minha espingarda, pois só ela poderia sarvá nois tudo, dei um tiro certeiro e rebentei os miolos do danado. Só então pude ver mior o que estava se passando.

Encostado na pedra eu vi o compadre sangrando pela cabaça e com dois fios de costela quebrada, e logo na frente o monstrengo já sem vida, tendo no cangote o Perdido que na agonia da morte uivava para o seu sarvadô, como se se despedindo e com um oiar que parecia dizê: “Morro feliz e satisfeito, por sarvá a vida, aqui no sopê do abismo, daquele que a seis anos atrais sarvô a minha, la do arto da pedra!”.

Daí pra diante, Nhô Moço, disse Nhô Quim, me pôpe de le contá o resto, porque nem gosto de alembrá.

Ali o velho e seu visitante ficaram por vário minutos em silêncio, até que o primeiro dando um trago no seu paiero acrescentou:

- Pra incurta a história seu moço, seis meses depois morreu o compadre Tibúrcio, um tanto por tristeza e desgosto e outro tanto de doença, por causa da machucadura que tinha ganho.

Então o visitante viu Nhô Quim dar um suspiro de saudade, e percebeu que ele procurava alisar o cabelo para tentar esconder uma lágrima que rolava pelo seu rosto. Mesmo assim ele relatou um último fato:

- A úrtima vez que passei pela Pedra Branca, inda deixei em cima da cruz, já velha e apodrecida, e já tomada pelo mato, um galho de ipê, em menage a aquele animarzinho, pois como Perdido, nunca mais!!!

O visitante então despediu-se do velho, montou o seu cavalo , já estava quase escuro, quase noite. Ele levava um nó na garganta, seus lábios estavam contraídos e na imaginação ele tinha uma tempestade de pensamentos, onde se perdiam imagens de: Nhô Quim, Compadre Tibúrcio, Pedra Branca e Perdido.

(CARVALHO, Cosme Pinto. **Contos: Os que não vi me contaram**)
(Adaptado pelo autor)

ANEXO III – FOTOS

Barracão de hospedagem de imigrantes. (Acervo: Museu do Milênio)

Primeiras picadas (Acervo: Museu do Milênio)

Abertura das primeiras estradas da colônia (Acervo: Museu do Milênio)

A caminho da roça (Acervo: Museu do Milênio)

Casamento de imigrantes (Acervo: Museu do Milênio)

A Igreja e a devoção (Acervo: Museu do Milênio)

Barracas dos primeiros imigrantes (Acervo: Museu do Milênio)

Prudentópolis no início do Século XX(Acervo: Museu do Milênio)

Casa ucraniana no início do século XX(Acervo: Museu do Milênio)

Tradicional casa ucraniana (Acervo: Museu do Milênio)

Prudentópolis na década de 50 (Acervo: Museu do Milênio)

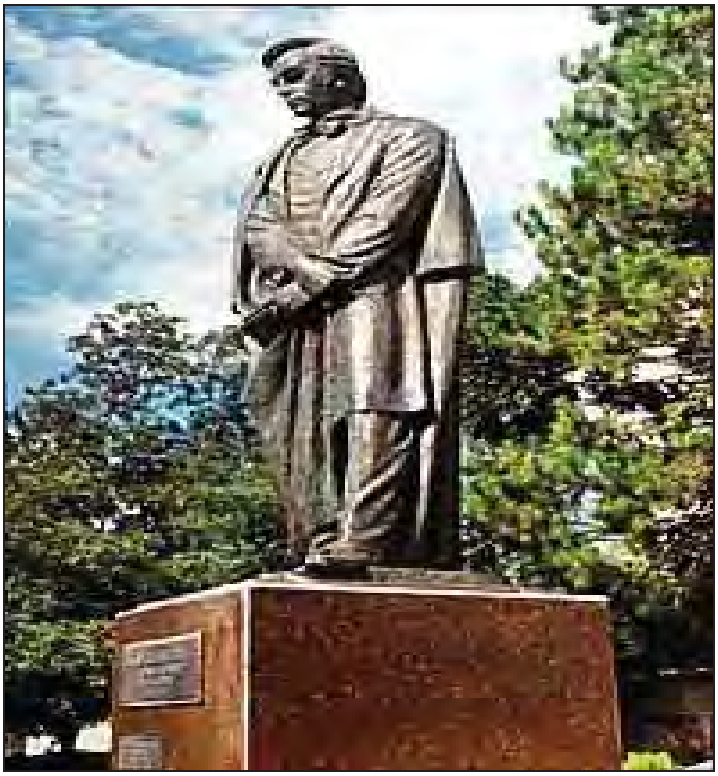
Memória imigrante (Acervo: Museu do Milênio)

Religiosidade (Acervo: Museu do Milênio)

Igreja São Josafat (Acervo: Museu do Milênio)

Ikonostás (Acervo: Museu do Milênio)

Detalhes do Ikonostás (Acervo: Museu do Milênio)



Estátua de Taras Chewtchenko (Acervo: Museu do Milênio)

Visita do Bispo Dom Efraim Krevei (Acervo: Museu do Milênio)

Igreja Ucraniana São Miguel Arcanjo – Linha Nova Galícia (Acervo: Museu do Milênio)

Igreja Ucraniana Transfiguração de N.S. Jesus Cristo – Linha Paraná (Acervo: Museu do Milênio)

Igreja Matriz São João Batista – Praça Firmo Mendes de Queiroz (Acervo: Paróquia São João Batista)

Santuário Nossa Senhora das Graças (Acervo: Paróquia São João Batista)

Banduristas (Acervo: Museu do Milênio)

Arte de pintar Pêssankas (Acervo: Museu do Milênio)

Grupo folclórico Ucraíno-Brasileiro Wesselka (Acervo: Museu do Milênio)